

# Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

or: J. B. MAGALHÃES

•••

Secretario: MARIO TRAVASSOS

•••

Gerente: A. CHAVES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO OUVIDOR, 164

ANNO XV

Rio de Janeiro, Outubro de 1928

N. 178

Edição de 48 paginas

## SUMMARIO

### EDITORIAL

MINISTERIO DO AR.

### COLLABORAÇÃO

Classes Armadas . . . . .	Calogerias
A Instrucção dos quadros e da tropa na 1.ª D. I. . . . .	(Transcripção)
O Problema dos Grandes Alcances . . . . .	Major Ferraz
Tactica de I. (V Conferencia) . . . . .	Ten. Cel. Hugues
Exemplo de programma para a apresentação de um esq. com eff. de guerra . . . . .	Major Colin
Anno de Instrucção de 1928 — IIº R. I. (Da Província ...) . . . . .	Ten. Cel. Outubrino
Thema de Artilharia (Tactica na Carta) . . . . .	Cap. Prati de Aguiar

### DA REDACÇÃO

Como se fazem os exercitos efficients — O Problema da Guerra no Perú — As manobras da Esquadra — Escola de Aviação Argentina — «Lembrae-vos da Guerra» Organisação e organização — A Nação e a sua defesa — Subsidios para os quadros de Reserva — Expediente.

**“Lembræ=Vos da Guerrã,”**

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — J. B. Magalhães

Secretario — Mario Travassos

Gerente — A. Chaves

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DO OUVIDOR, 164

ANNO XV

Rio de Janeiro, Outubro de 1928

N. 178

## EDITORIAL

## Ministerio do ar

Não ha, dentre todos os filhos de nosso extenso paiz, quem não deseje vê-lo sob trama de complexa rede de vias aereas.

De um lado, está a vastidão mesmo do territorio; de outro, dificuldades topographicas de toda sorte para as vias terrestres. O avião e o hydro resumem, não a duvida, o encurtamento mais rapido de todas as nossas phantasticas distancias.

Ademais, devemos contar com o factor sentimental. Berço de Bartholomeu e DuPont, não deve o Brasil deixar de ser herdeira nação aviatoria. O Cruzeiro do Sul, symbolo da nacionalidade brasileira, e ha muito que nos attrahe para o Céu...

\* \* \*

Infelizmente, porém, a aviação não é cosa ao alcance de qualquer povo. Pode dizer-se que o avião representa a propria synthese da industrialização nos nossos tempos. E' a resultante de todas as conquistas scientificas modernas, a propria condensação dessas mesmas conquistas aplicadas directamente á actividade económica dos homens.

Na paz ou na guerra a interdependencia económica dos povos é o factor predominante e o avião, cada dia mais, se effejava como o urdidor de todas as actuações desse factor.

Mas ha pesar-se o gráu de industrialização e intensidade económica da cada povo, para julgar-se de suas possibilidades reais. A complexidade e delicadeza das testões aviotorias são factores que impelem o estabelecimento "a priori" de qual-

quer paiz em potencia aerea. Foi o que levou Mitchel, do alto "plafond" em que se encontra, a distinguir os povos classificados em tres éras differentes: a "continental," a "maritima" e a "aeronautica."

E' bem verdade que até agora temos vivido abrangendo as duas primeiras, e hoje vamos attingindo a terceira. A natureza dos recursos materiaes para a vida continental e maritima, principalmente o seu custo e sua duração, inclusive as facilidades de reparação da machinaria, permitiu-nos o surto das communicações terrestres fluviaes e marítimas.

Penetrar, porém, na terceira esphera de actividade, iniciarmo-nos na "aeronautical-era" não será, como não vae sendo, das tarefas mais faceis. Se de um lado vamos assimilando razoavelmente e adquirindo a mentalidade dos "air-men" por outro, a incipencia de nossa actividade económica e industrial frente ás fragilidades e multiphas exigencias technicas da aviação determinos os passos.

Com effeito; todos sabemos os sacrificios que nos custa o pouco que temos como aviação militar e aviação naval; ahí está aos olhos de todos, o evoluir lento da aviação commercial, apesar de todas as concessões e da competição nos serviços aereos de duas companhias representando dois povos antagonicos; enfim, cumpre assignalar o estado rudimentar, verdadeiramente embryonario, em que se encontram nossas directorias de aviação, em terra como no mar, o que corresponde a deficiencias e faltas de toda ordem, como

# Directivas para a actuação de "A DEFESA NACIONAL"

(APPROVADAS EM ASSEMBLÉA GERAL DO GRUPO MANTENEDOR, EM 3 DE OUTUBRO DE 1928)

"*A Defesa Nacional*", consideradas a actual situação geral da Nação e do Exército e os interesses superiores da *defesa militar do Brasil*, consolida as normas que regem a sua actividade, nos seguintes termos:

- 1º) Quanto á sua orientação técnica e jornalística, propugnar:
  - a) pela realização methodica das reformas geraes e medidas especiaes que interessam á organisação efficiente da defesa militar da nação;
  - b) pela crescente solidez da estructura dos orgãos de execução, inclusive colaborando para o desenvolvimento da cultura general e profissional dos quadros, particularmente os do Exército Activo e sua Reserva;
  - c) pelo estabelecimento de constante intercambio entre o Exército e a Marinha nacionaes, symbolizado no principio da cooperação militar e naval;
  - d) pela integração dos elementos representativos das actividades civis na solução das

questões da defesa nacional — de que hoje não podem ficar de nenhum modo alheados — tal o carácter da guerra moderna e das modernas instituições militares, de terra e mar.

- 2º) Quanto ás normas a observar na publicação de originaes, obedecer ás seguintes regras:
  - a) Só aceitar a critica no bom sentido da palavra, como analyse dos phenomenos quanto seja necessário á comprehensão dos problemas ou a servir de base a soluções que se proponham;
  - b) Ser independente de credo religioso ou philosophico, bem como de doutrinas politicas, não veiculando ideias de propaganda ou combate a credos ou doutrinas que taes;
  - c) manter o carácter impessoal de seu texto, excluindo quaisquer referencias pessoaes, elogiosas ou depreciativas, directa ou indirectamente reveladas, salvo quando se trate de vultos historicos ou outros que o tempo já tenha sufficientemente afastado das contingencias ambientes.

tambem ás necessidades limitadas dos respectivos serviços.

\* \* \*

Toda essa arguição serve para demonstrar quão longe estamos de justificar-se a criação do **Ministerio do Ar**. Seria tão prematuro, senão grotesco, a criação de uma tal Secretaria de Estado como a criação do **Exército do Ar** sonho embalado por muita imaginação ardente.

O que temos e podemos manter como aviação de guerra não basta siquer para as missões decorrentes da propria actuação no campo de batalha e no theatro marítimo de operações, quanto mais para actuar como força independente, como a terceira dimensão da "guerra"! Não ha senão contentarmo-nos, por ora, com a terceira dimensão da batalha. Do mesmo

modo, sommando-se quanto possuímos em actividade aerea, onde o volume de technica e administração que justifique a criação de um Ministerio? Se o criassemos, o pouco que temos, principalmente em pessoal, seria quasi totalmente absorvido pela montagem dos Serviços do Ministerio...

Não ha duvida que precisamos coordenar e estimular esforços. As linhas aereas são uma necessidade e um perigo. As modalidades aviotorias são multiplas e devem ser concordantes. Mas, muito ha que se fazer antes que criemos uma Secretaria de Estado, principalmente entre nós que já yamos precisando de desdobrar alguns Ministerios existentes.

Coordenação e emulação dos esforços, eis o bom rumo para as correntes de opinião que se agitam em torno da criação do **Ministerio do Ar**.

# CLASSES ARMADAS

## Causas da incompreensão vigente

(CALOGERAS)

Com

DA R. — "A Defesa Nacional" translada hoje para suas páginas a conferencia pronunciada pelo Sr. Calogerás, o nosso ex-Ministro da Guerra, no INSTITUTO HISTÓRICO DE S. PAULO, a 6 de Setembro último. Sem favor, constitue documento da mais alta relevância para a BÓA comprehensão da SITUAÇÃO MILITAR DA DEFESA DO BRASIL.

Contribuindo para a maior divulgação deste estudo que resume, em nítidos e fortes traços, a EVOLUÇÃO DA POLÍTICA MILITAR BRASILEIRA, em seus aspectos mais geraes e políticos, "A Defesa Nacional" fica fiel a seu programma e tanto mais quanto a idéa principal nelle contida é a mesma que tantas vezes aqui havemos afirmado.

A synthese histórica que CALOGERAS elabora com maestria é uma demonstração do que vimos assinalando como uma das CAUSAS FUNDAMENTAIS de nossos retardos e insuficiencias militares e é tambem um vivo signal de esperanças em mais promissor futuro. Não conhecemos na literatura patria nenhum documento outro evidenciando conhecimento real e estudo conscientioso sobre as classes armadas, elaborado por elemento civil, como este que vem de ser apresentado pelo nosso ex-Ministro da Guerra.

Sem esquecer os trabalhos especiaes dos historiadores propriamente ditos, entre os quaes Rio Branco e Baptista Pereira, preciso é confessar que elle é o primeiro que apresenta o estudo HISTÓRICO DO PROBLEMA MILITAR BRASILEIRO, de molde a evidenciar os elementos essenciais á sua COMPREHENSÃO EXACTA E ORIGINAL. Parece incontestável que a PHILOSOPHIA DA HISTÓRIA sobreleva á propria historia nos benefícios que o homem pôde lucrar de tais conhecimentos. Mórteme isso se verifica na accão social e política, pelo discernimento que faz das ligações entre os diferentes phenomena. A política tem por mestra a historia quando para solucionar um problema, por ella pôde comprehendêr, pelas filiações que esta estabelece, a formação, a situação e as tendencias do phemoneno sobre que tem de actuar. Do menosprezo desta verdade, em relação ao phemoneno político da defesa militar do Brasil, tem resultado sempre "A INCOMPREHENSÃO VIGENTE", de longa data, e, portanto, a impossibilidade de achar as soluções convenientes á organisação ECONOMICA e EFFICAZ da defesa do paiz e da nação brasileira.

Com tal mal de origem não é de estranhar que os homens de bôa vontade nem sempre tenham actuado convenientemente sobre as classes armadas, visando fazel-as progredir.

INCOMPREHENDIDA SUA EVOLUÇÃO, seu papel social e político, têm-na considerado como elemento isolado da nação, confundindo-a com os individuos que momentanea e ephemera mente as formam.

Aliás, esta INCOMPREHENSÃO FUNDAMENTAL se tem aliado a outras e desviado as actividades da direcção verdadeiramente conveniente ao interesse nacional.

Assim, os que têm tentado refazer o EXERCITO, sem conhecer seu papel actual na paz e na guerra, sua evolução e as leis de sua constituição, têm pretendido resolver suas questões independentemente do conjunto nacional, agido insuficientemente sobre os quadros, despresado a importancia dos commandos e estados maiores, colhendo sempre, dess'arte, resultados mediocres ou negativos.

Isto representa tambem, evidentemente, uma INCOMPREHENSÃO, a que se poderia chamar DE SEGUNDA ORDEM, derivada da primeira e della intimamente dependente. A ella tem escapado raros personagens, entre os quaes é preciso collocar o ex-Ministro Marechal Mallet, com sua ENERGICA E BEM ORIENTADA ACTUAÇÃO SOBRE OS QUADROS.

O trabalho que hoje reproduzimos e para o qual pedimos a attenção dos nossos leitores tem para nós um outro valor, talvez ainda maior do que o já evidenciado. E' que servirá elle possivelmente de inicio a UMA ÉRA NOVA, em que os nossos homens de talento e políticos eminentes, emprehenderão decisivamente o estudo das vidas e indeclinaveis questões da defesa nacional, COMPREHENDENDO-AS CONSCIENTIOSAMENTE e assim encontrando AS SOLUÇÕES VERDADEIRAS, conforme as necessidades nacionaes.

Com excepção apenas do que se refere aos acontecimentos do período 22-26, AINDA MUITO RECENTES, o qual, em vista das normas da nossa Revista, fomos conduzidos a suprimir, transcrevemos na íntegra a conferencia Calogerás. Por esse facto, que aliás, parece, não diminuirá sensivelmente o grande valor do trabalho, offereceremos ao autor nossas escusas.

Entre as mais notaveis deficiencias na generalidade de nossos homens publicos, avulta a incompreensão de nossos problemas militares de terra e mar, tão grande, tão profunda, que della se pôde inferir ma causa vinda de remoto passado.

E, de facto, traçar-lhe a origem não é tarefa insolvel aos estudiosos de nossa historia.

A força publica official, portugueza, nos tempos

da colonia, mais se ligava á faina repressiva da irmandade, dos descaminhos, da fiscalização dos reditos, do que a empresas de defesa ou de accrescentamento nacional.

A conquista do territorio, a titulos varios, fôr principalmente obra das bandeiras de iniciativa privada, dentro em normas preestabelecidas, nas regiões cujos centros irradiantes eram Recife-Olinda, Bahia

e S. Vicente-S. Paulo. Na luta contra as invasões — francesas, na guerra do pão-brasil; batava, nas investidas do Nordeste; a um tempo flamengas, inglesas e francesas, na Amazonia — os chefes, e nem siquer a maioria delles, seriam elementos metropolitanos. Mas a tropa, a que pelejou, sofreu e venceu, fôra local de voluntários ou de corpos regulares, mas regionaes, onde as tres raças formadoras, juxtapostas, cooperaram: foram, principalmente, os terços.

E' preciso chegar aos conflitos de fronteiras da segunda metade do seculo XVIII<sup>o</sup>, no sector sulino, para se encontrarem corpos armados lusitanos operando de Santa Catharina até Rio-Grande e Uruguay, sempre, entretanto, com a colaboração de forças coloniaes.

No alvorecer do Imperio, o primeiro cuidado foi devolver para o reino as unidades transatlanticas, com excepção das praças e dos officiaes que livremente optassem pela nova nacionalidade. O nucleo armado que permaneceu era, pois, estritamente brasileiro. A elle se aggregaram os regimentos estrangeiros, quasi só allemão, recrutados pelo esforço incansavel e benemerito do major Schaeffer, cuja silhueta pittoresca e fundamente sympathica em seus contrastes, Mario de Vasconcellos tão finamente delineou no *Archivo diplomatico da Independencia*.

### LUTA CONTRA O CONTRABANDO

A tropa que se pagava, como serviço permanente, era pouca: guarda dos vice-reis, companhias montadas dos dragões, guarnições de fortalezas. A todas elles se devolviam incumbencias de rigor, compressão, polícia militar, luta contra o contrabando. Não lhes era sympathica a mentalidade popular; principalmente quando esta ultima era por instincto favorável á insubordinação contra o fisco e lei, como se dava nas Geraes, quanto ao aproveitamento das lavras de ouro ou de diamantes.

Pôde dizer-se que o prestigio dessa tropa remunerada era mínimo nos territórios de S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas. Gosava de melhor conceito nas antigas capitâncias do Norte, onde seu influxo brutal na vida corrente era menor, e nas do Sul onde se manifestava pela presença de corpos metropolitanos a serviço da demarcação fronteiriça ou de sua defesa. Ha tal ou qual coincidencia entre essa distribuição geographica dos sentimentos coloniaes para com o que naquelle tempo correspondia à noção hodierna de Exercito, e o phénomeno analogo em nossos dias. Causas outras vieram ora modificar, ora corroborar, tal esboço de conceitos affectivos, mas o arcabouço não se alterou fundamentalmente.

Continuou predominando a lição colonial: o recurso á colaboração voluntaria nos momentos de aperto, mesmo porque o esforço da tropa official, organizada, não despertava a mesma confiança inspirada pela que surgisse da adhesão livre das vontades individuaes. No fundo, a idéa regedora, erronea em grande parte, provinha do sentimento obscuro do contraste: mercenarismo, de um lado; concurso generoso, entusiastico e espontaneo, do outro.

Ahi se encontra a explicação de muitas feições de nossa actividade militar.

A Independencia, na nobreza de seu ideal impulsor, encontraria os soldados que precisasse para vencer. E venceu.

### NAS LUTAS CISPLATINAS

Nas lutas da Cisplatina, D. Pedro I herdára e continuava a politica imperialista de D. João VI. A

incomparavel influencia do sentimento libertador exercia-se do lado opposto a nós. Encontrava auxiliares fortissimos na indifferença do Brasil quanto a essa guerra alheia a seus interesses intrínsecos; na diplomacia britannica contrária á absorção pelo Imperio de toda a margem esquerda do Prata; além da animadversão geral da metade castelhana do continente sul-americano contra o que lhes parecia ganancia insaciavel da monarchia bragantina.

Dahi, a crise permanente dos effectivos, a aggravar a inepcia da administração militar, com excepcion unica do marquez de Barbacena. Como remedio, lançou-se mão do recrutamento, por tal mododioso e violento em sua execução que revoltou as populações, e teve echo eloquente nas denuncias trazidas ao Parlamento sobre os despropositos cometidos, especialmente no Ceará, em S. Paulo e Minas. Mais irritou o sentimento provincial contra o Exercito, tal processo de lhe guarnecer as fileiras. Pouco rendeu, ademais, além de desorganizar o trabalho agricola e industrial do paiz.

Nas Camaras, o assombro era grande ao se notar a fraqueza do vasto e povoado Brasil, ante o Rio da-Prata menos habitado e a braços com mil dificuldades. Não viam, ou não queriam enxergar, a valia dos imponderaveis moraes, a ansia da independencia, a defesa dos lares ameaçados. De um mal tinham noção exacta: a incompetencia da organisação militar no preenchimento dos claros e no utilizar abastecer as forças, a incapacidade do commando E, entretanto, accusando indistinctamente os responsaveis por tais deficiencias, e outros que eram as primeiras victimas de desmandos alheios, bem como os males da conscripção á pão e corda, nada faziam para lhes dar remedio efficaz.

Excepção unica, o general Cunha Mattos, mostrava á Camara de que era membro, estar inaprevidada a força nacional, a qual, com quatro milhões de brasileiros, poderia fornecer 400.000 soldados 200.000 milicianos, e apresentava um projecto de organizaçao nesse sentido.

Como geralmente acontece, passato il pericolo gabbato il santo. A paz de 1828, relegou tal plan para o barathro das boas intenções não realizadas. E continuou a velha directriz colonial, cuja caducidade já então se evidenciava.

### O PERIGO DAS DESORDENS REGENCIAS

Veiu, então, o periodo das desordens regenciaes. Na mais grave, a guerra dos Farrapos, os rebeldes em sua maioria, seriam naturalmente voluntarios mas entre as forças imperiaes era altissima tambem a percentagem delles. Em ambos os casos, o concuso de patriotas traduzia o prestigio e grão de valimento de quem os chefia.

Havia, nos postos officiaes em ambos os partidos, nomes acatados na população civil e que attraíam para seu lado, largo sequito de admiradores de apaniguados, tales Bento Gonçalves, Antonio Neto, David Canabarro, do lado republicano. E' ainda que explana a larga importancia de Bento Manoel tipo de condottiere da coxilha, levando a victoria para o lado a que se alliava; phénomeno social maior que politico ou militar, mas cujas consequencias só podiam assumir estes ultimos aspectos. Outro havia entre os imperiaes, como Chico Pedro, o futuro barão de Jacuhy, o Moringue, como o appellavam os Farrapos que lhe temiam os golpes.

A organisação da guarda nacional, a partir de 1831, obedeceu á idéa de systematisar a prestação de serviços militares pelos civis, organisando prelimi-

narmemente os quadros de commando. E é apenas fazer justiça, proclamarmos agradecidos a benemerencia do auxilio que trouxe em todas as nossas lutas, enquanto permaneceu instituição nacional e não degenerou em premio de feitos eleitoraes, condecoração barata e desprestigiada de façanhas de duvidoso valor, quer publico, quer moral.

Passada a phase de difficuldades internas, procurou o Brasil defender-se das consequencias damníñas dos tumultos partidarios de que Rosas, na Argentina, e Oribe, no Uruguay, eram os expoentes mais altos. Sem entrarmos aqui no exame dos factos do ponto de vista da politica internacional, e atendo-nos simplesmente ao problema militar, salientemos que se tratava de guerra curta, que, no mais alto grão, falava aos interesses immediatos da campanha riograndense, mórmente na fronteira em que se exerciam as depredações. Não admira, pois, que ao lado do exercito propriamente dito, affluisseem tantos corpos de voluntarios e de guardas nacionaes.

#### LIÇÕES DA GUERRA DO PARAGUAY

Repetiu-se o mesmo facto no inicio da guerra do Paraguay.

O imprevisto do ataque de Solano Lopez, o apresamento do vapor Marquez de Olinda e de seus passageiros, o tratamento aviltante infligido a brasileiros de destaque e revestidos de funções officiaes, agiram como insulto innominavel lançado em rosto ao paiz. Em massas compactas, acudiram vingadores do ultraje, e em prazo breve cresceram os effectivos combatentes, até chegarem ao maximo de 68.000 em 1866.

Mas, ahí, se tornou patente o vicio ingenito do sistema, contando com a guarda nacional e os voluntarios, isto é, com o cooperar espontaneo do elemento civil.

Quando em guerrilhas, em expedições de duração ephemera, contra adversarios de igual natureza, o entusiasmo se mantinha. O armamento era identico, identicos os methodos, reduzidos a avançar e carregar; usando lança ou espada, poucas vezes perdeiras, a principio, ou fusil Minié, mais tarde. Outras exigencias do combate seriam devolvidas a tropa mais instruida mas, quanto ao entrevero, bastariam os corpos montados de patriotas.

No caso do Paraguay, ao contrario, as feições seriam outras. Solano Lopez tinha nucleos mais treinados, e em numero largamento superior ao total posto em linha, a principio, pela Triplice Aliança. Além disso, a luta annunciava-se longa; e essa resistencia aturada é precisamente o *punctum dolens* das forças improvisadas com civis. Para manter a cohesão dos exercitos e sua estructura, conservar os seus effectivos, a autoridade coercitiva da lei é insubstituivel. A noção de dever e de sacrificio é privilegio das minorias, e a causa nacional não pôde ficar à mercê de elemento tão aleatorio.

Desde o primeiro anno da contendida, tal falha se tornou evidente, e dahi a série de medidas e de expedientes usados para preencher os claros das fileiras: propaganda intensa, alforria dos escravos que seguiam para as operaçoes, titulos de benemerencia e favores aos patricios que contribuiam para manter esse affluxo de gente, quer pessoalmente, quer organizando corpos, ou ainda remettendo sua escravatura. Ainda assim, difficuldades inauditas tiveram de ser vencidas.

Um dos obices maiores foi o espirito de independencia dos chefes voluntarios. Tinham mentalidade peculiar. Na guera dos Farrapos, era impossí-

vel contar com a sua permanencia nos acampamentos. Iam e vinham, conforme seus interesses privados aconselhavam. Discutiam ordens. Emfim, reproduziam no Brasil todos os defeitos analogos notados por toda parte, na *quota poloneza* como nos *clans* da Escócia, ou nos contingentes das colonias norte-americanas.

Em grande parte, a responsabilidade de semelhante situação tinha uma origem historica: a constituição especifica da grande propriedade no interior.

A unidade economica e social era a fazenda: nella, o isolamento pratico, oriundo das comunicações custosas; a fraqueza do poder central; o prestigio da riqueza; o prestigio das estirpes; faziam do fazendeiro um régulo. Seu poderio estadeava quasi absoluto, de vida e de morte, pois ninguem ousaria tomar-lhe contas. Mixto de feudalismo territorial e de solidariedade *clannescas*: agregados, rancheiros, vizinhos, na fazenda de cultura; vaqueiros, na de gado; tinham e cultivavam terras concedidas pelo senhor do latifundio. Seus dependentes e sua escravaria formavam ao mesmo tempo a mesnada do dono do solar, e lhe obedeciam como a seu chefe natural. Eram grupos homogeneos nos sentimentos constituindo forças materiaes poderosas. Nem sempre combinavam, e então explodiam lutas cruas.

Capitulo de sociologia bem nossa, difícil, empolgante e ainda não estudado a fundo, seria descrever a origem e a acção do meio sertanejo, em que as paixões retalhavam os longínquos páramos em facções hostis, a pelejarem a ferro e fogo; pequenas tropas combatentes, com justiça propria, suas regras, sua disciplina e suas obediencias no mais completo descaso da autoridade oficial. Nascia, dest'arte, uma como que juxtaposição de elementos oppostos e em conflito permanente. As causas variavam, mas todas confluíam em robustecer a lei do mais forte e do mais apto.

Nos dissídios partidarios, a pretexto de recrutamento ou de prisões ou de vinganças, *liberas* e *caranurás*, *lusias* e *sauquaramas*, *chimangos* e *cascudos*, moviam-se asperas guerras intestinas. Senhores de engenho, fazendeiros de gado ou de cultura, tinham historicas classificações politicas, não por idéas, mas por herança de familia, e degladiavam-se com o odio e ferocidade.

Crendices naturaes, tão costumeiras nos povos mestiçados, creavam os *santos*, os *conselheiros*, os *monges*, a desafairem autoridades ecclesiasticas e poder publico, inclusive com armas na mão. Vinganças de familia, *vendette* herdadas, supostos agressos, causavam identicos derramamentos de sangue e perdas de vida.

Vem de longe tal feição historica de nosso povo do interior. Chronistas antigos a relembram. Escritores modernos della já se têm ocupado. Historiadores a consideram facto social corrente.

Do feudo entre Camargos e Pires, em S. Paulo do seculo XVII, aos conflictos consideraveis de Chique-Chique e Pilão-Arcado de que tanto se preocupavam os politicos dos ultimos dias do Imperio; do exterminio reciproco de *bundões* e *marrões* no sertão bahiano ás proezas do bachelor Santa-Cruz no Nordeste; das revoltas dos *balaios* e dos *bentevés*; regencias, aos excessos dos *muckers*, dos *queblos*, dos famosos *fanaticos* de Canudos ou do testado; a cadeia é ininterrupta.

As guerras dos Militões, Guerreiros e Medrados no valle de São Francisco e na Chapada-Diamantina; os Brilhantes do Ceará; as prepotencias dos Breves na província do Rio; as de dona Joaquina do Pombéo e do Néco da Januaria em Minas; para citar

apenas alguns nomes e factos mais conhecidos, são manifestações de personalismo hyperesthesiao, em sentidos varios: de afirmações excessivas e sem freio do *faustrecht* decorrente da falta de repressão por parte do poder publico coordenador, ausente e incapaz.

No Sul, do mesmo modo. Si, por vezes, a tales conductores de homens e de bandos se tem chamado de *condottieri*, é sempre útil rememorar que o apelido se adapta a suas qualidades de comando e, na maioria dos casos, se não refere ao chefe de guerrilhas como um profissional a soldados de quem lhe paga o braço e o esforço, seu e da sua tropa.

Tales homens dominavam o interior. Iam elles proprios, ou mandavam seus representantes, a pelejar na batalha contra o Paraguai. Seu espírito de independencia trazia dificuldades sérias na direcção das operações. Os sacrifícios da luta, a se divulgarem, paralysavam as contribuições em gente, remetidas pelas províncias. As queixas dos chefes partidários locaes, iam, pelos deputados e senadores, ecoar junto ao Governo e crear graves attritos no theatro da luta.

Os "leaders" de partidos, muito sensíveis aos argumentos eleitoraes, não raro esqueciam o ponto de vista nacional, para servirem ás conveniencias de seus committentes. Desse reparo, quasi só está isento o Imperador, arbitro entre os grupos, o qual sempre comprehendeu nitidamente o problema militar e internacional que se solvia ali, de armas em mão.

Hoje em dia, publicados como estão inumeros documentos, mesmo as consultas secretas do Conselho de Estado, nas quaes se elaborava a alta política do paiz, não mais se pôde, de boa fé, negar que a rota internacional do Brasil tinha por base, como agora, a independencia do Uruguay e do Paraguai. Norma invariável, desde 1825, quanto a república mediterrânea, desde a abdicação de D. Pedro I quanto á antiga Cisplatina.

Por isso mesmo, e após as repetidas provas de colaboração dadas pelo Imperio, mais doeu no animo público o gesto violento de Solano Lopez, a pretexto das divergencias entre Uruguay e Brasil. Mas tambem a elle e a elle tão sómente, se atribuiu a responsabilidade do desacerto, e foi o que a Triplice Aliança inicialmente salientou, declarando que guerreava ao Chefe do Estado e não á nação paraguaya.

Sabiam Mitre, Flóres e os dirigentes brasileiros que o alvo do dictador era um Paraguai-Maior, indo até a foz do Prata, pela annexação de Entre-Ríos, Corrientes, parte do Rio-Grande do Sul talvez, e Uruguay. As circunstancias, mais do que a intenção, haviam desviado contra o Brasil elementos acumulados para realizar a ampliação e desafogo dos territórios centraes.

Os alvos ameaçados pelo governo de Asunción, eram Argentina e Uruguay muito mais do que nós. Tambem nós, entretanto, nos sentiamos fundamentalmente golpeados, por ser vital para a nossa politica um Uruguay independente, além dos deveres moraes decorrentes do pacto que nos ligava a duas outras nações. Mais tarde, pelos sucessos na Republica Oriental, por sermos a massa maior no esforço conjuntivo para o Imperio, principalmente os golpes adversario.

Por tudo isso, sabiam os espíritos clarividentes que, dado o absoluto ascendente hereditário de El Supremo, senhor de vida e de morte em sua patria, sómente com o seu afastamento do governo do paiz, se poderia reconquistar uma situação de paz real e

estavel. Foi o que D. Pedro II comprehendeu e firmemente levou adeante.

Continuando no Paraguai ou em sua proximidade, Solano centralisaria conspirações e tentativas para restaurar a situação de 1864, com todas as suas consequencias perturbadoras, accrescidas as paixões anteriores de odios comprehensiveis e sede de vingança.

Melhor fôra, e todos o desejariam, que Lopez fosse preso e exilado para a Europa. O facto de sua morte em Cerro-Corá, porém, accidente prevável e normal em combates, não altera os termos do problema e da solução. O principio posto era e continua acertado. Reeditava-se o episodio do desterro de Napoleão para Santa-Helena, no qual a política britannica tão bem estudada e justificada foi por Lord Roseberry.

Além do Imperador, essa visão, nacional e internacional das occurrences, não lograram ter sinistros raros políticos. Em sua grande maioria, tinham olhos postos de preferencia na justa ansiedade e nas queixas de suas províncias. Em vez de se formar durante a guerra frente unica contra o inimigo, como o Exercito o fazia, na dôr, no sangue e no sacrificio, no theatro das operações, á retaguarda os interesses partidários se degladiavam e seguiam a luta através da conveniencia dos respectivos grupos. A mesquinhez caracteristica do profisionalismo nas competições eleitoraes.

No começo da guerra, eram os liberaes que governavam. O Conde de Porto Alegre e Osorio eram seus homens, ambos dignissimos e já cheios de serviços, que iam crescer ainda notavelmente no decurso da luta. Ministro da guerra, era Angelo Ferraz, um dos mais completos homens de governo da monarquia.

Correram as coisas normalmente, até que o desastre do primeiro assalto a Curupaty, em 22 de Setembro de 1866, produziu no Imperio o abalo terrivel que se conhece, a exigir concentração das melhores energias nacionaes para recobrar alento.

Não que o Exercito nosso houvesse fraqueado ou tivesse responsabilidades em iniciativas infelizes ou inopportunas: o ataque fôra ordenado por Mitre, contra o parecer do commando brasileiro. Mas o desanimo imperava no espírito publico e a opinião exigia se entregasse a direcção das operações ao chefe militar de maior prestigio, aureolado de victorias, que era Caxias.

#### CAXIAS E O GABINETE DE 3 DE AGOSTO

O então marquez era, de facto, insubstituível. Mas pertencia ao partido conservador, e o gabinete Zacharias ao liberal, e o indicado commandante-em-chefe era sabidamente inimigo pessoal do ministro do Guerra, Ferraz. Com a mentalidade extremada dos corrilhos, a escolha do marechal era uma derrota para os liberaes, e acima de tudo um terrivel constrangimento para o presidente do Conselho, estreitamente e ferrenhamente homem de partido.

Caxias accedeu logo ao convite, pois se tratava de servir á Nação. Pediu apenas confiança e auxilio sincero, que lhe foi promettido. A exoneração de Ferraz, inevitável no caso, daria arrhas da fraqueza no cooperar dos dois adversarios políticos. Pouco durou a *entente*, si é que já mal existiu completa. Os liberaes mal toleravam o prestigio crescente do general conservador. Os jornaes mais ligados ao gabinete, nas Camaras os amigos do Governo, tudo convergia para crear obices e desgostos ao velho herói, que, entretanto, unico estrategista que se revelou na

ra, com o destemor de oficial jovem, renovava, sessenta e cinco annos, em Itororó, a façanha de parte em Arcole!...

Não comprehendiam os politiqueiros da retarda que trahiam a Patria, enfraquecendo com discussões miseraveis, interesseiras e mesquinas, a autoridade de quem, nas batalhas, era o portavoz do Brasil!...

Que Zacharias haja promovido tais despropósitos, não se pôde afirmar. Mas que os tolerou, é to inegável. As provas não são nem raras, nem fáceis.

Era o presidente do Conselho, mão grada eleita pelas qualidades pessoais de cultura e de carácter, sonagem de segunda plana entre os homens puídos do Imperio. Sua bitola mental e moral era o tido e as conveniências deste. Perante elas, calava mesmo em suas convicções, como quando votou a liberdade dos nascituros, elle, partidário da medida, a combateu duramente por se originar de posta de seu adversário Rio-Branco. A Caxias, utilizou amargamente, sem treguas e ás claras, a queda do gabinete de 3 de Agosto. Cabo eleito e "leader" do partido, nunca seria e nunca foi nem de Estado.

Princípio corriqueiro de bom-senso é a indispensabilidade da coordenação e harmonia de esforços no dirigir guerra. Como poderia o commandante-em-chefe, credido pelas costas, dar desempenho cabal a sua função? Caxias pediu dispensa do comando, dando razão oficial sua saúde quebrantada; em carta ao ministro, porém, embora confirmasse seu estado estudinario, declarava que o motivo real era a desdade do Governo, o seu respeito.

No paul das refregas partidárias onde se agitavam os actores da empreitada demolidora, silenciou o zau dos accusadores. O pedido de demissão servia como ameaça pretoriana, aos ouvidos de te desacostumada a ouvir argumentos e cogitações puramente nacionaes estranhas ás preocupações de corrilhos. E, entretanto, Caxias agira sempre discretamente, para que, perante o inimigo, e contenda na qual a honra da bandeira estava em jogo, não prosseguisse o enfraquecimento fatal, resultante da conspiração partidária de brasileiros irritados. Era uma invocação ao bom-senso, ao patriotismo, à regra eterna que manda calar dissídios ante o adversário. Nada tinha de militarista, de pelotiqueiros, porém, cujo polo era o governo, posições, os grupos, tal chamada à razão valia por despertar rude, um aviso de que acima do partidário achava o paiz. E passaram a vêr no Exercito perigo de subversão do mundo político, e do agravamento das situações.

Nas forças em campanha, igualmente, tanto desse do interesse público lançou a semente da desconfiança e da indignação contra os *bachareis* da guarda, a cuidarem a bom recato de conveniências lucrosas pessoais, enquanto todo o sacrifício pesava sobre as classes armadas, cujo ideal corporativo era onra da Patria, a gloria nacional.

Bem o comprehendeu D. Pedro II, e coerente com a sua propria convicção, aproveitou o ensejo a pôr termo á situação paradoxal de uma guerra, que se achavam em antagonismo a direcção das nações e o Governo. Da crise de 1868, data o imediato divórcio entre o poder civil e tropa.

Tal feição dos espíritos dominava o Exercito mais do que na Esquadra. Provinha a diferença da desigualdade da tradição nessas duas esferas da Defesa Nacional. Atraz de si, a tropa destre tinha três séculos de lutas crueldades, sob

aspectos variados, bandeiras, guerra do pão-brasil, expulsão dos hollandezes, lutas contra Castella. A marinha, exceptuada a reconquista da África portuguesa, em 1658, pela frota luso-brasileira de Salvador Corrêa de Sá, começara a existir na Independência e nas lutas platinas de 1825 em diante.

Hoje, mais bem estudados os factos, sabe-se perfeitamente quão digno e valoroso foi seu proceder na campanha Cisplatina, em nada inferior ao papel das forças de terra. Mas sempre era irmã mais nova. A beleza de sua conducta no Paraguay, decisiva para permitir as operações do exercito aliado, tem a realçal-a: Riachuelo, em que Barroso antecipou de um anno a tática de Tegechoff em Lissa; e Huayatá, onde Delfim Carlos de Carvalho, com quatro annos de intervallo, renovou o "danni torpedoes" de Farragut deante de Mobile.

Ao tempo do incidente com o gabinete Zacharias, em 1868, já a esquadra terminara sua admirável missão combatente, e as dificuldades surgiam apenas com o exercito.

Cada vez mais se accentuava o afastamento entre as forças e os políticos; não com o Imperador, mas com os demais participantes em faixas governativas. O remedio seria estudar o problema militar e lhe achar soluções; mas tal ponto de vista não era o dos partidos. Em parte, consideravam estes que bastava ter contacto directo e estreito com os grandes chefes, e cada grupo buscava o seu entre seus correligionários. Olvidavam, contudo, a grande lição de que a solidariedade profissional e a camaradagem eram mais fortes do que os aspectos partidários. Caxias, conservador embora, respondia por todo o Exercito, e sua lealdade absoluta ao trono não permitia auxiliasse a desafeição que já começava a lavrar entre seus commandados; escurecia, assim, uma face nova ameaçadora que se ia delineando para os partidos constitucionais.

Ossorio, cuja nobre figura os liberaes cortejavam, mas que, apesar das tentativas, se não separaria de seu general-em-chefe, faleceu em 1877. Seguiu-o-ia, tres annos depois, o grande soldado do Imperio, factor maximo da unidade nacional, Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias.

E nos dias que se anunciavam difíceis, os partidos, descuidados da defesa do paiz, enveredavam de mais a mais, rumo de ter cada qual seu anelito, seu fetiche fardado, que lhes pudesse assegurar o apoio da força. Floriano Peixoto, e o Senador General Camara, Visconde de Pelotas, eram liberaes. Ainda se não preenchera a vaga de Caxias mas já amanhecera no oriente político o sol nascente de Deodoro. Erro dos grupos contendores: na tropa todos eram soldados, muito mais do que profissionais da política.

#### DESAFFEIÇÃO À MONARQUIA

Iam-se acumulando as dificuldades. De 1868 a 1873 haviam surgido e tomado feição definitiva os acontecimentos plasmadores do fim do Imperio. As instituições, feridas e desmoralizadas pelos próprios monarquistas, estavam perdendo prestígio e força. Dos liberaes, uma ala fundaria o grupo radical, e, deste, a vanguarda avançaria até a República. A grande propriedade, a aristocracia territorial vira sua fortuna ferida, quiçá mortalmente pela lei libertadora dos nascituros negros. O clero sentia o golpe regalista da questão religiosa; um schismata pairava como possibilidade.

Já nascera a corrente de desafeição institucional, e, com todo o esforço os adversários do Imp-

rio buscavam intensificá-la, para apressar o advento da República.

No Exército, a barreira única era a pessoa do Imperador, isso mesmo na oficialidade que fizera a guerra, na qual D. Pedro II tão nobre e clarividentemente cumprira seu dever. Na Marinha, mais ainda, essa dedicação exercia influência, sendo limitado o número dos contrários à ordem monárquica estabelecida.

Tudo isto, quanto a D. Pedro II. Relativamente ao Terceiro Reinado, predominava surda oposição a seu advento; com maior intensidade nas classes armadas.

Nos próprios meios políticos, além dos factores de antipatia citados, um erro de tática fôra cometido. Em toda a monarquia, o herdeiro da coroa é, e deve ser, uma esperança, para a qual se voltam os desgostos de todo regime, maximamente de um reinado longo. Deve ser poupado, no intuito de não gastar precocemente semelhante força em reserva. Ora, a Princesa Imperial, por três vezes fôra regente, e tivera de arcar com situações decisivas em assumptos vitais para o paiz e os grupos partidários. Ela presidiu às duas leis máximas, a do ventre livre e a da abolição, e centralisaria o ódio dos *landlords*. Ela propugnará a amnistia dos bispos, em 1875, e provocará a animadversão dos regalistas e da maçonaria.

Dahi resultara que a essa nobilíssima Senhora, honra do Brasil e redemptora de uma raça, se apon-tava como simples e estreita beata dominada pelo clero, e incapaz de governar, porque não tolerara o crime escravista que lhe offendia por igual a alma profundamente católica e o espírito liberal. Não houve calunia que se não puzesse em gyro, principalmente através dos próprios monarquistas, auxiliados nesse ponto pela propaganda republicana, sem escrupulos na escolha de armas.

Não é faltar à gratidão e ao respeito devidos à memória do magnânimo D. Pedro II, dizer que desconheceu a função das forças armadas no organismo político da Nação, missão que lhes era peculiarmente devolvida como apparelho de educação cívica em um meio inculto e de tendências dispersivas, arma de combate e appetites de mero goso, e instrumento de união territorial.

Philosopho e idealista convicto, cedeu por demais às generosas utopias do triunfo crescente do bem sobre o mal, do direito sobre a força. Após a guerra do Paraguai, onde todos, apesar de erros, haviam nobremente cumprido seu dever, se tornou flagrante o contraste entre o carinhoso cuidado liberalizado ao ensino, à economia do paiz, ao prestígio deste no exterior, e o quasi descaso reinante quanto às coisas militares.

Em paiz que, originariamente, só por dever político e sábia intuição dos pro-homens da Independência e das Regências, se não erigiu em República; no qual esta solução cedo ou tarde, se tinha de imposta, era óbvio que nos meios universitários e de ensino superior a propaganda democrática encontraria farto elemento de apoio. O próprio Imperador dava o exemplo. Tornou-se público que seu genro, o Conde d'Eu dissera que a Família Imperial nunca se opporia à vontade nacional em assumpto de governo.

Sobre questões sociais, escreveu Comte que era dever incorporar o proletariado na sociedade moderna. Formula igual se poderia empregar quanto às classes armadas no Brasil. Desde 1868-70, inicio do divórcio entre elas e a vida política do Império, se tornava evidente que a tarefa seria reincorporá-las

na Nação, em vez de se manter o isolamento em viviam, formação estranha ao organismo nacional.

Ainda hoje, attenuado embora, esse é sempre dever precípua.

Para que o sentir das forças se confundisse e o do Brasil todo, fôra mistério estreitar os laços entre ambos; nunca fomentar, ou mesmo, apenas, permitir se constituíssem elas elemento extrínseco no clima do paiz. Factos políticos como o de 2 de Setembro de 1852, em França, e o 15 de Novembro aqui, só se comprehendem inteiramente rememorando a segregação em que a tropa tem vivido quanto resto da collectividade nacional, no descaso, que no desdém da farda.

Nos ambientes políticos e governamentais, pastas militares gozavam de apreciada consideração, não raro, se destinavam a neófitos na carreira ministerial. Angelo Ferraz, Junqueira, Affonso C. Thomaz Coelho, são *rari nantes*, exceções na tradição de quasi setenta annos.

Ao invés do imprescindível cuidado na formação dos officiaes de terra e mar, procurou-se orientar nas escolas especiais rumo de cogitações intelectuais mais altas e mais gerais do que o mero preparo profissional, considerado de nível subalterno. Pela mesma época, começou a disseminar-se a lição positivista, admirável disciplina mental, que, nos institutos civis, tanto nos do Exército e da Marinha seduziu os espíritos mais brilhantes.

Na Praia Vermelha, especialmente, dominou atraíva a voz oracular de um grande homem de beleza republicano puro, de immenso prestígio entre os discípulos, Benjamin Constant. Nem só se formaram ali gerações anti-monárquicas, como se elaborou uma mentalidade anti-militar. Della sahiriam engenheiros, pensadores incompletos, sem o amadurecimento necessário: officiaes do officio, seriam rudes. Delles, até hoje, data a crise profissional do Exército. Menos ignorariam a *Synthese subjectiva* do que os regulamentos militares.

Além disso, o assalto crescente dos liberais dos conservadores contra o trono, suas recriações reciprocas a desmoralisarem as instituições, encalhados pelos revolucionários, a exagerarem a mesma como recurso de guerra. Quando se iniciaram questões militares, houve largo período em que a destruição da disciplina correu por conta quasi exclusiva dos monarquistas, e é preciso chegar aos tempos do gabinete Cotegipe, em 1887, para que os liberais, finalmente, abrissem os olhos para a obra suicida em que haviam inconscientemente operado. O mal, entretanto, já estava feito.

#### O SOLDADO-CIDADÃO

A incomprehensível teoria do *Soldado-cidadão* havia realizado sua propaganda deleteria. Mão dada, porque se fizera agitador profissional. Mão cidadão, contra as lutas eleitorais ou de idéias de divergência, sempre inermes, tenderia a usar a violência, com as próprias armas que a Nação lhe confiou para a defesa do paiz.

Erro ainda maior: invocando o ideal corporativo de honra e de sacrifício que caracteriza as classes armadas, usavam-se, como petrecho de combate, a moralização sistemática e injusta, a calúnia contra servidores do paiz, errados talvez, mas errados sem má fé, e que os demolidores não estavam na tura de julgar.

Cabe aos republicanos a responsabilidade capaz de tal exagero, não havendo elles medido a gra-



de das consequências dessa inutil e imperdoável  
apanha de odio.

Em tal ambiente, não podia o valor profissional  
muito elevado. Mas orientados, exaltados pela  
ploração interesseira dos civis envenenados pela  
liticalha indígena, illudidos pela feição extrinseca  
deformada dos acontecimentos, começaram a se  
sviar de sua missão, considerando-se arbitros mo-  
res da vida nacional.

Os republicanos, impacientes, não quizeram vêr,  
talvez não vissem mesmo, que o termo do Imperio  
incidiria com o desaparecimento de D. Pedro II,  
ido então normalmente, calmamente, sem abalos  
ra o paiz. As tendencias democraticas de 1817, de  
22, de 1824, de 1831 e de 1842, traçavam a evolu-  
o do crescente esforço anti-monarchista. O mani-  
sto republicano de 1871 era começo de realização,  
e, aos poucos e com vigor ascendente, se desen-  
lheu até vencer em 1889. *Era in fatis.*

Espiritos menos observadores e incompletamente  
par de nossa Historia, viram no 15 de Novembro  
tra léva de broqueis, abertura de uma phase de  
anúnciamos segundo o modelo sul-americano.  
ta simplista, arraigou-se na opinião, favoneada e  
talecida pelo desabafo dos adversários do regimen  
vo, ou dos ingenuos que, na formula libertária,  
nhariam virtudes intrínsecas, mirificas, capazes de  
odificarem a triste fallibilidade dos homens, o im-  
rio dos factos, e o eterno conflicto dos interesses.

Nemesis impropiciável, vingou-se a natureza hu-  
ma. Os republicanos, que imaginavam ter nas for-  
sas elemento plastico e obediente, viram, deante de  
a contenda das mesmas paixões e dos mesmos ap-  
petites, armados, porém, do poder material que falle-  
aos civis.

No effervescencia reinante, com o programma  
generador que alardeavam e com a inexperiencia  
vernativa que os caracterisava, iam e vinham do  
o para os Estados todos, emissarios fardados, missi-  
minici do novo evangelho politico. Em geral, iam  
sumir a direcção partidaria das antigas províncias,  
ssão de commando mais do que incumbencia adminis-  
trativa, ou fazer-se eleger para cargos legislati-  
vos. Nos Congressos, quer da União, quer dos Esta-  
dos, figuravam os menos affeiçoados aos arduos la-  
res da profissão, os mais propensos ás lides elei-  
tivas.

Foi um grande mal. Para as forças armadas,  
n representaçao digna de seu valor e de sua faina.  
ra o publico, a confundir toda a classe com os mé-  
cabilides de fardas com assento nas assembleias.  
ra o paiz, que não teve ali vozes autorisadas a  
tar com proficiencia de assumtos militares. Para  
estímulo profissional, perturbado nas promoções  
a intervenção indebita dos camaradas políticos e  
o acesso, embora por antiguidade, destes ultimos;  
ndo-se o escândalo de alferes e tenentes chegarem  
generalato, por serviços... parlamentares. E, en-  
tanto, cabia-lhes a responsabilidade de conduzir  
pas e velar pelo vida de seus commandados.

Com isto sofreram fundamente os órgãos da  
fesa Nacional, postos em suspeição pela opinião  
blica; por esta apenas tolerados como mal nec-  
essário inevitável, irremovível porque dispunham dos  
mentos de coeção material precisos para suffo-  
quer qualquer protesto.

Cada vez mais, afundava-se o fosso divisorio.  
do conspirava nesse rumo. Civis, de todas as ca-  
torias, olhavam desconfiados para o uniforme. Fa-  
um garbo de sua indifferença e de sua ignorancia  
taes matérias. Exercito e Armada eram o mal, o  
migo, o desordeiro nacional, que só não era ex-

tirpado por simples impossibilidade de agir contra  
elles.

Creararam-se duas mentalidades antagonicas no  
seio da Nação. Nos meios militares, com treinamento  
intensivo, dominava a idéa de subordinar o elemento  
civil. Este intrigava e procurava conquistar o auxílio  
da força, para pol-a a serviço de seus designios  
políticos. Nada mais facil, pois falando ao brio e ao  
sentimento do pendor que são a essencia da psyché  
das classes armadas, sabiam seduzil-as em favor das  
pretenções, não raro censuraveis. Na historia de  
nossos tumultos internos, o Exercito quasi sempre  
se tornou o editor responsável de machinações pa-  
isanas, a dominarem na penumbra dos bastidores.

Allieavam-se os elementos populares. Nestes, a  
senha era o abandono dos problemas da defesa, afim  
de que a responsabilidade de quaesquer mallogros não  
recahisse sobre civis. Como si a responsabilidade,  
em toda a vida nacional, se restringisse a categorias  
determinadas e não existisse perante o paiz inteiro!... E contra o liame de cohesão, improvisaram-se  
as pequenas brigadas estaduaes, destinadas a combater as tropas da União!... Nesse lamentavel phe-  
nomeno de fuga ao dever, onde ficavam dedicação e  
sacrifícios pelo interesse da Patria Commum?

Assim, políticos de visão curta fizeram do Exer-  
cito e da Armada, profissionaes e não profissionaes,  
um perigo para a integridade do Brasil, elemento dis-  
solvente da unidade legada pelo Imperio. Crearam,  
com as policias militares, novas forças de esphacelo  
unional.

Tal foi a éra lamentavel da politica militar, ba-  
seada na antipathia, na desconfiança e no medo.  
Haviam olvidado que nenhum regimen é duradouro  
e forte que se estrie na suspeita, na falta de com-  
prehensão reciproca e na ausencia de amor!...

#### REACÇÃO SALUTAR

Não podia perdurar erro tão grosseiro.

A reacção veiu. Não dos grupos de tenentes, na  
proclamação da Republica, promovidos a postos su-  
periores com o decorrer do tempo, candidatos muito  
praticos aos confortos das posições, "révolutionnaires  
arrivés et nantis", na causticante phrase franceza.

Sim, de um pugillo de oficiaes estudiosos, liberto-  
s de influencias extra-profissionaes; e de um nu-  
cleo de civis, convencidos de que, para solver um  
problema, é preciso estudal-o, conhecer-lhe as exi-  
gencias peculiares, e dar-lhes satisfações conve-  
nientes.

A esse grupo de iniciadores benemeritos, deve-  
mos saudar, os brasileiros, pois lhes cabe a honra da  
renovação de nossas forças. Podemos symbolisal-os  
no pesoal digno, competente, desprendido e patriota,  
os *jovens turcos* que se aggregaram em torno da ex-  
cellente revista technica, *A Defesa Nacional*. Civis e  
oficiaes quizeram que o Brasil cessasse de repre-  
mir o perigo militar ou de toleral-o por impotencia,  
e mostraram que o dever consistia em eliminá-lo, in-  
tegrando as forças armadas na Nação. Gloria lhes  
seja!...

Vae para mais de vinte annos o inicio desse mo-  
vimento, e fôra lastimavel ainda se revelar tão atra-  
sado, si se não soubesse o terrivel morbo que tanto  
paralyxa nossa actividade governativa: a falta de con-  
tinuidade administrativa.

Grandes cooperadores, em grâos variaveis, da  
obra salvadora, foram Rodrigues Alves, Affonso  
Penna, Encelsão Braz e Epitacio Pessoa, entre os  
presidentes da Republica. Julio de Noronha, Hermes  
da Fonseca, Alexandrino de Alencar, Caetano de Fa-

ria, Alberto de Aguiar e Veiga Miranda, entre os ministros das pastas militares.

Mas, accessos recurrentes da phobia á farda e de ignorancia dos problemas da defesa, em maior numero se poderiam citar os homens de governo que desconheceram ou abandonaram taes preoccupações. Alguns mesmo, pautaram sua accão por uma estranha norma de hostilidade, de malevolencia aos quadros, de systematica destruição das energias moraes e dos recursos materiaes que dão vida e efficiencia ás classes armadas.

A semente progressista, entretanto, tinha poder germinativo por demais intenso para que a pudesse estiolar o mão trato do cuidador da seára. Brotou e surgiu á luz, em meio das proprias urzes. Mesmo agora, seis mezes de energia de tratamento, lhes restituíram brilho e renovado vigor. Não o enxergaram, porém, os myopes da politica desintegradora da unidade nacional. Foram além, mesmo, e provocaram perseguições que geraram o levante ultimo. E, no entanto, acabavam de ser dados grandes e solenes exemplos do progresso da noção de obediencia á Lei, sem cogitar das personalidades que a representavam.

Passou o pesadelo. Nos conselhos governativos voltaram a predominar os interesses nacionaes sobre as paixões individuaes. A justiça, a regra, a ordem, aos poucos vão retomando a preeminencia que, por tanto tempo, lhes havia sido negada.

Esse, o ambiente normal que se deve manter e expandir.

Uma unica politica é possivel e aconselhável a bem do paiz: comprehensão mutua entre civis e militares; cordialidade na collaboração; ingerencia esclarecida, altruísta e competente, em grão crescente, por parte dos homens publicos estranhos á farda.

Já deram exemplo os militares; mesmo por parte dos revoltosos, e com maioria de razão entre os legalistas, está vitoriosa a noção de que a Republica ou ha de ser civil, ou desaparecerá no vortice da caudilhagem agaloada. E nesse rumo agiram ambos os grupos.

Aos civis, portanto, cabe estudar o mecanismo complexo do que é uma fróta de combate e seus anexos; do que são as divisões e os exercitos. Sem serem technicos, conhicerem da technica o bastante para formarem juizo e cooperarem na criação e na manutenção inflexível e progressista da defesa nacional.

Na situação vigente, pouco são os politicos, dignos desse nome, conhecedores de taes assumptos, e nisso vai grave perigo para o paiz. Porque o que está em jogo é uma vasta organisação complexiva, que deve abranger todas as energias nacionaes, em todas as suas manifestações. E, sob as ordens do presidente da Republica, é o ministro quem preside a essa grande obra puramente administrativa de fornecimento de recursos de todo genero. A parte technica, que o encarregado da pasta governativa deve poder apreciar para a auxiliar indirectamente, sem nella intervir, é competencia dos technicos, no Estado-Maior, na tropa e nos serviços.

E, salvante excepções, o commando é máo aprendizado para o ministerio. Neste ultimo, ha considerações politicas, legaes, financeiras de administração e de economia, que, dentro no Exercito ou na Armada, raras vezes tem occasião de se manifestar;

e por outro lado, o commando exige qualidades peculiares que o mencio de uma pasta não admite, outros meios, sim. Bastam, para o provar, os exemplos innumeros dos officiaes de todas as classes se notabilisaram na direcção das relações exteriores da viação, da agricultura e da fazenda. Egual difficultemente se apontaria nas demais.

E enquanto se não vulgarisarem conhecimentos militares nos homens publicos capazes de serem membros dos gabinetes, tal penuria de competencias c será uma fraqueza para nós.

A orientação de nossa politica quanto ás forças de terra e mar decorre de todos esses antecedentes historicos, e da lição dos factos. Integrar a Nação com a incorporação das classes armadas. Unir inseparavelmente civis e militares; intimidade não impõe nascida, ao contrario, da convicção profunda de que a Patria não pôde viver, nem garantir seu surto pacífico e progressista, sem assegurar os meios de manter a paz. *Si vis pacem, para pacem*, no domínio internacional; mas possuindo os elementos para manter respeitável nossa ansia apaixonada pela conciliação, que se não possa nunca acoimar de fraqueza, tendo sempre os recursos para seja ouvida e executada plena efficiencia nossa palavra de cordura.

Para provar a sinceridade de nosso religioso respeito pelos direitos alheios, do nosso amor á liberdade humana e á fraternidade internacional, ahí está mais de um seculo de vida como Nação independente.

**O CHEFE** "O chefe deve ser, simultaneamente, bravo, confiante, organizador e energico:

*bravo* para servir de exemplo vivo para seus homens; *confiante* para transfundir, na alma de sua tropa, chegado que seja o momento, chamma sagrada sem a qual esta não se bate; *organizador* para criar a disciplina, que é a base do successo por isso que a desordem é o primeiro symptom da derrota; *energico* para saber defende suas ideias e, desde que tomada uma decisão, fazer executar suas ordens custe o que custar.

Acima de tudo elle deve possuir julgamento sôlo e a imaginação criadora.

(GEN. SERRIGNY)

"Ha duas grandes queixas contra a nossa actual lei de promoções. A primeira é simples — a lei não sabe evitar os insufficients; a segunda, com exigencias maiores, accusa o mecanismo della de inadaptação ás condições novas do Exercito."

# COMO SE FAZEM OS EXÉRCITOS EFFICIENTES

"A antiguidade é, sem dúvida, título dos mais respeitáveis, mas não é o mais respeitável dos títulos. Os Exércitos em que se tem concedido demasiada importância ao princípio da antiguidade, têm sido sempre batidos. Aquelas em que o princípio do merecimento não se tem subordinado à importância relativa da antiguidade, têm sido sempre vitoriosos."

DE BRACK.

## I METHODOS DE ACCESSO E PROCESSOS DE SELECCÃO DOS QUADROS NO EXÉRCITO FRANCEZ

Não obstante ser sobejamente conhecido o valor tal dos quadros para a efficiencia dos exercitos também o cuidado que merece sua formação em o mundo civilizado, vamos mostrar, linhas abertas como o Exército Francez, o exercito dos grandes ts, o exercito que foi incontestavelmente o diretorioso da guerra contra os imperios centrais, e que realizou o valor real que o caracteriza. Sem dúvida, a nação franceza fez prodigios na guerra, mas é incontestavel que esses prodígios foram preparados pelos chefes do exercito ou se realizaram porque estes puderam comprehender os valores da nação franceza.

Em ultima analyse foram os quadros francezes venceram os quadros allemães, não que a estes lhe preparam tecnico propriamente dito, mas por suas insuficiencias, hoje perfeitamente conhecidas, existiam no alto commando.

As indisciplinas da campanha da Rumania e a halia manifestada na primeira batalha do Marne, synthetizam as nuances que abateram o colosso ar de além Rheno.

Foi a cultura primorosa da Escola Superior de Paris, foi o esforço intelligente, que forneceu a unidade de doutrina no Exército Francez, dando a plena autonomia dos individuos, comoamento da victoria.

A cada um sua função e cada um á altura das insibilidades dessa mesma função, eis o único de qualquer organização collectiva.

Nos exercitos, destinados a operar sempre em entos de crise, porque a guerra é uma crise que escreve por uma curva de maxima e minima, a blina intelligente é primordial ao sucesso e, por a constituição da hierarchia requer, mais que qualquer outra organização collectiva, atenção al.

Se, de facto, os chefes, de qualquer grão, não em suas funções em toda plenitude, nada hão capaz de superar esta falha, quando o inimigo rás portas.

Os longos periodos de paz fazem muitas vezes ilidecer estas verdades, reveladas dolorosamente tarde quando já não ha mais tempo para ilhas e quando os grandes culposos por sua culpa já se confundem na noite dos tempos e das insibilidades indeterminadas.

Nos exercitos, porém, organizados, que não perdem a consciencia de seus destinos e que sabem que organização seria ilogica, incoherente, abstrusa, e visasse a finalidade da guerra, o cuidado no fomento dos quadros, na constituição, na manutenção de sua efficiencia e portanto na existencia a de uma hierarchia quanto possível real, é tirado por fervoroso e ardente zelo patriótico, te energetic e esclarecido para vencer as imposições dos pontos de vista pessoas, das meditações incompletas e das influencias inglorias. A syndicância seguidas na formação dos quadros

francezes, detentores actuaes dos "records" da sabedoria da guerra, apresenta aspecto proprio ao grão de evolução do povo e exercito francezes. São elles o ideal para os povos e exercitos que as podem assimilar. Para outros de diversos costumes e sem as suas formidaveis tradições, só haverá ahí a copiar o espírito que preside a tais regras. De resto, essa é a sabedoria que adquiriram os argentinos e foi essa mesma sabedoria que evitou a desagregação do exercito chileno revolucionario.

\* \* \*

Em resumo, podem assim ser consubstanciadas as regras e praxes seguidas no recrutamento dos quadros e na constituição da hierarchia do Exercito francez:

I. — Nenhum oficial pode ser proposto a promoção por escolha sem haver atingido á primeira metade do quadro de seu posto.

II. — A promoção faz-se por arma até o posto de coronel, no conjunto do Exercito.

Os officiaes com o curso de E. M. concorrem com os das armas a que pertencem.

Para a promoção a general concorrem os coronéis de todas as armas, mas na prática procura-se dar a cada arma uma parte proporcional ao respectivo quadro de coronéis.

III. — A proporção entre a promoção por antiguidade e por merecimento é a seguinte:

2º Ten. a 1º Ten. — promoção automatica após 2 annos de posto;

1º Ten. a Cap. — um terço por merecimento, dois terços por escolha;

Cap. a Maj. — metade por merecimento, metade por antiguidade;

Maj. a Ten. Cel. e Ten. Cel. a Cel. — sómente por merecimento.

IV. — A promoção por merecimento se faz por meio de quadros de acesso, organizados nas proximidades de 1º de Janeiro e publicado no Diário Oficial.

Esse quadro não se estabelece para o generalato. As promoções são propostas pelo General Inspector do Exercito (actualmente Marechal Pétain) e as propostas não são publicadas.

V. — A organização do quadro de acesso se faz do seguinte modo:

Nos Corpos, E. M. e Serviços, todos os officiaes que atingiram a segunda metade do quadro são propostos pelo seu chefe e se os ha varios, com indicação de uma ordem de preferencia.

Tal proposta ascende depois ás Brigadas, Divisões, Corpos de Exercito e Ministerio da Guerra (Direcção de Arma ou Serviço). Em cada um desses escalões faz-se a fusão das listas, indicando a autoridade a ordem de sua preferencia e fazendo as anotações que julga convenientes. Desse modo pôde

haver inversão na ordem das 1-a ostas de um escalaõ a outro, passando, por ex., para numero 1 na lista do Corpo de Exercio um candidato que tinha o numero 2 na lista da divisão.

Excedendo o numero de candidatos ao numero fixado para a promoção, os excedentes ficam para o anno seguinte.

**VI.** — Desde alguns annos passados se estabeleceram tres categorias para o merecimento, chamadas dos *antigos, medios e jovens*, para os quaes o M. G. determina cada anno, seis meses antes da organização do quadro de *acesso*, os limites maximo e minimo, como os da antiguidade no posto. Mas, em cada categoria, a organização do quadro se opera como foi visto acima.

**VII.** — Chegadas as listas ao M. G. são fundidas em tres listas unicas conforme as tres categorias acima expostas e correspondendo a estas cada uma.

**VIII.** — O numero de officiaes a constituir o quadro de *acesso* é determinado todos os annos pelo Ministro, por propostas das Direcções conforme a previsão das vagas no correr do anno.

**IX.** — A proporção entre *antigos, medios e jovens*, fixada cada anno, tem por principal objecto equilibrar as condições do *acesso* nas diferentes armas e assegurar por eliminação sucessiva, resultante dos limites de idade em cada posto, o recrutamento do alto commando em boas condições de valor e de idade.

A isto chama-se "administrar o *acesso*".

**X.** — Em média as proporções observadas nas promoções, tendo em vista este objectivo, são as seguintes:

2/10	para promoção de jovens;
5/10	" " " medios;
3/10	" " " antigos.

**XI.** — O quadro de *acesso* é, em regra de produção integral das Direcções de Armas e Serviços. Uma vez fixado, funde as tres categorias de escolhas, inscrevendo os officiaes conforme a sua ordem de antiguidade de posto.

No entanto, o governo tem o direito de inscrever nesse quadro officiaes que não foram propostos, desde que tenham a condição de antiguidade prevista, como o de eliminar os que achar conveniente.

Além disso, no correr do anno o governo pôde inscrever nesse quadro officiaes por feitos de guerra ou serviços excepcionais, mencionando tales feitos no fim do quadro e não conforme sua antiguidade de posto.

**XII.** — As promoções só se fazem trimestralmente, no dia 25 dos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro, na proporção de antiguidade e merecimento indicada para cada posto e seguindo a ordem do quadro de *acesso*.

**XIII.** — Os officiaes inscriptos no quadro de *acesso* de um anno, que deixem de ser promovidos por falta de vagas, encabeçarão o quadro de *acesso* do anno seguinte, sendo assim respeitado o direito que adquiriram pela inscrição anterior.

Esse direito é, porém, relativo, não tendo o mesmo valor daquelle que assegura a propriedade do posto, podendo o governo, em vista de faltas cometidas pelo official, eliminá-lo do quadro de *acesso*, mas em acto público e com a declaração dos motivos.

**XIV.** — O "brevet" de E. M. é condição que influencia poderosamente na organização dos quadros de

*acesso* e de tal modo que os 9/10 dos Coronéis Infantaria e Cavallaria, actualmente promovidos Generaes de Brigada, possuem o *brevet* de E. Na artilharia e engenharia a proporção é menor (a 6 decimos) por causa da existencia dos *vales technicos*, indispensaveis a certas funções.

\* \* \*

Nesse admirável regime em que se caldeiam principaes elementos da excellencia do Exercito Francez, ressaltam, e para elles pedimos a attenção do leitor, os factos seguintes:

**a)** — a nenhuma influencia exerce na carreira oficial o facto de servir em Paris ou nas colônias, em vista do modo de organização do *quadro de acesso*;

**b)** — a preocupação e a possibilidade de atraer-se a carreira d'aqueles que se distinguem por sua intelligencia, sua cultura e seu valor profissional;

**c)** — a preocupação e a possibilidade de manter os *quadros em equilibrio*, pela maior ou menor proporção estabelecida entre *velhos, medios ou jovens*, o que permite assegurar nos postos superiores e no generalato a *energia e o entusiasmo indispensaveis* e que são difficilmente encontrados a de certos limites de idade;

**d)** — o prestigio resultante para todos os chefe-pela influencia que todos exercem nas promoções;

**e)** — a importancia decisiva que tem o cargo de E. M. para a acceleracao da carreira, mormo nas armas essencialmente tacticas (infantaria e cavallaria), o que aumenta a concurrence espontânea à obtenção de tal curso e permite, em consequencia, a realização de uma *selecção rigorosa* e indispensável.

Por outro lado, essa importancia, permite criar um *commando moço, convicto, plenamente responsavel* e ao par das necessidades geraes de tarefas de ordem no emprego de forças na guerra.

\* \* \*

Tal como assinalámos de inicio, não apresentamos as regras francesas como modelos a copiar literalmente e sim como exemplo da applicação de certos principios da efficiencia dos exercitos. Esses principios variam, não em substancia, mas em modo, applicação com factores geographicos e historicos, factores politicos e sociaes. Onde quer, por que se deseje crear um orgão capaz das graves responsabilidades da defesa nacional, preciso é que a observância seja total e sem deslizes.

A seguir, daremos outros exemplos de applicação desses immutaveis principios no ambiente de outros povos.

"Não será demasiado repetir-se que sem quadros capazes de bem conduzirem a nação á batalha e a prepararem para esse acto decisivo, qualquer esforço ficará perdido e todo despendio inutil."

# O problema da guerra no Perú

CARACTER E NECESSIDADES DA GUERRA — LINHA DE COMMUNICAÇÕES

(O que se segue é um extracto do artigo publicado na "Revista de la Escuela Militar de Chorrillos — Perú", para o qual chamamos a atenção dos nossos leitores).

Ao Sr. Major Goubaux, ex-membro da I. M. F. do Perú, propôz o Sr. Major Carlos Dellepiane, do Exército peruano, quando em França, as duas seguintes questões:

a) Que ensinamentos táticos e que armamento se deveriam adoptar e quais se deveriam rejeitar, dos colhidos pela experiência da Grande Guerra, dado o carácter da guerra do Perú, guerra de movimento e em terreno montanhoso?

b) Que linha de comunicações é mais vantajosa e fácil de estabelecer para ligar o Perú aos países produtores, supondo que falta o domínio do mar?

\* \* \*

A resposta à primeira destas perguntas dada pelas características gerais da guerra na América do Sul e particularmente no Perú, quais são:

— impossibilidade da guerra tomar uma forma de estabilização sobre uma frente continua, dadas as condições gerais dos países e os exercitos em luta;

— a insuficiência dos centros de produção e as dificuldades de comunicações e falta de meios de transporte, que limitam o material de dotação dos exercitos e seu reequipamento.

As consequências espontâneas de tais características são as seguintes:

1<sup>a</sup> — impossibilidade e mesmo desnecessidade de utilizar certos materiais pesados como artilharia pesada e carros de combate;

2<sup>a</sup> — necessidade de reservar o máximo capacidade limitada dos transportes para armas que têm eficácia na guerra de movimento e portanto deixar de adoptar a grande de mão, etc., de pouca eficácia em tal caso;

3<sup>a</sup> — ao contrário, deve-se adoptar o armamento que por sua leveza e mobilidade tem maior eficácia nessa espécie de guerra tais como a metralhadora pesada, a metralhadora e, as granadas V B, a artilharia de montanha de grande alcance;

4<sup>a</sup> — necessidade de se desenvolverem os meios de ligação e transmissões, que têm particular importância num país cortado como o Perú e obrigado pelo terreno a actuar por colunas isoladas, e, portanto, adoptar o telephone, a T. S. F. e todos os meios ópticos;

5<sup>a</sup> — a aviação aqui será de acção mais reduzida, empregando-se de preferência na defesa da costa e para as missões de informação. É ella uma arma cara que exige para seu pleno emprego recursos e uma organização do país, que o Perú não possue.

Podemos agora concluir qual será a conducta tática conveniente. A infantaria e a cavalaria, como na Europa, basearão sua acção na importância da potência do fogo, que conserva aqui toda sua importância.

A artilharia não pode, porém, agir sem modificações no seu modo de emprego, porque aqui o material é reduzido, o renúncio limitado como os meios de observação, ao passo que na Europa o material é abundante e de poder considerável e o renúncio praticamente quasi inexequível e os meios de observação muito ricos (aviões, balões, etc.).

\* \* \*

A segunda pergunta encontra resposta no exame da situação geográfica do Perú.

Tendo em consideração o adversário provável, sensivelmente mais forte no mar, a linha de comunicações deve orientar-se para a fronteira terrestre.

As condições a preencher por esta linha de comunicações são as seguintes:

1<sup>a</sup> — não estar exposta a "toute offensive brusquée" do inimigo e que possa servir de base às operações até o fim da guerra;

2<sup>a</sup> — ter um traçado que a ponha, no correr da guerra, ao abrigo do inimigo ou de seus possíveis aliados;

3<sup>a</sup> — atingir a um porto livre (no caso do Perú, no Atlântico) que assegure as comunicações com os centros produtores do mundo (Europa e Estados Unidos);

# As Manobras da Esquadra

Cerca de dois mezes mais, e estará terminado o anno de 1928.

Pode ser feito um rapido balanço da actividade da frota nesse tempo, em comparação com o periodo equivalente em 1927, e apreciar, de um modo geral, o reflexo de certos factos sobre o problema sempre palpítante do adextramento de nossas forças navaes.

No corrente anno, em tudo o que se refere á movimentação e ao exercitamento das unidades de superficie, houve sensivel declinio; menor numero de navios fizeram-se ao mar e menos frequentemente deixaram as aguas da Guanabara, em demanda das paragens habituaes de exercicio.

O contrario, porém, sucedeo com a Flotilha de Submarinos.

Restaurados devidamente em 1927, os tres submersiveis entraram em constante actividade que se tem prolongado, com

pequenos intervallos, por todo o aru fluente.

A aviação naval, por seu turno, dotada de algum apparelhamento novo intensificou a instrucção do pessoal, ha muito prejudicado pela falta de material adequado a esse objectivo.

Muito embora se deva reconhecer sem duvida, que mais lucrou a Marinha em 1928, em todos os serviços das armas complementares, — submarinos e aviões — a verdade é que esse facto auspicioso não apaga nem equilibra o decrescimento da actividade dos elementos primordiaes da esquadra, que são as suas unidades oceano.

Nos tres typos essenciaes que a constituem, couraçados, cruzadores e navio-torpedeiros, assistimos á immobilidade do "S. Paulo," ao quasi desmantelamento do "Barroso" e á paralysação de diversos contr-

4º — permitir a organisação de transportes de grande capacidade (via ferrea e fluvial).

As unicas fronteiras terrestres do Perú por onde podem ser traçadas linhas de comunicações satisfazendo taes condições são as da Bolivia e do Brasil.

As que atravessem a Bolivia vão ter a Buenos Ayres, na Argentina e, do lado do Brasil, deve-se considerar sómente a que passe por Iquitos e Amazonas.

A linha de comunicações via Bolivia teria a grande vantagem de apresentar sobre quasi toda extensão uma via ferrea dobrada em grande extensão por uma via fluvial de grande rendimento. Esta tem, porém, o grave inconveniente de atravessar a Bolivia e estar exposta aos ataques do Chile, cuja fronteira fica proxima. Além disso, nasce esta linha de comunicações na região (*lago Titicaca*) sul do paiz, onde só é possivel constituir uma base secundaria de operações.

A linha que se dirija para o Brasil, paiz cuja neutralidade não é duvidosa, constituirá uma linha de comunicações central.

Uma vez melhorada a linha por Iquitos e Amazonas terá todas as condições desejaveis:

1º — Sahe da região *Cerro de Pasco-Tarma-Huancayo*, que escaparia a todas as tentativas do inimigo e que, por sua situação e recursos, constituiria a base de todas as operações offensivas ou defensivas que se pudessem desenrolar em qualquer região do Peru. Suas vantagens naturaes muito ainda aumentarião melhoradas as comunicações com outras regiões do paiz (estrada de ferro Huancayo-Cuzco);

2º — Seu traçado atravessa apenas o Brasil cuja neutralidade não é duvidosa;

3º — Prolonga-se de Iquitos pelo Amazonas que a liga em curto á Europa e Estados Unidos pelo Atlantico;

4º — A unica desvantagem desta linha é a solução de continuidade entre o planalto e os afluentes navegaveis do Amazonas. Mas esta desapparecerá praticamente uma vez terminada a via ferrea de Pichis, em contracção.

Em resumo, para que o Perú assegure sua defesa - indispensavel que tenha organizada suas comunicações com o exterior e interior. Em taes condições, precisa terminar a via ferrea de Pichis, preparar a via Centro-Iquitos e terminar a via Huancayo-Cuzco.

Estes são os tres trabalhos de maior urgencia para assegurar a defesa nacional.

spedeiros, inclusive a de seu navio-apoio, *Tender "Belmonte."*

Varias dessas unidades no anno passado movimentavam-se, e em aguas da baia Grande pôde reunir-se, então, o maior effectivo de nossas forças navaes e já foi possivel concentrar sob um commando em chefe. Mas não é caso para sanimo. São phenomenos passageiros, ises transitorias que, parece, o Governo apparelha para enfrentar definitivamente, reconstituindo o nosso poder naval sobre a base solida das boas finanças e da ujança economica do paiz.

O equilibrio orçamentario no presente exercicio, necessario á execucao do plano lanceiro iniciado, obrigou á reducção de tações consignadas na lei de meios, para versos departamentos da administração publica.

No Ministerio da Marinha redundam essas providencias no adiamento dequisições e das obras de maior vulto necessarias aos dois couraçados, e na diminuição da capacidade de mão de obra seu Arsenal principal, com a dispensa grande parte do operariado fluctuante. Deve-se, porém, consignar com regozijo que as obras do futuro Arsenal da das Cobras não sofreram o menor dano e tiveram, do Poder Executivo no do Congresso, o mesmo apoio, o mesmo interesse que tem permittido o seu seguimento methodico.

Certamente é esse o emprehendimento maior e mais urgente necessidade para Marinha; mas não está longe, sem duvida, o dia em que as disponibilidades do souro darão margem, antes de qualquer a aquisição de material fluctuante, à modelação completa de nossos dois gran-encouraçados, conforme os estudos iniciados em principios de 1926. Seguiremos, nesse terreno, com absoluta segurança-technica, os exemplos suggestivos da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Argentina e do Chile, se não nos detivermos a simples reparações que restituam às mais possantes unidades da esquadra seu valor primitivo, mas procuramos, tal-as ainda mais poderosas, mediante adaptações convenientes que a sua resistencia estructural e outras constantes do problema permittirem á architectura naval lizar, semelhantemente ao que fizeram navios congeneres os paizes citados, e nós mesmos, no Brasil, levámos a

efeito nos cruzadores "Bahia" e "Rio Grande do Sul," recentemente.

As considerações que acabamos de fazer e nos ocorrem deante da immobiliação de cerca de 40 % de nossa esquadra nos periodos de manobras do corrente anno, revelam, tão sómente um pequeno aspecto particular do problema do momento que defronta a administração naval, complexo e de extrema variedade, e que nos deterá ainda, de outros feitos.

## ESCOLA DE AVIAÇÃO ARGENTINA

A escola de Aviação Argentina passou por varios periodos de actividade: 1912 a 1915; 1915 a 1920; 1920 a 1922; 1922 a 1925; e o periodo actual.

No periodo actual conta a escola com 2 grupos — um de preparação dos alunos, outro de pratica de officiaes já diplomados.

No anno passado os cursos começaram com 16 alumnos sendo 12 diplomados.

Os apparelhos empregados na escola são o "Avro" motor Le Rhone 110 H. P. e "S. V. A." motor S. P. A. de 220 H. P.

A escola fornece os seguintes diplomas:

Aviador militar (para officiaes)

Observadores militares (para officiaes).

Piloto (praças de pret)

Para obtenção do diploma o piloto segue um curso theorico-pratico.

O theorico dura 4 meses.

O pratico divide-se em tres partes:

**Primeira parte** — Com professor — 7 a 9 horas de vôo em "Avro."

**Segunda parte** — "Laché" até completar 25 horas de vôo praticando acrobacia, manobrando entre nuvens, com mal tempo; aterrando com vento por traz e de lado etc.

**Terceira parte** — Provas no exterior do aeródromo — vôo em formação.

Para ser "aviador militar" deve o piloto ser navegador aereo — praticando vôos de duração e de orientação, de altura e em formação. Instrucção de tiro e bombardeiro. Reconhecimentos a vista, signaes, croquis, radiotelegraphia e reconhecimentos photographicos.

# A instrucção dos quadros e da tropa na 1<sup>a</sup> D. I.

(Continuação do tema por correspondencia,  
distribuido em 31 de Janeiro deste anno)

## 1<sup>a</sup> PARTE DO THEMA

Em face das informações mandadas pelo 1<sup>o</sup> R. C. D. sobre os acontecimentos havidos até ás 16 horas do dia 31 de Dezembro, na região de SANTA CRUZ, o Cmt. da 1<sup>a</sup> D. I. decidiu reforçar a cobertura.

Admitte-se que a ultima dessas informações tenha chegado ao Q. G. em DEODORO, ás 18 horas.

Em consequencia da decisão tomada, expediu a ordem seguinte, que foi precedida das ordens preparatorias necessarias:

### 1<sup>o</sup> Exercito

#### 1<sup>a</sup> D. I.

E. M. Q. G. em DEODORO, 31  
3<sup>a</sup> Sec. de Janeiro ás 19 horas.  
N.º S + 1  
Carta:.....

*Ordem particular n.º 0 + 1*

para o Destacamento

- I — Informações (Vd. o tema).
- II — Fica constituído, sob o commando do Gen. Cmt. da 1<sup>a</sup> Bda. de I., um Dest. composto:
  - 1<sup>o</sup> R. I.
  - 1<sup>o</sup> R. C. D. (menos um Esq.)
  - 1/<sup>o</sup> R. A. M.
  - 1 Sec. da Cia. Sap. Min. do 1<sup>o</sup> B. E.
- III — Missão — Restabelecer a antiga frente de cobertura, ora em poder do inimigo; em caso de superioridade deste, barrar, a todo custo, a sua progressão entre a SERRA DO MENDANHA e o massiço ao Sul de SANTISSIMO.
- IV — P. I. — Passagem de nível (E. F. C. B.) a 1.700 m. a S. O. da ESTAÇÃO DA VILLLA MILITAR. O 1<sup>o</sup> elemento do grosso passará ás 20 h. 30 m., pelo P. I.

- V — Ligações e transmissões.
  - a) T. S. F. — A' disposição do Cmt. do Dest. um posto de D. I., de ondas contínuas.
  - Indicativos.....
  - Comprimento de onda .....

b) Telephone — Rêde da via ferrea, já apropriada.

c) Estafetas — Um posto de muda divisionario, na ESTAÇÃO DE BANGÚ, a partir das 6 hs. de 1<sup>o</sup> de Janeiro.

d) Pedidos de balisamentos, artificios, etc. — (Código)

e) Eixo de comunicações — Estrada Real de SANTA CRUZ.

VI — Evacuações — Para BANGÚ, a partir das 8 horas de 1<sup>o</sup> de Janeiro.

VII — T. C. — Com as unidades.

T. E. — Regulados pela D. I.: todos grupados amanhã, ás 8 horas, em BANGÚ.

CONFERE: (a) Gen. Cmt. da Chefe do E. M. 1<sup>o</sup> D. I.  
Destinatarios:  
.....  
.....

## TRABALHOS A EXECUTAR

Para os Cmts. de Corpo (menos da Cia. C. C. e 1<sup>a</sup> Cia. F. V.)

Ordens dadas pelo Cmt. do Dest.; Calco (1:25.000) do dispositivo do Dest. ás 22 horas, e do estacionamento em fim de marcha.

Data da entrada das soluções neste Q. G. — 31 DE MARÇO.

## NOTAS:

- a) — Os Cmts. de Corpo deverão estudar o presente tema, com os quadros na carta, em que tomarão parte todos os officiaes. Os combatentes, tanto quanto possível, exercendo o Commando correspondente ao posto immediato e os não combatentes, nas suas proprias funções.
- b) — Em consequencia das decisões tomadas pelo Cmt. da 1<sup>o</sup> D. I., em face das ordens, etc., trazidas ás 22 horas de 31 pelo official do Q. G. do Exercito, e das informações do 1<sup>o</sup> R. C. D., chegadas successivamente de 21 horas e 30 minutos até ás 0 horas e 30 minutos de 1<sup>o</sup> de Janeiro, será organisada a 2<sup>a</sup> parte do tema a ser distribuida oportunamente.

# O problema dos grandes alcances (\*) Soluções Allemã e Franceza

Pelo Maj. PERICLES FERRAZ

## — Com o percurso nas grandes altitudes

De ha muito era conhecida dos physicos e isticos a existencia de uma zona na atmosfera onde a resistencia do ar torna-se minima. O celebre Astier chegou mesmo a publicar a memoria acerca deste assumpto para a academia de Scienzia Franceza.

Para conseguir lançar o projectil, de modo a atingir essa zona rarefeita, o canhão Bertha parava sempre com o mesmo angulo de elevação, de  $50^\circ$ , que fôra determinado com a idênia de entrar o projectil nessa zona com um angulo de  $45^\circ$ .

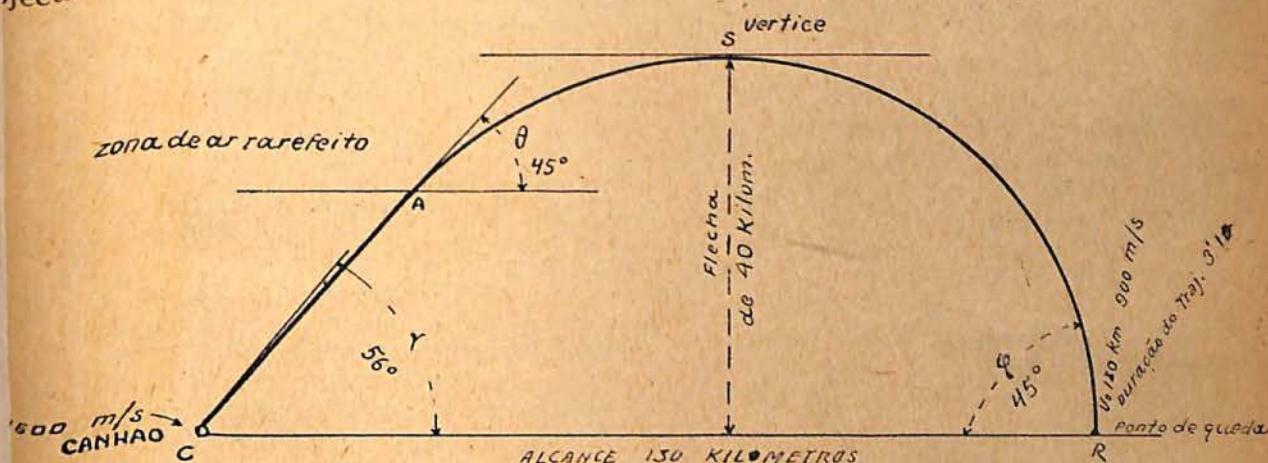
Basta dizer que a flecha do alcance de km. é de 40 km. e a essa altitude o peso do metro cubico de ar é, approximadamente, de  $1.293$ , que é o seu peso á superficie da Terra.

Como se vê, grande parte do percurso do projectil é feito nessa zona rarefeita, onde a re-

sistencia é minima, quasi o vacuo, conseguindo-se grandes alcances.

## — Com a elevação de temperatura do meio gazoso

As propriedades do meio gazoso que cercam o projéctil pôdem ser muito modificadas por uma temperatura elevada desses gases. Tornam-se estes menos viscosos e podem, talvez, moldar-se melhor ao corpo do projectil para atingir aos turbilhões que se formam no culote durante seu percurso na trajectoria. Os aumentos de alcance assim obtidos podem attingir 20 %. Os projectéis deste canhão tinham um dispositivo fundado num principio analogo. Na extremidade dianteira da falsa ogiva havia um alojamento carregado com uma substancia da familia, sem duvida, da thermite, que tem a propriedade de levar quasi instantaneamente o aço á temperatura do branco.



trajectoria de uma granada explosiva do obuseiro Bertha para o alcance de 130 kilometros.

## ADOS SOBRE A MUNIÇÃO, O TIRO, O REPARO E A RESISTENCIA DO OBUZEIRO

### 1º — A Munição

#### a) Projéctil:

massa . . . . .	100 kilogrammos.
comprimento . . . . .	2 ½ calibres (525 m/m)
comprimento da cofia balística . . . . .	400 a 500 m/m arredondado em forma esferica
culote . . . . .	

Paredes . . . . .

Aço . . . . .

2 cintas de forçamento de cobre

com 3m/m de largura

muito espessas, de 7 cm. no culote e 4 cm. na ogiva.

chromo-nickel ou chromo-vanadio

tendo as anteriores já feitos os sulcos para entrarem os cheios das raias.

(\*) Vide o numero de Setembro.

Em continuação das cintas de forçamento havia uma camisa com dois reforços annulares, raiados tambem num comprimento de 70 ou 100 m/m.

O projéctil compunha-se de 2 partes, o corpo do projéctil, destinado a conter a carga de arrebentamento e a coifa balística adaptada ao primeiro para diminuir a resistencia do ar.

### b) Carga de arrebentamento:

Especie de explosivo.	50 % de Hexanitrodi-fenilsulfureto e 50 % de trotyl
Peso.	de 7 a 10 kilogrammos.

Era dividida em duas partes separadas por um disco tendo diversos orificios, com o fim, sem duvida, de dividir a massa e diminuir o effeito compressor da inercia, que poderia inflamar o explosivo.

### c) Espoletas:

Prevendo que o projéctil ao chocar o alvo não o fizesse de ogiva, dotou-se de 2 espoletas, uma collocada no disco de divisão da carga e outra no culote. Uma, de percussão e, outra, de tempo para o caso de não funcionar a primeira.

Eram os projeteis marcados por séries.

### 2º — O tiro

Alcance maximo.	130 kilometros
Angulo de elevação.	maior de 45°
Velocidade inicial.	1.500 a 1.600 m/s
Energia na boca.	12.000.000 kilogrametros

Pressão.	3.000 a 3.094 kg.
	× cm <sup>2</sup> .

Da energia da polvora se transmite ao projéctil.	32 %
Duração de trajecto.	3' e 10"

O canhão disparava sempre com o mesmo angulo de elevação (50°), determinado com a condição do projéctil entrar na zona rarefeita com um angulo de 45°.

Flecha do alcance de 130kg.

Velocidade a essa altura.

A essa altura o metro cubico de ar pesa approximadamente 1 gr., em vez de 1k.293, que é seu peso na superficie da terra.

Attinge ao solo com a velocidade de 400-700 m/s.

O ang. da — tem uma tangente de 60 a 70 centesimos.

A derivação, devida ao movimento de rotação da Terra, é para um alcance de 120 kilometros de 1 km. com relação ao plano do tiro.

Em cada disparo do Bertha determinava-se o alcance por formulas de Balística, medindo a velocidade inicial.

O disparo era feito electricamente, de posto protegido.

No ramo descendente da trajectoria (a parte do vertice) o movimento do projéctil é quasi uniformemente acelerado até que penetra de novo nas camadas aereas de densidade normal, em que a acceleracao vai diminuindo, chegando a ser negativa, em cujo momento a velocidade começa a decrescer até o valor final que é 400-700 metros por segundo.

Com alcances superiores a 100 klm., projéctil realisa mais de 75 % de seu percurso em alturas maiores de 100 km. e o angulo de queda tem uma tangente de 60 a 70 centesimos.

A desviação do projéctil em consequencia de sua rotação e da resistencia do ar, não influe apenas mais que seu percurso nas camadas inferiores da atmosphera e por isso, nesse caso, menor que a que se observa em trajectorias descriptas na atmosphera de densidade normal.

Em compensação ha o desvio impondo verificado pelo movimento de rotação da Terra, de que falamos acima.

### 3º — Reparo

1º — Era um reparo de marinha.

2º — Cunha de forma cylindrica com nervuras de reforço.

3º — O apparelho de recuo era constituído por 2 freios cylindricos hidráulicos e um cylindro recuperador pneumático e de molas.

4º — O comprimento do recuo era segundo uns 1m.30 e, segundo outros, de 1m.15.

— o reparo estava montado sobre uma plataforma gyratoria, com que se fazia a portaria em direcção.

6º — A plataforma assentava em 112 esferas de aço de 20 a 35 cms. de diametro.

### 4º — Resistencia do canhão

A vida de um canhão de longo alcance diminui rapidamente á medida que aumenta o comprimento do tubo.

### Phenomenos de desgaste e cobreamento

Para isso contribuem as erosões ás altas temperaturas dos gases e o cobreamento das raias.

Esses phenomenos diminuem a precisão da arma e o alcance. Uma polvora adequada e um material especial para construção de canhão attenuam esses defeitos. Para conservar sempre constante o valor da velocidade inicial, aumentava-se a carga de tiro a tiro, determinando-se, de cada vez, com rigor seu peso em função do aumento de volume sofrido pela camara.

#### *Phenomenos de flexão*

Além desses defeitos de desgaste da alma, temos que considerar outros phenomenos perigosos que podem produzir a ruptura violenta do canhão.

As peças de grande comprimento, se não estão devidamente apoiadas, se flexionam sensivelmente por efeito de seu proprio peso, que é considerável, e pela acção de diversas influências.

O peso do proprio tubo produz a flexão, se não está bem apoiado.

#### *Phenomenos de aquecimento e dilatação*

Os raios solares podem dilatar irregularmente o cano, produzindo-lhe um movimento vibratorio da alta frequencia que, sendo a flexão grande, pode fazer saltar o cano em pedaços com grande violencia.

#### *Phenomenos decorrentes do desprendimento da coifa balística*

Outro perigo é o que representa a coifa balística. Esta, por sua inercia, oppõe certa resistencia ao movimento de rotação, resistencia que, com as grandes accelerações angulares, pode chegar a ser sufficientemente grande para seccionar os cravos que a unem ao corpo do projétil. Se se dá esse accidente, a coifa balística se desprende, obstrue a marcha do projétil na alma; funciona a espoleta e a explosão da carga da granada produz a ruptura violenta do canhão.

#### *Resultados dos tiros sobre Paris*

Apreciando os resultados do bombardeio da capital francesa pelos Bertha podemos dizermos em:

##### a) Materiaes:

Nenhum dos projectéis atirados sobre Paris deixou de funcionar. Eram de uma fabricação esmeradissima.

Segundo as informações dos "Services Techniques de L'Artillerie" cahiram em Paris 67 projectéis do Bertha, disparados em 4 séries, de Março a Agosto de 1918.

O numero de disparos diarios destes canhões variou muito. Houve dias que só se fez 1 m disparo. Com o bombardeio mais intenso, em 23-3-1918, cahiram em Paris 23 granadas.

Dado o alcance a precisão era muito grande. Houve uma direcção regular do tiro, como provam os impactos, pois sua maior densidade era sobre pontos de importância militar e centros de comunicação.

O bombardeio de Paris com estes canhões teve grande efeito moral e não menos efeito material; as photographias contendo a localização dos impactos constituem uma prova eloquente da precisão com que atiravam os Bertha, tanto em direcção como em alcance.

A precisão destes tiros ainda mais nos surprehende se nos lembrarmos que a sua preparação foi feita exclusivamente pelo calculo.

##### b) Moraes:

Os alemães, visando efeitos desta natureza, escolheram deliberadamente o momento opportuno para o emprego dos Bertha, ao dar-se a sua grande offensiva da Primavera de 1918. Assim, pensavam accentuar o efeito dessa grande offensiva com o bombardeio de Paris. Note-se que os aviões alemães já não podiam abater o moral da Capital da França, graças ao magnífico serviço de informações e protecção contra os ataques aéreos organizados por este paiz.

Os efeitos formidáveis dos ataques de surpresa só poderiam vir de outro modo — foi o que realizaram estes canhões de grande alcance.

Além disso, a constante inquietação causada em Paris pelo bombardeio e o temor de que com o avanço da frente alemã, esse bombardeio se tornasse mais intenso, haviam de contribuir para abater o moral dos parisienses. Esse efeito moral chegou a levar o Governo francês a pensar em uma fuga da capital.

#### *O depoimento de um oficial alemão sobre o Bertha*

O Capitão de fragata da marinha alemã, Walter Kunsel, antigo oficial da secção balística dos canhões de longo alcance, subscreve um capítulo de uma brochura alemã "Auf See besiegt" (Invencido no mar) publicada pelo vice-almirante Eberard van Martey.

Esse capítulo é sobremodo interessante porque vem recordar um dos mais sensacionais episódios da guerra, a posição dos famosos "Bertha", que deixaram os aliados aturdidos um bom momento.

"Em meados de Março de 1918, a bateria, cujo embasamento havia sido cuidadosamente preparado, era installada nas vizinhanças de Laon, bem escondida em um bosque, por cima de cujas mais elevadas culminâncias o canhão podia atirar a 45°. Construiram "blockhauser" para os officiaes e marinheiros artilheiros. Tal qual como na marinha!... Galerias subterra-

neas, á profundidade de cinco metros, para condução das preciosas munições. Postos de combate ao nível do solo, postos em baixo, de que ninguém suspeitava, pois que as primeiras linhas inimigas distavam cerca de doze kilómetros. Nos arredores, para subtrahir o material, durante os disparos, ás observações dos aviões e das "alchichas" inimigas (balões captivos em forma de salchichas, donde esse nome).

O "pequeno" canhão produziria séria impressão em Paris? Imaginae o que aconteceria em Berlim, se de súbito cahisse semelhante ameaça sobre Postsdamer Platz, em seguida Alexander Platz, dez minutos mais tarde Silesischen Bahnhof, e assim por diante.

Nós previramos as precauções seguintes: a uma distância de alguns quilómetros da nossa bateria, colocáramos separadamente canhões de menor calibre, ligados por telephones ao nosso posto de combate; esses canhões eram apontados para qualquer alvo, indiferentemente, ao pequeno alcance de 22 a 25 quilómetros, e deviam atirar ao mesmo tempo que nós, de acordo com a ordem transmittida pelo telephone. Suppunha-se difícil a localização dos "canhões de Paris".

*O primeiro obuz sobre Paris:* — Foi uma grande festa na frente occidental a vespera de 21 de Março de 1918. Tudo estava pronto; seguros da victoria, os leões se distendiam para o bote..

A 20 de Março, ás 22 horas, o General de artilharia em Marle trouxe a notícia: "amanhã de manhã, ás 4 horas, começo de fogo "roulant".

No dia 22 recebemos a ordem de abrir fogo sobre Paris, na manhã seguinte.

A 23, ás 7 horas e um quarto, fez-se o primeiro disparo; um quarto de hora depois, outro; e em seguida, mais frequente e regularmente. E assim durante tres dias; enquanto isso, estávamos ansiosos por saber onde havíamos atirado.

O entusiasmo do pessoal, officiaes e soldados, em manejar aquellas extraordinarias máquinas, começava a arrefecer, deante da interrogação a todo instante renovada: "Estamos atingindo Paris?" A's 12 horas recebemos uma telephonada do Estado Maior General; quem se precipita ao apparelho é o proprio almirante e ouve, no meio da emoção geral: "Repita; os jornaes parisienses matutinos annunciam o bombardeio de Paris por grandes canhões que atiram não se sabe de onde. Infinitamente obrigado! Perfeitamente, continuarei os tiros".

Era grande a satisfação em nosso posto de vermos coroados de exito os nossos longos e arduos trabalhos. Ao almoço, bebemos á saúde do "record mundial" da artilharia e dos seus futuros triumphos.

Apenas enchiamos os copos a segunda vez quando "pum"! uma bala de grosso calibre caiu a 250 metros do nosso posto, sobre o prado, no pleno centro da installação da bateria. Alguns minutos mais tarde, outro obuz a 100 metros do primeiro. Não havia duvida, estávamos calidos e alvejavam-nos com artilharia pesada. Previra-se, na verdade, esse hypothese, mas não que ella se verificasse com tanta rapidez. Como haviam podido os franceses, trinta horas após o nosso primeiro disparo, de um lado, terminar a nossa posição, a despeito da precaução de fazermos atirar outros canhões ao mesmo tempo que nós, e, do outro lado, pôr a bateria um peça de grosso calibre, a uma distância approximada de 25 quilómetros e abri fogo de maneira tão precisa? Foi uma enigma para nós".

#### Dados principaes

Alcance. . . . .	130 quilómetros
Calibre. . . . .	210 m/m
Angulo de elevação. .	maior de 45°
Velocidade inicial. .	1.500 a 1.600 m/s
Comprimento da alma. .	171 calibres, 42 (36 etros) (1)
Energia na boca. .	12.000.000 kilogram etros
Pressão. . . . .	3.000 a 3.094 kg. cm. quadrado
Da energia da polvo ra se transmitte ao projectil. . . . .	32 %
Duração do trajecto. .	3' e 10"
Angulo de queda. .	45°
Peso do projectil (2). .	de 100 kilogramm
Carga de arrebenta mento. . . . .	7 a 10 kilogramm
Natureza desse explo sivo. . . . .	50 % de Hexanitre fenisulfureto e 50 de trotyl
Espoleta. . . . .	cada projectil 2 espoletas, uma percussão e outra tempo.
Flecha do alcance de 130 quilómetros. . .	40 quilómetros
Velocidade restante a 130 quilómetros. . .	400 a 700 m/s
Systema de fechamen to. . . . .	de cunha
Comprimento do re cão. . . . .	1m,15
Peso total do Bertha. .	142.000 kilogramm

(1) O tubo era composto de duas partes principais, posterior, de 30 metros de comprimento, anterior, de 6 metros.

(2) O valor de i era menor que 0,7.  
O raio de ogiva parece que era de 7 cal

# Tactica de Infantaria

Notas tomadas durante as conferencias realizadas na Escola de Estado Maior pelo Professor de Tactica de Infantaria Ten. Cel. Hugues.

## V CONFERENCIA

### O FOGO OFFENSIVO DA INFANTARIA

#### SUMMARIO

I — Objectivo do "fogo offensivo":

- 1) Dominar o fogo do adversario com o minimo de "vulnerabilidade";
- 2) Conservar a superioridade adquirida, explorando-a pelo movimento para a frente.

I — Evolução do problema durante a guerra.

I — Tactica actual do emprego do fogo:

- 1) Elaboração previa de um plano de fogo inicial.

a) Onde atirar?

elementos do sistema de fogos conhecidos antes do ataque (objectivos)

elementos revelados durante o ataque (neutralização).

b) Como atirar?

Duas theorias em presença:

- plenitude de fogo;
- reforçamento progressivo.

c) Quando atirar?

— neutralização preventiva a priori systematica (theoria da plenitude);

— neutralização progressiva (theoria do reforçamento progressivo).

d) Conciliação das duas theorias:

— plenitude de fogo realizada pelas metralhadoras;

— reforçamento progressivo pelas companhias de fuzileiros volteadores.

2) Dispositivo inicial dos orgãos de fogo

a) Deve ser constituído em função do "Plano de fogo".

b) Deve permitir:

— o movimento do maximo de efficacia de fogo

— a realização do minimo de vulnerabilidade.

c) A base do dispositivo é a base de fogos:

— sobre esta base uma massa de fogos;

— na frente as companhias de fuzileiros volteadores;

— á retaguarda as unidades disponiveis.

3) Manobra do fogo durante o combate:

a) Em um compartimento de fogos dado a continuidade de fogo resulta:

— dos projectis de armas automaticas;

— do escalonamento em seu deslocamento

b) Passagem de um compartimento para outro

— preparação minuciosa do deslocamento progressivo do fogo.

/ — Conclusão:

No combate tudo é problema de fogo.

I

Na offensiva, o problema do emprego do fogo consiste em atirar com sufficientes potencia e efficacia de modo a dominar o fogo inimigo, apresentando por outro lado ao fogo inimigo o minimo de vulnerabilidade, tudo isto completado pela condicão essencial que é a de conservar a superioridade

de fogo adquirida explorando-a por meio de movimento para frente.

Tal tem sido em todos os tempos o problema da infantaria, no qual tem variado constante e consideravelmente os meios e as dificuldades para resolvê-lo.

## II

Em 1914, quando o emprego do fuzil obrrigava a formação linear, o maximo de efficacia e minimo de vulnerabilidade eram procurados por meio de uma linha de atiradores com 5 passos de intervallo e a combinação do fogo e do movimento, traduzida pela formula — "marchar a todo o custo, a poder de reforços e atirar como se puder" — repousava quasi completamente na subordinação do fogo ao movimento.

Desde os primeiros combates ficou provado que essa marcha era mortifera, a efficacia do tiro era insuficiente e que o arrojo heroico nada podia contra um fogo não dominado.

Durante a guerra, a introducção da arma automatica fez com que se evoluísse irresistivelmente da "tactica das linhas" para a "tactica dos grupos" e que se valorizasse o fogo da infantaria.

## III

Essa evolução lenta conduziu á tactica actual de emprego do fogo offensivo, que comprehende tres partes:

— Elaboração previa de um plano inicial de fogo;

— Organização de um dispositivo inicial dos orgãos de fogo;

— Manobras de fogos durante o combate.

1. Plano inicial de fogo — Esta idéa de plano de fogo é indispensável toda a vez que se tem que combinar fogos de varias especies, desde o escalão Divisão até ao G. C., tanto na defensiva como na offensiva.

Nestes escalões, ha dois em que os planos de fogo tem importancia capital: o da Divisão que combina os fogos de infantaria e de artilharia e o do Batalhão que combina os fogos das diferentes armas da infantaria.

Já vimos que a combinação de fogos da infanaria depende da quantidade de munição disponivel, da importancia da acção inimiga e do terreno.

Onde atirar? — Trata-se de dominar os orgãos de fogo inimigo e assim ha o maior interesse possivel de saber onde se encontram eses orgãos de fogo. Mas os meios de investigação da infantaria são muito precarios actualmente e isto constitue uma razão forte para que se orientem os esforços no sentido de conseguir meios adequados ás necessidades (observadores especializados, telephotographies).

Embora a infantaria só descubra, antes do ataque, um numero limitado dos orgãos de fogo inimigos, não fica desarmada contra os que só se reve-

larão no momento do ataque porque o estudo do terreno de ataque permite determinar, senão a sua posição exacta, pelo menos as zonas onde podem estar e as que não podem estar collocadas.

A's zonas de acção mais ou menos vastas, das metralhadoras inimigas corresponde ou deve corresponder á capacidade de neutralização das armas de que se dispõem, de modo que os recursos que o terreno facilita ao fogo do assaltante medem as probabilidades que este tem de dominar o fogo da defesa. Em outras palavras, a escolha das zonas principaes de ataque é de importancia capital.

*Como atirar?* — Trata-se de contrabater ou neutralizar com os proprios meios, tudo o que fôr da esphera de acção das armas da infantaria, mas evitando sempre despezas inuteis (fogos em compartimento diferente daquelle em que se vai marchar) e realizando para os fogos julgados uteis o maximo de potencia.

Ha duas theorias sobre a realização dessa potencia maxima;

— a da *plenitude de fogo*, que consiste em fazer agir instantaneamente (ou ter em condições de agir) todos os meios de fogos necessarios para bater em condições de densidade suficiente toda a zona a neutralizar, todos agindo na medida do possivel por concentração;

— a do *reforçamento progressivo*, que consiste em empenhar os orgãos de fogo progressivamente, á medida que os empregados precedentemente se mostrarem insuficientes.

Estas duas theorias podem ser harmonizadas considerando-se a do reforçamento progressivo como correspondente ás condições de execução do tiro collectivo das armas individuaes (Cia. de fuzileiros volteadores que só empenha inicialmente os G. C. suficientes á frente de ataque); e a da plenitude de fogo correspondendo ás armas automaticas cujo fogo, a exemplo da artilharia, fica disponivel embora esteja o material empenhado (com excepção das que estão em posição na primeira linha), o que permite actuar successivamente com a totalidade dos fogos das armas automaticas para cada resultado successivo a attingir, realizando para cada um a plenitude de fogo.

*Quando atirar?* — Ha tambem aqui duas theorias:

— atirar no momento de partida do ataque só sobre os orgãos de fogo inimigo conhecidos e durante o ataque sobre os que se forem revelando successivamente;

— realizar a priori e systematicamente a neutralização preventiva de toda a zona de fogos em que podem estar collocadas metralhadoras inimigas, prompto a adaptar mais rigorosamente essa neutralização ás manifestações do fogo inimigo.

E' a oposição já apontada entre a plenitude e o reforçamento progressivo dos fogos. A neutralização preventiva corresponde á vontade de realizar a plenitude, mas exige, pelo menos no ponto escondido, grande riqueza de meios de fogo. Não ha contradição entre o seu emprego e a regra secular de que a infantaria deve poupar o seu tiro, só atirando quando necessário e sobre o que veja, porque as armas automaticas vieram permitir a marcha e o tiro simultaneos, o que não era possivel com o fuzil commun.

Comtudo, devido ao grande dispendio de munição, a neutralização preventiva não deve ser erigida como regra geral, principalmente para o caso brasileiro, em que as frentes de ataque são grandes e

o numero de armas automaticas relativas a estas é pequeno.

A infantaria brasileira deverá no inicio do combate neutralizar os orgãos de fogo conhecidos e procurar por meio da observação especializada desbrir as metralhadoras silenciosas; mas durante combate e quando a observação não for efficiente deverá tambem neutralizar preventiva e systematicamente as zonas provaveis das metralhadoras inimigas.

2. *Dispositivo inicial dos orgãos de fogo.*  
Trata-se de construir um dispositivo dos orgãos de fogo que garanta de um lado o maximo de probabilidades para conseguir a superioridade inicial de fogo e doutro lado os meios de conservar ultteriormente essa superioridade. Esse dispositivo deve ser concebido e montado tendo em vista o movimento

Os seus elementos essenciaes são:

Realizar o maximo de efficacia com o minimo de vulnerabilidade diluindo consideravelmente a largura e em profundidade o dispositivo dos orgãos de fogo, sem diminuir exageradamente o numero de homens que os servem e que gravitam em torno deles, porque é indispensavel á infantaria ter effecto para atirar, marchar, manter-se e produzir o effeito moral terrivel do homem que ataca o homem.

O equilibrio do dispositivo é função da divisão do trabalho: cada arma ou agrupamento de armas devem ser collocados sob as ordens do chefe que, caso particular, melhor pôde utilizar a sua potencia, dar, por exemplo, metralhadoras, armas do commandante do Btl. e do R. I., ou os petrechos, os commandantes de Cias. de 1º escalão é sacrificar-lhe o rendimento; os commandantes de Btl. e R. I. e prestam ás Cias., não as armas, mas os seus fogos; entretanto, no caso desses commandantes não podem dirigir utilmente os fogos de seus engenhos (terrenos cortados, cobertos, etc.) será conveniente lhadoras, que serão recuperadas logo que cesse a causa de sua repartição;

O commandante de Btl. deve, em qualquer caso, constituir uma base de fogo organizada e completa, verdadeira espinha dorsal de todo o dispositivo, elemento essencial da manobra offensiva. Sobre uma tal base uma massa de fogo, em acção ou em potencia, sempre commandada; em sua frente o escalão de fogo das Cias. de fuzileiros volteadores que executam o combate de acordo com as vicissitudes do contacto, sempre sustentado pelos fogos da base acolhido por ella em caso de necessidade; atraçar base as unidades disponiveis e os elementos de munição.

3. *Manobra de fogo durante o combate.*  
Trata-se agora de conservar ultteriormente e de explorar por meio do movimento essa superioridade inicial do fogo. Essa manobra de fogos constitui propriamente a manobra offensiva.

A continuidade de fogos dentro do mesmo compartimento de terreno é possivel graças:

— à facultade do tiro continuo das armas automaticas de pontaria estavel, mesmo por cima de tropas amigas em movimento;

— ao escalonamento na mudança de posição das armas (F. M. nos Pels., Mtrs. L. nos Btis. e Mtr. P. nos R. I.);

— à utilização do fogo móvel dos carros;

— ao tiro em marcha do F. M.

Quando o ataque passa de um compartimento de fogo para um outro ha o perigo de diminuição de potencia de fogo e produz-se quasi sempre um tempo perdido, devido a necessidade de deslocar as armas

s e constituir nova base de fogo. Tudo isso uma preparação minuciosa.

lém disso, é preciso que no momento do deserto das armas pesadas da infantaria a artilharia compense com seu apoio a diminuição de poder fogo daquela e que a progressão se faça com lenta e aos arrancos.

ara fazer face às modificações inopinadas do terreno é indispensável que o plano de fogo seja anulado por actos de iniciativa em todos os esforços de comando do fogo, pondo em evidência o de neutralização contra qualquer órgão de que se revele durante a progressão, agindo tanto quanto possível por concentração de fogos.

## IV

que se tem justificado bastante que no comando é problema de fogo e sobre isso ainda insistir.

problema de fogo o aproveitamento da superfície de fogo, porque o avanço assim conseguiu pôr em frente uma base nova de fogos; e mesmo a infiltração, manobra predilecta para ocultar a resistência inimiga, se caracteriza pela ação e emprego de bases de fogos obliquos ou paralelos à direcção do ataque. É problema de fogo a cobertura do ataque porque os exemplos mostram que as modificações da direcção de ataque são a fogos vindos do flanco, resultam quasi sempre facto de não se atribuir a um mesmo corredor de fogos todo o compartimento em que podem agir os fogos susceptíveis de prejudicar o ataque de não se ter previsto as neutralizações necessárias.

problema de fogo a passagem de linha porque é de substituir um dispositivo que não tem capacidade para dominar o fogo adverso por que disponha dessa capacidade.

problema de fogo, finalmente, a ligação entre ataques porque o papel dos destacamentos mixtos consiste em garantir a continuidade da linha de combate mesmo quando há uma discordância na posição de duas unidades vizinhas. A garantia da ligação repousa sobre uma provisão de fogo, prompta e representada quer por unidades em reescalonadas a trás das alas, quando as unidades trabalham no mesmo compartimento, quer por um sistema de ligação quando operam em compartimentos diferentes e não se vêm.

Tudo é, portanto, um problema de fogo e não se estaria de manobra de contornar esse problema se não se pudesse resolvê-lo: o fogo inimigo não se deve quebrar, ou é dominado ou se sofre as suas imposições.

Além das idéias acima indicadas devemos salientar, por exemplo, observações:

- se se quiser obter resultado será preciso ter a força de meios de fogo ou, pelo menos, agir com energia para realizar a riqueza em dado ponto;

- importância do renunciamento;

- tyrannia do terreno, simultaneamente boa e invejosa;

- importância primordial da ação do chefe nação do fogo.

Aqui fica provado que o fogo offensivo da infantaria tem valor próprio e que não subsiste à teoria que o único fogo offensivo é o da artilharia dos carros.

Mas esse fogo tem fraquezas numerosas e graves (contra muros, brindagens, etc., à noite ou nos

bosques) que tornam a infantaria por si só incapaz em tais circunstâncias. Por isso é indispensável considerar o fogo da infantaria como uma das partes do "fogo único" offensivo, sendo a outra parte representada pelo fogo da artilharia.

Dali resulta a necessidade de coordenar a parte da infantaria e da artilharia desse fogo único, isto é, a necessidade da ligação entre a infantaria e a artilharia.

## "Lembrai-vos da guerra"

eis as palavras de ordem que as circunstâncias políticas e militares actuam nos impõem.

Cada um deve dizer-se a si mesmo essa fórmula superior de solidariedade militar, porque se apoia na defesa da integridade nacional que tudo abrange.

Não é um grito de guerra, mas um voto permanente pelo Brasil coeso e livre. Não é desejar a guerra, mas estar à altura de suas duras contingências se ella despontar.

Nas modernas democracias, não é possível compreender-se o militar sem que elle esteja completamente absorvido pelos seus próprios deveres militares. Os exercícitos de conscriptos, o conceito moderno da guerra, as actuações características da política militar de todos os povos, comprovam sobejamente que, em nenhuma situação, podem os militares beneficiar melhor a nacionalidade do que quando apegados à cruz, ao evangelho do seu incomparável apostolado cívico que outra coisa não é, em nossos dias, a carreira das armas.

A preparação militar — nos corpos de tropa, nos serviços ou nos estados maiores — é, modernamente, obra de organização político-social, de ordem e disciplina, obra de alta monta.

Seja na manipulação da matéria prima que produz as reservas em homens; seja no levantamento de todos os recursos materiais e morais que a guerra exige e consome — por toda a parte e sempre o oficial representa, por si mesmo, por sua própria actuação profissional, factor político e social de relevo.

Lembremo-nos sempre de que a guerra pode estalar um dia e que, então, além de todas as dificuldades inherentes às nossas condições geográficas, políticas, económicas e sociais, teremos que arcar com mais uma — a desorganização militar."

"Tudo se transformou, desdobrou-se, multiplicou-se, evoluiu, menos a lei de promoções."

# Exemplo de programma para a apresentação de um esquadro Com efectivo de guerra

Pelo Major COLIN (da M. M. F.)

N. DA R. — O presente trabalho, cujo interesse não é preciso exaltar, foi organizado para uma demonstração na E. P. C., pelo Sr. Major Colin, da M. M. F. e professado aquella escola.

E' uma demonstração muito interessante e methodica, fazendo ressaltar, além das propriedades essenciaes da arma, o grao de instrucção da tropa.

Constitue, portanto, excellente subsidio para os jovens capitães e exemplo que merecer a attenção dos nossos chefes de cavallaria e de todos os que devem organizar programmas para exercícios de demonstração, para instrucção de quadros ou mesmo inspecção de instrucção da tropa.

## I—APRESENTAÇÃO DE UM ESQUADRÃO COM EFFECTIVO DE GUERRA

		4 Pelotões (composição conhecida)
Tropa . .		Sgt. furriel — Cmt. do grupo Cab. furriel Cab. sapador Grupo do Ordenança do Cap. Capitão 2 cavalleiros de ligação Cabo signaleiro e 2 signaleiros 1 clarim por Pel. (Si o Cap. o prever).
Composição . .	T. C. . .	1 carro de munição 1 carro-forja 1 carro-cosinha 2 carros de viveres 1 carro de forragem 1 Carro de bagagem, arquivo e viveres de reserva.

### Armamento — O dos pelotões

#### A — O ESQUADRÃO A CAVALLO

a dos homens	90 a 120 cartuchos para mosquetão por homem
	1.400 cartuchos por cagueiro (7 cartucheiras 8 carregadores cada uma)
Munição . .	3.840 cartuchos para mosquetão
a do carro de munição . . . .	18.000 cartuchos para F. M. (em carregadores 300 granadas de fuzil 50 granadas incendiarias 115 petardos de melinite 26 detonadores
Meios de transmissão . .	1 aparelho de signalização de 10; 4 Boccaes V. B. 1 painel de demarcação para dois homens.

O Esq. enquadrado pôde apear todos os seus pelotões ou parte delles.

O Esq. isolado guarda sempre uma reserva a cavallo.

Quando o Esq. apeia, os pelotões constituem, segundo o caso, os grupos de combate completos ou reduzidos.

B — O ESQ. APEADO

		Sgt. furriel Cab. furriel
	Grupo de ligação	Ordenanças do Cap. 2 cavaleiros de ligação Os clarins dos 4 pelotões
O grupo do Capitão (sob o commando do sgt. furriel).	Grupo de signaleiros	1 cab. signaleiro 2 signaleiros
	Grupo de sapadores	Cab. sapador Os sapadores dos pelotões (se for necessário).
<i>Composição</i>	Os grupos de combate.	
Os grupos de cavalos de mão.....	Grupados sob o commando do sgt, ajudante ou isolados por pelotões sob o commando dos sargentos cerra-fila.	
a reserva a cavalo		
o carro de munição		

## II — APRESENTAÇÃO SCHEMÁTICA DAS FORMAÇÕES DO ESQUADRÃO

### A — A CAVALLO

- 1.º *Col. de estrada* (por 2 ou 4) — Formação de marcha
- 2.º *Linha de pelotões por 4.....* — Formação de marcha através do campo
- Formações unidas* 3.º *Col. de pelotões.....* — Idem
- 4.º *Em batalha.....* Formação de ataque a cavalo, o esquadrão guardando geralmente um ou mais pelotões para a sua segurança.
- 5.º *Passagem de uma formação n' outra*

As formações unidas, muito visíveis e vulneráveis, só pôdem ser empregadas sob reserva de uma rápida dispersão, caso fiquem sob o vôo de aviões.

### Formações dispersas

		Linha de pelotões com intervalos variáveis..	Formação de approximação dando logo uma forma- ção de approximação a pé com 3 ou 4 pelotões em 1º escalão
	1º — Pelotões dispersos em largura .....	Forrageadores.....	Formação de approximação e de ataque a cavalo.
3 espécies de formações	2º — Pelotões dispersos em profundidade .....	— Formação de approximação.	
	3º — Pelotões dispersos em largura e profundidade..	Idem, sobretudo para Esq. isolado dando Logo uma formação de approximação a pé com 3 ou 4 pelotões em 1º escalão.	
		Col. dupla....	Formação de approximação dando logo uma formação de approxi- mação a pé com dois pelotões em primeiro escalão e dois em se- gundo.

As formações dispersas são as únicas formações a empregar na marcha de approximação.

## B — A PE'

Formações semelhantes às da Infantaria.

### III — EXEMPLO DE EMPREGO DE UM ESQUADRAO

#### OBJECTIVO DO EXERCICIO

- 1º — Mostrar o aspecto de um Esq. durante a marcha de approximação a cavalo:
- emprego de formações dispersas
- modificações da formação conforme:  
o terreno  
as manifestações do fogo inimigo, e  
as intenções do chefe.
- 2º — Appear do Esquadrão.
- 3º — Marcha de approximação a pé.
- 4º — Cavallos de mão.
- 5º — Resaltar as características da arma e particularmente a sua rapidez de acção.

*Situação geral* — Um destacamento amigo de O. mantém as alturas a O. da E. F. C. B., em contacto com forças inimigas de E. O inimigo desencadeou forte ataque na região de Anchieta e ao S.

*Situação particular* — Hoje de manhã, ao alvorecer, o destacamento mantém approximadamente a frente balizada pelas vertentes E. dos morros de Jovino, do Dendê, da Invernada, da Jaqueira, do Jacques e pelas saídas E. da Villa Militar.

A's 7h,30 da manhã o 1º R. I. informa:

1º — que, fortemente atacado, elle ainda mantém o morro da Invernada até a cota 60 (inclusive).

2º — que perdeu a ligação com o regimento vizinho ao S. (2º R. I.), que tinha pela manhã elementos na região das vertentes E. do morro do Jacques.

3º — que engajou todas as suas reservas.

Ao receber essa informação, o Cmt. do destacamento dispõe de um batalhão de infantaria que acaba de chegar em Realengo e de um esquadrão com uma Sec. Mtr., em situação de alerta, nas cobertas das vertentes S. O. da Collina da Torres.

#### DESENVOLVIMENTO DO EXERCICIO

##### 1º — A MARCHA DE APPROXIMAÇÃO A CAVALLO

Trecho de terreno entre Col. da Torre e Periquito:  
1.000 a 1.500 ms. quasi completamente descobertos com arroio de transposição difícil, salvo nas passagens . . . . .

##### Formação:

Esquadrão disperso por pelotões em largura e em profundidade (Col. dupla).

Exploradores de terreno para a frente assinalam os obstáculos.

##### Andadura:

Galope.

Trecho de terreno entre o M. do Periquito e Guaraciaba:  
desfiladeiro desenfiado, obliquamente em relação ás vistas inimigas . . . . .

##### Formação:

Col. de estrada.

##### Andadura:

Trote.

A intervenção de um elemento do batalhão Realengo necessitando quasi duas horas para se realizar, o Cmt. do destacamento decide, diante da situação critica, lançar mão do Esq. e da Sec. Mtr.

ORDEM DADA ÁS 8 HORAS AO CAP. C. DESTE ESQUADRAO

1º — De prolongar, na direcção de S. O., e R. I., cujos elementos da direita mantinham 7h,30 a cota 60 do Morro da Invernada (P. C. Batalhão da direita: cota 50, 300 ms. N. do P. Veterinario).

2º — Procurar a ligação com os elementos esquerda do 2º R. I.

3º — Depois da operação, o esquadrão ficará ordens do Cel. Cmt. do 1º R. I. (P. C. ....)

Os pedidos de artilharia serão feitos, se houver necessidade, por intermedio do Cmt. do Batalhão direita do 1º R. I.

#### SITUAÇÃO NO INICIO DO EXERCICIO

1º — O Cap. Cmt. do Esq. já mandou dois conhecimentos de oficial de uma esquadra e um:

— um para encruzilhada S. do M. do Periquito (cota 50 (300 ms. N. do Posto Veterinario), cota do M. da Invernada;

— outro para Faz. de Engenho Novo, caminho entre Monte Alegre e M. do Jacques, valle do arroio Maranguá.

Estes reconhecimentos foram destacados ao receber a ordem e têm por missão:

— verificar a situação dos elementos da direita do 1º R. I.;

— procurar os elementos da esquerda do R. I.;

— assegurar a ligação do esquadrão com os mandos vizinhos (batalhões) durante a operação.

2º — O Esq. e a Sec. Mtr. vão transportar para a região das encostas O. do M. da Jaqueira do M. do Jacques, segundo o itinerario:

Collina da Torres, Desfiladeiro entre M. do Periquito e cotas 60 (E. da Faz. de Engenho Novo Guaraciaba.

A FORMAÇÃO — Função do terreno.....

<p><b>A FORMAÇÃO — Funcção do fogo inimigo.....</b></p>	<p>Trecho do terreno entre Guaraciaba e as vertentes O. dos M. da Jaqueira e do Jaques: com caminhamentos desenfiados e zonas vistas....</p>	<p><i>Formação:</i> Pelotões dispersos utilizando-se ao maximo dos caminhamentos offerecidos pelo terreno.</p>
	<p>Tiros explosivos na região da cota 28.....</p>	<p><i>Andadura:</i> Galope.</p>
<p><b>A FORMAÇÃO — Funcção das intenções do chefe</b></p>	<p>Trecho de terreno entre Col. da Torre e M. do Periquito:</p>	<p>Tiros explosivos na região da cota 28.....</p>
	<p>Trecho de terreno entre Guaracicaba e vertentes O. dos Morros da Jaqueira e do Jacques:</p>	<p>Tiros de schrapnels na região do ponto 36.....</p>
<p><b>A FORMAÇÃO — Funcção das intenções do chefe</b></p>	<p>Trecho do terreno entre Collina da Torre e M. do Periquito .....</p>	<p>Dado que a direcção de marcha dos pelotões expostos é mais ou menos perpendicular á direcção do tiro, passagem da zona perigosa em columna por um com distancias entre os cavalleiros ou por esquadras successivas.</p>
	<p>Trecho do terreno entre Guaraciaba e as vertentes O. dos morros da Jaqueira e do Jacques.....</p>	<p>Sendo a intenção do Cap. encolumnar o seu Esq. para atravessar o 2º trecho de terreno, elle escolhe para atravessar o 1º uma formação que facilite a passagem para a col. de estrada: Columna dupla.</p>
<p><b>A FORMAÇÃO — Funcção das intenções do chefe</b></p>	<p>Trecho do terreno entre Guaraciaba e as vertentes O. dos morros da Jaqueira e do Jacques.....</p>	<p>Antes de atingir Guaraciaba, o Cap. recebe informações dos seus reconhecimentos a respeito da brecha a ocupar.</p>
		<p>Essas informações levam-no a decidir:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— do numero minimo de pelotões a empregar logo a pé;</li> <li>— dos pontos de direcção a dar a cada pelotão para apear.</li> </ul> <p>Disso resulta a formação adoptada para atravessar o ultimo trecho de terreno e a direcção dada a cada pelotão:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— 3 pelotões dispersos em largura cada um tendo o seu objectivo;</li> <li>— a Sec. de Metr. e o 4º Pel. na esteira do Pel. da esquerda (melhor caminhamento).</li> </ul> <p>Além disso:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— o apear do Esq. deve ser coberto, assim como o reconhecimento do Cap.</li> </ul> <p>Em consequencia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— cada pelotão destacará para a frente na sua direcção uma patrulha de combate (uma esquadra).</li> </ul> <p>Essas esquadras cobrirão o apear do Esq. e o reconhecimento do Cap. na frente Jaqueira e Jacques.</p> <p>O Capitão acompanhado:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— pelos Cmts. dos 1º, 2º e 3º Pel. e da Sec. Mtr. tendo cada um 1 agente de ligação;</li> <li>— pelo sargento furriel;</li> <li>— pelo seu ordenanças;</li> </ul> <p>galopa atraç dessas patrulhas até ao ponto de observação (M. da Jaqueira).</p>

## 2º — O APEAR DO ESQUADRÃO

O Esquadrão apeia:

- na ultima coberta que possa atingir a caval (rapidez de acção);
- por pelotões dispersos e em cada pelotão se

houver possibilidade por esquadras dispersas a pedido do terreno e das suas cobertas (redução da visibilidade e da vulnerabilidade);

- na futura formação de approximação a pé, os pelotões já em direcção aos seus objectivos (a crescimento de rapidez de acção).

## 3º — MARCHA DE APPROXIMAÇÃO A PÉ

Semelhante á da Infantaria.

## 4º — CAVALLOS DE MÃO

— poucas vezes reunidos por esquadrão, geralmente dispersos por pelotões.

— o seu lugar depende { — do terreno  
— do fogo inimigo  
— da missão do esquadrão (off. ou defensiva, com ou sem idéia do mov.)

— no caso do exercício executado... { Não ha ideia de movimento nem para frente nem para traz.  
Em consequencia, mandar os cavallos de mão para a retaguarda (por ex.: desfiladeiro entre Mte. Alegre e M. do Jacques) sob o comando do Sgt. ajudante.

## 5º — CARACTERÍSTICA DA ARMA E NOTADAMENTE:

## RAPIDEZ DE ACÇÃO

Tempo empregado pelo Esq. para cumprir a sua missão { 50 minutos  
Commentários inuteis.

Essa rapidez resulta:

— da rapidez de deslocamento do cavalo

— do facto que a marcha de aproximação a cavalo foi levada quasi até á posição a ocupar. — Este facto será quasi sempre possível qualquer que seja o terreno, graças a um emprego judicioso das formações dispersas;

— do facto que, o capitão possuindo elementos próprios de informação pôde reunir rapidamente os elementos necessários para a sua decisão e a sua futura acção —

informações a respeito da brecha a ocupar; ligação com as unidades vizinhas;

— da actividade intelectual do Cap., o qual, recebida a informação, decidiu-se logo e em função dessa decisão, mandou tomar pela sua tropa a cavalo (em Guaraciaba) medidas preparatórias para o seu futuro engajamento a pé:

formação de marcha de aproximação a cavalo reduzindo o tempo de passagem para a aproximação a pé;

orientação dos Pel. a cav. na direcção do seu emprego a pé;

— do facto que, antes de apear, o Cap. precedendo a sua tropa (no M. da Jaqueira) e vendo o seu terreno de acção pôde decidir da sua pequena manobra a pé e, além disso, dar por meio da sua ligação as suas ordens sem atrazar o Esq. que durante este tempo apeava;

— da actividade e da boa instrução em todos os escalões;

Cmts. de patrulhas activos;

E斯塔fetas de escola levando as informações rápidas e seguramente;

Ligações rapidamente estabelecidas e transmissões das ordens rapidamente executadas.

Resaltar os principaes factores que conduzem á rapidez de acção é o objectivo primordial deste exer-

## Organisação e Organização

"Quantos procurem isolar-se das competições internas, alçar-se acima da luta dos partidos e das injunções circunstâncias dos políticos inconsequentes; quantos se esforçem por manter constantemente presente no espírito a finalidade essencial das forças armadas do país, não podem deixar de encarar de frente sérias apprehensões.

Caso se desencadeie um conflito armado no sul do continente, de cujos interesses participamos através da vida de seis dos Estados da União, seremos capazes de manter a nossa propria neutralidade? Se qualquer Estado sul-americano, dos mais fracos, appellar para nossa tradicional politica de generosidade, seremos capazes de prestar-lhes o apoio indispensável? Se o conflito nos arrebatar directamente e lançar-nos na fogueira das batalhas seremos capazes de empenhal-as e leval-as bom termo? Emfim, quaesquer que sejam as circumstâncias, seja qual for o momento, apresente-se como se apresentar o conflito, seremos capazes de manter integra a honra do Brasil?

As respostas a tais perguntas, essas, sim é que nos preocupam. Falta-nos a certeza necessária a uma resposta absolutamente positiva para cada um desses quesitos. E, quando não se tem essa positiva certeza, não se pode deixar de acolher, de ponderar as mais escuras apprehensões.

A guerra hoje não se faz só de heroismos, mas repousa, sobretudo, em meticulosa e longa preparação. A arma automática sepulta todos os heroismos na mecanica ironia de suas sinistras garralhadas. E os motores das esquadrias aereas, passando indiferentes por sobre todas as bravuras que se revelem em campo raso ou nas pelejas defensivas, vão direito aos centros vitaes de abastecimento e de transporte, desorganizando tudo, material e moralmente.

Não ha dúvida que sabremos lutar, mas é preciso que a Pátria continue a viver com honra, respeitados as suas tradições militares e os seus direitos políticos, que o sacrificio da vida de cada um represente, de facto, a vitória da nacionalidade."

cicio e, a enumeração delles, assim como foi feita acima, constitue a conclusão, o remate do presente trabalho.

# DA PROVÍNCIA...

**Anno de Instrucción de 1928 — II.<sup>o</sup> R. I.**

**NOTA DA REDACÇÃO:** — Esta Revista consoante a sua principal finalidade, conseguiu do Sr. Ten. Cel. Outubrino Nogueira, commandante do 11<sup>o</sup> regimento de infantaria, em S. João d'El Rey, permissão para divulgar o programma por elle organizado ao iniciar-se o corrente anno de instrucción.

A actual publicação representa o primeiro passo de um projecto por nós ambicionado no sentido de sermos veículo mais completo das idéas e das novas no meio militar. Com o novo surto de vida que se vem accentuando na tropa, verificamos a necessidade e as vantagens de propalarmos os esforços, a boa orientação e os resultados conseguidos na tropa, aqui e por ahí afóra — na província —, esforços, orientação e resultados até então desconhecidos e com que não estávamos habituados.

O trabalho, a experiência e o bom exito dos camaradas da tropa, assim divulgados, serão certamente ensino de valia a todos nós que labutamos na mesma officina e que vivemos aprendendo. E mais do que ensino, elles serão estímulo, pelo exemplo que proporcionam no tocante ao zelo pelo cumprimento da tarefa funcional, pelo entusiasmo e pela fé que revelam na missão meritória e grandiosamente nobre do oficial.

No proximo numero publicaremos o programma organizado pelo Sr. Coronel Paes de Andrade, cmt. do 7<sup>o</sup> R. I. Com o agora publicado, mostrará elle as modalidades que devem comportar as prescrições do R. I. Q. T., quando applicadas conforme ás circunstâncias particulares de cada corpo e desde que se vise o mesmo objectivo — A INSTRUÇÃO PARA A GUERRA.

## PROGRAMMA E HORARIO PARA O 1º PERÍODO

Tendo o Commando da Divisão, em seu boletim n. 41 de 17, conforme fez publico o 7<sup>o</sup> Bda. em boletim n. 4. de 18, tudo do corrente, mandado observar com relação ao 1º período de instrução, as mesmas directivas do anno findo, torno publico, nos termos dos ns. 2, e 4 do R. I. Q. T., o programma e o respectivo horario para a instrução deste Regimento na parte que se refere ao 1º período citado.

## DIVISÃO DO TEMPO

A 7 de Março vindouro iniciar-se-ão as seguintes instruções: dos officiaes, dos sargentos, dos cabos e dos recrutas.

A 7 de Abril terá inicio o curso de candidatos a cabo.

No mez de Maio proceder-se-á à classificação dos especialistas.

— Juramento á Bandeira. Concurso das bandas de musica, de corneteiros e concursos de provas physicas, a 24 de Maio.

— Terminação do período de instrução — 7 de Julho.

— Os exames relativos ao período terão lugar entre 7 e 15 de Julho.

de Julho terminação do curso de cabo.

— De 7 a 15 de Julho — exame desse curso.

(Directivas do Commando da Divisão relativas ao 1º período de 1927).

## HORARIO

Alvorada . . . . .	5.30
Café . . . . .	5.50
Limpeza de animaes e baías . . . . .	6.00
Instrucção . . . . .	6.30 ás 9.30
Ensaios das bandas de musica e corneteiros . . . . .	10.30 ás 12.00
Almoço das praças . . . . .	10.00
Almoço para os officiaes . . . . .	10.30
Parada . . . . .	11.00
Escola Regimental . . . . .	11.30 ás 13.00
Merenda . . . . .	13.10
Instrucção . . . . .	13.30 ás 15.30
Jantar . . . . .	16.30
Escola Regimental . . . . .	18.30 ás 20.00
Recolher . . . . .	21.00
Silencio . . . . .	22.00
Ensino da banda de musica . . . . .	14.00 ás 15.30

## OBSERVAÇÕES

1.<sup>o</sup> — A sessão de instrução de manhã se dividirá em dois tempos: o 1º, que não excederá de 1 hora, destinado á instrução physica; o 2º em que se tratará da instrução relativa aos regulamentos — R. E. C. I., R. S. C.,

R. E. M. P. e pratica de R. O. T. Exceptuam-se as quartas e sabbados, cujas manhãs serão destinadas — as primeiras, exclusivamente ao adestramento para o combate e serviço em campanha e, as ultimas, ás marchas de treinamento.

— A sessão da tarde, igualmente, se dividirá em dois tempos: um em que se tratará da instrucção technica individual e tiros de instrucção, (\*) e o outro, das instruções technica, geral e educação moral.

2.<sup>a</sup> — Nas quartas-feiras só haverá uma sessão de instrucção — a da manhã. As tardes serão ocupadas com a limpeza geral do quartel, lavagem de roupa, limpeza do armamento, arreiamento e equipamento, etc.

3.<sup>a</sup> — Aos sabbados tambem só haverá a sessão de instrucção da manhã, destinada exclusivamente ás marchas de treinamento. A escola regimental não funcionará.

— Pelo menos uma vez por mez, a tarde de sabbado será aproveitada para as revistas geraes — armamento, equipamento, fardamento, etc.

4.<sup>a</sup> — A partir da segunda semana serão iniciadas as marchas de treinamento, nas quais se observará cuidadosamente não só o augmento progressivo das etapas a effectuar como o da carga a ser transportada pelos homens.

5.<sup>a</sup> — A partir da 3.<sup>a</sup> semana haverá, no minimo, uma sessão de instrucção á noite, em horas variaveis e em que tomarão parte todos os officiaes, sargentos, praças promptas e recrutas das Cias.; a partir do 3.<sup>o</sup> mez haverá, no minimo, uma vez por mez, um treinamento de marcha nocturna.

6.<sup>a</sup> — Duas vezes por semana as praças empregadas comparecerão á sessão de instrucção da manhã. Todas as vezes, porém, que essas praças demonstrarem ignorar preceitos fundamentaes de instrucção geral, principalmente ao que se refere ao R. Cont., será o facto levado ao conhecimento da autoridade competente, que ordenará o seu comparecimento á esse ramo de instrucção.

7.<sup>a</sup> — Durante as sessões de instrucção o numero de praças de serviço diario será reduzido ao minimo.

8.<sup>a</sup> — Os Cmts. do Regimento e Batalhão serão prevenidos, de vespera, dos locaes em que se vae realizar a primeira sessão de instrucção das Cias., bem como dos itinerarios das marchas de treinamento.

9.<sup>a</sup> — Nas marchas acima referidas, sempre que possível, os itinerarios escolhidos de-

(1) Durante as sessões de tiros de instrucção, nas respectivas linhas, ás praças que ainda não tiveram atirado e ás que já o tenham feito, será ministrada a instrucção technica ou geral, de acordo com o programma do dia.

verão ser préviamente reconhecidos e levantados pelos respectivos instructores, que farão croquis desses levantamentos expeditos.

10.<sup>a</sup> — As duas "Linhos de Tiro" do Regimento serão assim utilizadas: segundas e quintas-feiras — pelo I Btl.; terças-feiras — pela C. M. P.; sextas-feiras — pela C. E.

11.<sup>a</sup> — Tendo em vista o reduzido material indispensavel á instrucção physica e a impossibilidade económica de, presentemente, aumentar-lhe a dotação, de modo a se poder fazer uma distribuição equitativa pelas Cias., a referida instrucção será dirigida por um official designado por este commando, que dará para isso as instruções necessarias, tudo nos termos do final do n. 79 do R. I. Q. T.

— Local para instrucção — Estadio nova

12.<sup>a</sup> — A instrucção dos officiaes, ministrada pelo commandante do Regimento, será dada ás quartas-feiras e sabbados, das 13 ás 14 horas, até que a pratica determine modificações nesse horario.

13.<sup>a</sup> — O Chefe da Formação Sanitaria deverá apresentar a este commando o programma das instruções de enfermeiros e padioleiros, o qual será ministrado sob sua direcção.

14.<sup>a</sup> — Uma vez por mez, aos sabbados das 13 ás 14 horas, um dos medicos da Formação Sanitaria fará ás praças uma preleccão sobre noções de hygiene individual e do quartel, de primeiros socorros e sobre a prophylaxia das doenças venereas.

15.<sup>a</sup> — O curso dos Segundos Tenentes commissionados, dirigido por um official subalterno com o curso da E. A. O., sob as vistas do commandante do Regimento, funcionará ás terças e quintas-feiras, das 12,05 ás 13,05 horas.

## INSTRUÇÃO DE RECRUTAS

### *Considerações gerais*

Na preparação do homem para a guerra devemos distinguir, de modo nitido, a sua preparação individual e a collectiva. A instrucção individual se decompõe em technica e tactica. Neste programma, ou antes, directivas, procuraremos pôr em destaque a instrucção a ser ministrada ao homem, factor elementar do combate, da que se refere á sua actuação em conjunto, agindo em cooperação, para atingir determinado fim.

O infante, na phase critica do combate, age quasi sempre por iniciativa propria, conscientemente, e tendo em vista o cumprimento de missão commun. Acceita que seja essa verdade inconcusso, concluiremos, immediatamente, quanto importante é a instrucção individual.

O papel primordial e complexo do instructor, sob o ponto de vista tático, é, pois, preparar o homem individualmente e, isso conseguido, enquadral-o numa collectividade e fazê-lo agir em cooperação.

Sob o ponto de vista das instruções técnica e geral e da educação moral, elas devem ser conduzidas, durante todo o anno, com carácter individual, como elementos componentes, importantes e indispensáveis que são na preparação do soldado para sua finalidade de combate.

Na instrução relativa aos exercícios de "Ordem Unida", em que se ensinam os "movimentos necessários às paradas" e educa-se a tropa na "disciplina de fileira", distingue-se, também, a instrução individual da collectiva, devendo-se, no entanto, logo que os homens tenham as primeiras noções da Escola de Soldado, ainda na instrução sem arma, enquadralos no Grupo, fazendo-os assim agir na fileira.

A instrução física é ministrada nas turmas respectivas, mas atendendo sempre ao carácter individual, pois o mecanismo dos movimentos é ensinado em cada turma, individualmente, nas "Sessões de Estudo", e só depois dos homens conhecê-los em suas minúcias, é que o instructor poderá fazer a verificação colectiva numa lição completa.

#### APROVEITAMENTO DO TEMPO

Principalmente para os fins da instrução que visa directamente o adestramento do combatente, vamos dividir os quatro meses que constituem o primeiro grande período em *tres phases* distintas. Na primeira, que durará dois meses, tratar-se-á principalmente do preparo individual; a segunda compreenderá o aperfeiçoamento daquele ensino, simultaneamente com o enquadramento do homem no G. C., onde começará a agir em cooperação para os fins de missão *communum*; finalmente, no ultimo mês, aperfeiçoar a instrução do G. C., ao mesmo tempo que se ensina a sua cooparticipação nas missões mais complexas do pelotão.

#### RECOMMENDAÇÕES AOS INSTRUCTORES DE RECRUTAS

E' complexa e, por consequência, difícil o desempenho da ardua missão de instructor, principalmente a do instructor de recrutas, a quem cabe transformar o homem que lhe é confiado, em geral inculto sob todos os pontos de vista, em um soldado capaz de cumprir o dever sagrado de bater-se pela Pátria e por ella morrer, se for necessário, porém não morrer como

"Carne para Canhão" e sim como combatente efficiente, que tenha sabido cumprir o seu dever.

O instructor de recrutas deve, desde os primeiros contactos com os seus instruendos, procurar conhecê-los para poder julgalos sob o triplice ponto de vista — phisico, intellectual e moral —; deve ser calmo, activo e perseverante e de uma paciencia de evangelizador, principalmente para com aquelles de rudimentar desenvolvimento mental; deve ensinar mais "fazendo" do que "dizendo"; empregar, sempre que possível, a classica expressão "façam como eu"; não se cansar nunca de repetir; não falar "difficil"; ensinar sempre "o porque" das cousas; não esperar que um assumpto esteja sabido para passar a outro; finalmente, o instructor age, principalmente, pelo exemplo proprio — a linha, a compostura civil e militar, a correção dos uniformes e attitude deante de suas "Escolas", têm uma influencia primordial e fazem com que o instructor se imponha facilmente aos instruendos.

Para terminar esses "Conselhos", vou synthetizar os fins da instrução de recrutas em tres *itens*:

1º — Fortificar o corpo, tornal-o flexivel, agil e resistente — é o pregar do homem phisico;

2º — Cultivar nesse corpo robusto uma alma forte, desenvolvendo-lhe o sentimento de dever, de patriotismo e de disciplina — é a missão mais difícil do instructor: a de educador;

3º — Finalmente, adestral-o no uso do armamento e ensinal-o a delle se servir, em ligação com outros camaradas em geral no G. C. — é o que constitue a instrução technica e tactica.

#### Classificação e discriminação de diversos ramos de instrução a serem ministrados

#### COMBATE E SERVIÇO EM CAMPANHA

(Adestramento do combatente)

R. E. C. I. (2ª parte) — R. S. C. — R. E. M. P. — R. O. T. — (1ª parte)

*Fim da instrução:* — Tornar o homem capaz de agir conscientemente na guerra, não só no ambito do G. C., como em todas as situações em que se encontrar: em cooperação ou isoladamente.

1<sup>a</sup> PHASE

Nesta instrucção ensina-se ao homem as suas diversas missões provaveis no G. C., taes como as de volteador, fuzileiro, granadeiro, atirador de fuzil ordinario, municiador, etc. e tambem aquellas que lhes caiba desempenhar fóra do ambito do Grupo, agindo isoladamente — sentinel, agente de transmissão ou de ligação, patrulhador, observador, etc.

Antes, porém, de se iniciar o prepraro do instruendo nessas diversas funcções, ministrase-lhe préviamente os ensinamentos elementares e indispensaveis, por meio de exercícios intensivos de vivacidade, conhecimento e aproveitamento do terreno, prepraro do abrigo individual, pratica de transmissões de ordens e informações, etc.

2<sup>a</sup> PHASE

## (Instrucção do G. C.)

Enquadramento e especialisação das funcções dentro do grupo; missões táticas de que o G. C. possa ser incumbido, quer na offensiva, quer na defensiva; approximação, ataque assalto — defesa de uma posição summariamenete organisada — destacamentos de ligação — no serviço de segurança, em marcha e no estacionamento, etc.

Continuação e aperfeiçoamento do adestramento individual do combatente.

3<sup>a</sup> PHASE

## (Instrucção do pelotão)

Enquadramento do G. C. no pelotão e estudo das missões que eventualmente lhes possam caber no ambito desse escalão superior e aperfeiçoamento da instrucção do G. C.

Os problemas táticos a serem encarados nessa phase da instrucção, pouco mais ou menos, são os mesmos da anterior, levando-se em conta, sómente, a sua complexidade crescente pelo maior numero de elementos a movimentar e a maior importancia das missões que lhe possam ser confiadas.

*Nota* — Durante a primeira phase, os recrutas devem ser distribuidos em pequenas turmas, que, no maximo, attingam ao effectivo da esquadra.

Nas idas e regressos dos locaes de instrucção, essas turmas reunidas deverão attingir ao effectivo do G. C., afim de que os homens comecem a se familiarisar com a sua constituição, tendo em vista adquirir a disciplina de fileira que lhes será desenvolvida pelos exercícios de ordem unida.

## SERVIÇO EM CAMPANHA

## R. S. C.

Os ensinamentos indispensaveis a serem ministrados aos recrutas, na parte que se refere aos seus deveres e atribuições em campanha, serão tratados no "Combate e Serviço em Campanha", ramo de instrucção em que se cogita do adestramento do combatente. Ahi serão estudadas e postas em prática, sob o ponto de vista individual, todas as situações em que o homem poderá se encontrar, principalmente como elemento de segurança, de vigilância, nas phases distintas em que uma tropa poderá se encontrar, isto é, em marcha, estacionada ou combatendo.

## ORGANISACÃO DO TERRENO

## R. O. T.

A instrucção relativa á organização do terreno, no decorrer do ensino individual, participará dos dois caracteres — technico e tático.

Sob o primeiro ponto de vista serão estudados, nas sessões da tarde, a nomenclatura da ferramenta de sapa, portatil e de parque, seu manejo e criação dos abrigos individuais, prepraro para o tiro das cobertas naturaes do terreno ou melhoramento ou criação dos abrigos individuais das posições de tiro: atirador deitado, acocorado, de joelhos ou de pé, plataformas para metralhadoras e fuzis metralhadores, rede de arame, obras de faxina, etc. Dahi decorrerá, naturalmente, a aprendizagem do homem, tornando-o capaz de cooperar na feitura das obras de carácter collectivo mais importantes.

Encarado o assumpto, sob o ponto de vista tático e de applicação, será elle posto em prática na instrucção para o "adestramento do combatente", de acordo com as situações ahi criadas. A instrucção technica preparará o instrumento de combate, e a tática fal-o-a trabalhar.

E' indispensavel que os instructores chamem constantemente a atenção para a importancia dos trabalhos de sapa em todas as situações de campanha. Expliquem aos homens que o emprego da ferramenta de sapa é constante, e que na guerra poderão passar dias sem que os soldados façam uso de suas armas, mas, que o mesmo não acontecerá com sua pá ou picareta, quer elle se ache em marcha, estacionado ou combatendo, tanto no ataque como na defesa.

## ORDEM UNIDA

R. E. C. I. — (1<sup>a</sup> parte)

Os exercícios de ordem unida, diz o regulamento respectivo ensinam os movimentos necessários às paradas e dão à tropa a disciplina de fileira, os reflexos de obediência, dos quais resulta um automatismo de movimentos de conjunto, de grande valor esthetic, nas apresentações públicas, e que constituem os signaes exteriores do valor e disciplina da tropa.

A instrucção deve ser ministrada de acordo com o regulamento citado, sem ser permitido fazer-lhe modificações, e obedecendo à sua seriação natural na instrucção individual — instrucção sem arma — instrucção com arma, iniciado que seja o homem nessa primeira phase, deve-se fazel-o ingressar nas fileiras, para logo habitual-o ao trabalho de conjunto.

Não esquecer, porém, que, como em todo o ramo de instrucção, na "Ordem Unida" a instrucção individual é a base da collectiva.

## INSTRUÇÃO PHYSICA MILITAR

R. I. Ph. M.

Não ha, neste ramo de instrucção, programa geral possível. Quer se trate de instrucção physica propriamente dita ou da adaptação ás especialidades militares, a sua marcha é a mesma, sempre constante.

Cabe ao instructor agir com o maximo discernimento: procurar conhecer de um modo absoluto o valor physico de cada homem, afim de poder exigir de cada um delles directamente o trabalho de que sejam capazes — nunca de mais, nunca de menos. A estreita colaboração com o medico, e uma observação constante dos effeitos dos exercícios, lhe impedirá de cahir em erro.

Tanto na instrucção physica propriamente dita como na adaptação ás especialidades, o instructor terá sempre marcha constante a seguir: delineará o programma de uma lição completa, de acordo com o valor physico de cada turma ou classe, que será distribuída aos seus auxiliares, os quais a ensinarão em tantas sessões de estudo quantas forem necessárias para que cada homem aprenda o mecanismo de todos os movimentos constantes da lição. A prova desse aproveitamento será feita pela execução, em tempo préviamente limitado, da lição completa constante do programma.

Tendo todas as turmas saído satisfatoriamente dessa prova, o instructor organizará nova lição completa, na qual aproveitará um terço, pouco mais ou menos, dos exercícios já estudados na lição anterior. As turmas que não

tenham saído bem, continuarão estudando a mesma lição.

Nada adeanta acumular os instruendos com innumeros exercícios novos, sem cogitar de que elles saibam executar, com relativa perfeição, o mecanismo dos movimentos anteriores, os quais, muitas vezes elementares, são indispensáveis a outros exercícios seguintes, mais complexos.

## INSTRUÇÃO DE TIRO DAS ARMAS PORTATEIS

R. T. A. P.

A instrucção de tiro divide-se em:  
Instrucção technica (do atirador, fuzileiro e granadeiro);

Instrucção de combate;

Instrucção para as diversas categorias de combatentes.

No decorrer do primeiro periodo não poderemos pretender ir além da primeira sub-divisão.

Não devemos porque, conforme preceituia o respectivo regulamento em seu n.º 12, "a instrucção individual é a base do tiro" e que por consequencia essa parte da instrucção deve ser cuidada com o maximo carinho e rigorosa minucia, principalmente na parte referente ao que o Regulamento chama "exercícios preparatorios e de flexibilidade". Só depois do homem ter dado provas materiaes de ser capaz de atirar com cartucho de guerra é que deve ser levado á "linha de tiro" para executar os primeiros tiros á distancia reduzida.

Verificado pelo instructor que o recruta, apesar de sua preparação prévia, ainda apresenta defeitos que o impossibilitam de ser um atirador efficiente, não deve vacillar em fazel-o voltar aos exercícios preparatorios, os quais, em qualquer circunstancia, devem ser continuados, a titulo de aperfeiçoamento technico.

Com uma instrucção bem dirigida, no fim do periodo, um grande numero de homens de cada escola de tiro poderá ter satisfeito a maioria das condições do quadro I do R. T. A. P.

## INSTRUÇÃO RELATIVA ÁS METRALHADORAS PESADAS

R. E. M. P.

Na instrucção do soldado metralhador temos que encarar a phase da instrucção individual sub-dividida em duas partes distintas: a que lhe é ministrada no ambito do R. E. C. I., que se refere á sua preparação geral como vol-

teador, e a que trata de sua preparação especializada de metralhador, em que seu ensino, exclusivamente technico, está comprehendido no capítulo I do Título II do Regulamento n. 10.

Logo que os homens estejam em condições, regularmente, de desempenhar as funções de serventes, serão enquadrados no serviço da peça (Capítulo II, Título II), o que se poderá dar no ultimo mez de instrucção. Só assim será satisfeita a exigencia de serem mobilisáveis, como preceitua o n. 6 do R. I. Q. T.

Simultaneamente será praticada a instrucção technica de tiro, cuja parte preparatoria comum já foi estudada de acordo com o R. T. A. P.

Para que os homens possam ser mobilisáveis, de acordo com a exigencia acima citada, é indispensavel que, além dos conhecimentos técnicos que já possuem, conheçam tambem a technica dos tiros de instrucção à distancia reduzida. (Quadro n. 1, Regulamento n. 10).

#### TRANSMISSÕES

R. E. M. T.

Nos dois primeiros mezes, o official encarregado das transmissões fará, com os especialistas já existentes, uma recordação geral, afim de preparal-os para a instrucção dos futuros especialistas.

A instrucção dos especialistas visará principalmente o perfeito conhecimento do alfabeto Morse, de modo a que os homens possam se corresponder facilmente, qualquer que seja o processo de signalisação empregado, e a formação de turmas de telephonistas capazes de construção e exploração de uma rede telephonica.

O official de Transmissões apresentará semanalmente um programma detalhado da instrucção a ser ministrada.

#### INSTRUÇÃO GERAL

O instructor deve ter o maximo criterio na escolha dos assumptos a tratar neste ramo de instrucção não só sob o ponto de vista de sua applicação e utilidade immediata, como, principalmente, tendo em consideração o grão de cultura intellectual.

Procurará fornecer-lhes os conhecimentos compatíveis com a sua capacidade de apprehensão, e indispensaveis a tornar o homem capaz de se desembaraçar e saber agir nas situações ordinarias que se lhes apresentarão na sua vida quotidiana de soldado.

E' indispensavel, no entanto, cuidar com muito carinho da parte individual do Regulamento de Continencia, que constitue a verdadeira Escola de Apresentação do soldado, tanto

no interior da Caserna, como em seu contacto com o mundo civil.

#### EDUCAÇÃO MORAL

Escola de formação do espirito do soldado, deve ser encarada como a mais delicada missão do instructor, a quem cabe ministrar pessoalmente esses ensinamentos, não esquecendo que, na guerra, as forças moraes apresentam um papel preponderante.

Na organisação minuciosa de um programa de educação moral, é indispensavel cuidar principalmente de accentuar e desenvolver os sentimentos de patriotismo, amar á Bandeira, de honra, cumprimento do dever civil e militar, de disciplina, solidariedade, e de todas as virtudes militares.

#### INSTRUÇÃO DE CABOS

Aos cabos cabe cooperar, durante o primeiro periodo, como monitores de instrucção. Aos commandantes de companhias compete dirigir-lhes, aperfeiçoando a sua instrucção, de modo a poderem substituir eventualmente os sargentos, para o que deve tornal-os capazes de commandar o G. C.

#### INSTRUÇÃO DE SARGENTOS

Auxiliares immediatos do official subalterno na instrucção, é necessario desenvolver-lhes a cultura technica e tactica, de modo a ficarem aptos para commandar até o pelotão e saber instruir o G. C.

E' indispensavel terem um perfeito conhecimento dos regulamentos, afim de bem poderem cumprir essas missões.

Recomendo especialmente aos capitães que cuidem com minucias da instrucção dos seus sargentos, não esquecendo que o sargento, além de outros conhecimentos, deve ter as noções indispensaveis de topographia. O sargento que não tenha essas noções é incapaz de desempenhar na guerra grande parte das missões de que venham a ser incumbidos.

Conhecimento de terreno, leitura de carta, emprego da bussola, pelo menos, para poder se utilizar do angulo de marcha, são assumptos com os quaes não se admite que um sargento não esteja familiarizado.

#### PELOTÃO DE CANDIDATOS A CABO

A instrucção a ser ministrada a candidatos a cabo é toda a que se refere aos recrutas, levando-se em conta, porém, tratar-se de instruendos seleccionados, com os quaes a marcha

do ensino pôde ser mais rapida, afim de se poder abordar, dentro do proprio primeiro periodo, a instrucção inherente ás funcções de cabo.

O fim desta instrucção é tornar o homem apto para instruir a escola do soldado, agir como monitor na instrucção physica, onde deve saber dirigir uma "sessão de estudos", comandar a esquadra e, eventualmente, o Grupo de cujo commando é o substituto immediato no combate.

Dentro dos limites destas directivas, no decorrer do primeiro mez de instrucção, o official designado para instruir o Pelotão de cabos apresentará a este commando um programma detalhado da instrucção a ser ministrado, o qual, uma vez aprovado, será publicado em boletim.

#### INSTRUÇÃO DE SEGUNDOS TENENTES COMMISSIONADOS

A fim de proporcionar a esses officiaes uma oportunidade para ampliarem os conhecimentos militares que adquiriram na esphera relativa ás suas funcções de sargentos, funcionará um curso, que será dirigido por um official subalterno com o curso da E. A. O., e sob as vistas deste commando. O referido curso versará sobre o estudo e pratica dos processos de combate na infantaria, para o que se recorrerá principalmente aos seguintes regulamentos: R. E. C. I. (2<sup>a</sup> parte), R. E. M. P., R. S. C. e R. O. T., bem como serão ministrados os conhecimentos indispensaveis de topographia militar: — conhecimento do terreno, leitura de carta, orientação pela bussola, levantamentos expeditos, etc.

O fim do curso em apreço é tornar os seus alumnos aptos para dirigirem a instrucção individual e a das pequenas unidades, até o Pelotão, inclusive, e, a commandar, eventualmente, na guerra, a companhia.

Os segundos tenentes commissionados, independentemente desse curso, frequentarão, a titulo de aperfeiçoamento, a instrucção propriamente de officiaes, dirigida pelo Commandante do Regimento.

O official designado para instructor apresentará um programma de instrucção a ser ministrado, o qual, uma vez aprovado por este commando, será publicado em boletim regimental.

#### PROGRAMMA PARA A INSTRUÇÃO DE QUADRO DE OFFICIAES

I — a) — Estudo commentado dos seguintes regulamentos, nas suas partes essenciaes e encarados, principalmente, sob o ponto de vista de adestramento para o combate: R. E.

C. I. — R. E. M. P. — R. S. C. — R. O. T. — R. I. Ph. M.

b) — Doutrina de guerra.

c) — Cooperação das diversas armas no combate.

d) — Raciocínio tactico; como se resolve um thema.

e) — Arte de commandar.

II — Exercícios na carta (estudo aplicado dos regulamentos); pratica desses exercícios com quadros no terreno, depois de estudados na carta.

III — Topographia de campanha — revisão de conhecimentos, principalmente no que se refere á physionomia do terreno, leitura de cartas; applicações (no campo) do angulo de marcha.

IV — Trabalhos escriptos feitos em sala ou em domicilio pelos officiaes.

V — Opportunamente exercícios no campo com a tropa até o escalão companhia, com efectivo completo, considerada sempre enquadrada no Batalhão.

#### OBSERVAÇÕES

1.<sup>a</sup> — Este programma, no decorrer do anno, sofrerá as alterações que a prática e as necessidades do ensino determinarem.

2.<sup>a</sup> — No dia 25 de cada mez, será publicado, no boletim regimental, o programma da instrucção a ser ministrado no mez seguinte, estabelecendo-se os assumptos deste programma geral e distribuindo-os dentro dos respectivos horários semanais.

3.<sup>a</sup> — A instrucção será ministrada duas vezes por semana; ás quartas-feiras e sabbados, das 13 ás 14 horas.

4.<sup>a</sup> — As sessões de estudo poderão ser preenchidas por preleções ou arguições feitas pelo proprio Commandante do Regimento; por exercícios na carta ou no terreno (estudo e solução de themes tacticos) dirigidos pela mesma autoridade; palestras ou conferencias feitas por officiaes préviamente designados ou escolhidos na propria occasião.

"Actualmente, quando os quadros começam a valer por suas características profissionaes e technicas, o espirito e a letra da lei de promoções ainda autorisam processos pessoaes de promoção."

# Tactica na Carta

(Continuação do tema de Artilharia) (\*)

Pelo Cap. PRATI DE AGUIAR

## LIGAÇÕES E TRANSMISSÕES

Passemos a estudar syntheticamente este assunto.

Abordemos, em primeiro lugar, a questão muito importante da ligação entre a Artilharia e a Infantaria.

Seria superfluo repetirmos, por isso que muito claramente o dizem os nossos Regulamentos, o papel de um Destacamento de ligação, enviado pela Artilharia junto á Infantaria, bem como os detalhes do seu funcionamento, nas diferentes situações tacticas.

Limitar-nos-emos a chamar a attenção dos leitores para o aspecto particular, que reveste esta ligação no presente caso.

Em primeiro lugar, se torna necessário enviar um Destacamento de ligação, por conta do Agrupamento de apoio directo, junto ao Cmt. da Infantaria, isto é, junto ao 5º R. I.

Esta necessidade é indiscutivel, e corroborada pela seguinte prescrição:

"A remessa de um Destacamento de ligação é obrigatoria no combate para a Artilharia, que apoia a Infantaria."

Como constituir o Destacamento de ligação?

Antes de mais, reembremos que o Destacamento de ligação de Artilharia deve compreender um certo numero de sargentos (com os meios de transmissão, correspondentes ao numero de destacamentos a fornecer junto ás unidades de Infantaria subordinadas (em principio, um por Btl. engajado)). O lugar do official, chefe do destacamento, é, em geral, junto ao Cel. Cmt. do R. I.

No presente caso temos dois Btls. em 1º escalão. Portanto, poderá ser a seguinte a composição do Destacamento de ligação:

— Pessoal fornecido pelo Agrupamento de apoio directo:

1 official;

1 sarg. adjunto e 1 sarg. telephonista;

1 turma de telephonistas (3 telephones, 1 quadro de 4 direcções, 6 kms. de fio), 1 cabo e 5 soldados;

1 turma de signaleiros (2 homens);

2 agentes de transmissão.

— Pessoal fornecido por cada um dos Grupos de apoio directo:

1 sargento esclarecedor;

1 turma de telephonistas (mesma composição em homens e em material);

1 turma de signaleiros (2 homens);

2 agentes de transmissão.

Total:

1 official;

4 sargentos;

3 cabos;

15 telephonistas;

6 signaleiros;

6 agentes de transmissão.

Em 2º logar, seria necessário enviar um outro Destacamento de ligação, junto á Bda. de Cav.; mas, neste caso, por conta do Agrupamento de conjunto.

Com efeito. Já vimos que este Agrupamento será, eventualmente, chamado a actuar em proveito da Bda. de Cav. numa ampla zona, que em profundidade é limitada pe'o RIB. DE GUAIQUICA.

Ora, a situação excentrica deste Agrupamento em relação á Cavallaria; a independencia de missão atribuída a esta Bda., mais accentuada pela compartmentação do terreno, imposta pelo valle pantanoso do RIB. DO PINHAL; e a possível actuação do Agrupamento citado em proveito da Cavallaria, durante o tempo critico, em que o 1º escalão se retrahirá de um Destacamento de ligação junto a este ultimo escalão.

Relativamente ao problema das transmissões, apenas faremos referencia ás linhas telephonicas, que deverão se achar em funcionamento na manhã do dia 16.

O schema annexo traduz claramente o modo por que o Commando encara a organização das transmissões por telephone, para a acção do dia 16. Delle se deprehende que ha, essencialmente, quatro eixos de linhas telephonicas e as transversaes indispensaveis. Cada eixo resulta de um dos Grupos. Verificamos, então, da retaguarda para a frente:

— que cada Bia. se liga ao P. C. do Grupo correspondente;

— que o Grupo, por sua conta, prolonga as ligações para a frente até ao seu observatorio, estabelecendo um conjunto de 4 linhas entre o P. C. e o observatorio respectivo (o que permite a cada Bia. trabalhar independentemente);

— que, por fim, cada Bia.. liga seu observatorio ao do Grupo de que faz parte.

(1) Vide Defesa Nacional, numero de Setembro.

As ligações lateraes visam, de um lado, pôr em comunicação os Grupos entre si e com escalões superiores; de outro, permittir que um dado Grupo possa actuar em zona eventual, onde elle não dispõe de observatorio (o que requer a utilização do observatorio dum Grupo vizinho).

Esta ultima situação, que em regra deve ser evitada, é perfeitamente admissivel neste caso em vista da falta de tempo para o estabelecimento de transmissões completas, em consequencia da extensão da frente a defender e da dotação limitada de material de transmissão nos diversos escalões de Artilharia.

### OBSERVAÇÃO

#### a) Observação terrestre

Num terreno como este, em que não ha grandes diferenças de nível entre diferentes regiões, é necessário que os observatorios sejam levados para a frente, o mais possível.

Nestas condições, os observatorios das baterias serão localizados na crista topographica das alturas situadas imediatamente a O. do RIB. DO FERRAZ; em certos casos, mesmo pela necessidade de bater o curso deste Rib., elles terão de chegar até á crista militar, isto é, até ás primeiras linhas de Infantaria.

Os dos Grupos não serão tão avançados; ficarão certamente na crista topographica, porque para os Cmto. de Grupos se trata antes do confronto dos fogos, do que da execução dos tiros.

Tendo em vista estas considerações e levando em conta tambem que as ligações telephonicas devem ser resumidas ao minimo, nesta situação, pensamos que uma organisação da observação, tal como se acha indicada no schema annexo, seja admissivel.

Fazendo o exame do croquis, verificamos que as Bias., escolhendo seus observatorios bem na frente, terão de os ligar ao do Grupo correspondente, que se acha localizado mais á retaguarda.

Os Grupos terão então de estabelecer a continuação das linhas telephonicas para traz na direcção dos seus P. C. Finalmente, as Bias., devendo fazer a ligação telephonica das suas posições até aos P. C. dos Grupos correspondentes, ficarão, por essa forma, ligadas aos seus proprios observatorios.

Esta é a solução que convém ao Agrupamento de apoio directo. Mas, como resolvê-la para o Agrupamento de conjunto?

Seria inutil, que as Bias. deste Agrupamento organissem observatorios proprios,

porque, tendo elle de actuar em zona extensissima, deveriam ser muito numerosos, o que escarpaia ás possibilidades normaes dum unico Grupo.

A solução está na utilisação dos observatorios das Bias. de apoio directo.

Não obstante, o Grupo de conjunto terá de estabelecer dois observatorios, por sua propria conta: um, na parte S. do sector a defender justamente por parecer representar a maior importancia para o inimigo; outro, ao S. do RIB. DO PINHAL, na região a 3 kms. ao N. E. de DELGADO, tendo em vista a cooperação possivel que este Agrupamento poderá prestar á Bda. de Cav.

A organisação da observação terrestre para a Artilharia, á disposição da Bda. de Cav., se baseia nas idéas que acabam de ser expostas: por isso, deixamos de encarar esse detalhe.

#### b) Observação aerea:

A observação aerea será executada por um avião, em vigilancia permanente durante o dia 16.

Quaes os Grupos que deverão ser accionados pelo avião? — Normalmente todos que fazem parte da Artilharia da Retaguarda; eventualmente, o que se acha á disposição da Bda. de Cav.

Esta tarefa só é possivel a um unico avião, se o accionamento dos Grupos se fizer sucessivamente, por isso que um avião só pôde trabalhar, ao mesmo tempo, em proveito de tres Bias. no maximo (geralmente ás dum mesmo Grupo).

E' o que diz o Regulamento para a Emprego da Artilharia, annexo 3, pag. 55, numero 86, relativamente ao tiro simultaneo de varias Bias. contra o mesmo objectivo:

"Este genero de tiro é muito vantajoso, por permittir as concentrações de tiros de baterias, recurso que representa um papel importante no emprego actual da Artilharia: demais, aumenta consideravelmente o rendimento da observação por avião. (1). As baterias interessadas devem ter um Cmt. de tiro unico e servir-se de uma só antenna; normalmente serão as baterias de um mesmo Grupo." (2).

O Cmt. da Artilharia e os Cmto. de Agrupamentos terão de intervir no sentido de ser

(1) Permite em particular levar a cabo rapidamente a destruição de Baterias.

(2) Podem, porém, pertencer a Grupos diferentes e para o tiro de concentração ser conjugadas sob o mesmo Cmto.; daí não nasce dificuldade alguma.

accionado o Grupo que se achar disponivel e que tiver como zona de acção aquella em que se revelar o objectivo do momento. Tendo em vista repartir convenientemente os objectivos no tempo e no espaço, seria indicado que aquelles, revelados a E. da grande crista, acompanhando pela margem direita o RIB. DO FERRAZ, coubessem de preferencia ao Agrupamento de conjunto; e os que se revelassem a O. dessa mesma crista coubessem antes ao Agrupamento de apoio directo.

Quanto ao accionamento por avião da Artilharia á disposição da Bda. de Cav., só se fará em relação aos objectivos, que appareçam na zona de acção normal desta Artilharia e na hypothese de, ao mesmo tempo, não ser necessário este meio de observação para accionar os Grupos componentes da Artilharia da Retaguarda.

#### IV. DETALHE DOS TIROS PREVISTOS DE ACCORDO COM A INFANTARIA

Este assumpto comporta um duplo exame:

1º — Tendo em vista a defesa da posição pela Infantaria;

2º — Tendo em vista a missão de cobertura, a cargo da Cavallaria.

1º — *Tiros previstos* de acordo com a Infantaria, tendo em vista a defesa da posição atraç do RIB. DO FERRAZ.

Estes tiros comprehendem:

a) Fogos contra os objectivos, que se revelarem, quer nos pontos de passagem do RIB DO FERRAZ e nas suas proximidades, quer na região compreendida entre este Rib. e a crista que o acompanha pela margem E.

Elles se destinam a retardar a progressão até a margem do Rib. e a desorganizar as tentativas de passagem do curso d'agua citado, o qual constitue, como o indica o thema, um obstáculo importante, por se tratar de um Rib. que não dá vaus e que apresenta uma largura média de 6ms., em frente da posição defensiva.

Estes fogos serão desencadeados por ordem dos Cmts. de Agrupamentos, podendo ser utilizada a observação terrestre ou aérea, conforme as circunstancias; nelles tomarão parte, normalmente, os Grupos de apoio directo e,

eventualmente, o Agrupamento de conjunto.

Aqui, como nos tiros contra objectivos fugazes, se trata de cobrir uma certa zona do terreno de projecteis. Ora, diz a Instrucção Geral para o Tiro de Artilharia, referindo-se ao emprego do material de 75, (n. 523): “..... uma fracção de tropa a descoberto não se pôde subtrahir ao fogo de Artilharia, se este atingir á densidade de 100 a 150 tiros por hectare (segundo a importancia do objectivo).”

E tratando do ajustamento e da execução do tiro, a citada Instrucção acrescenta (n. 524) que elle deve ser *massigo* e de *curta duração* (esta não devendo ultrapassar de 3 minutos). Admittindo, então, que tenhamos de bater uma zona restricta, por exemplo, de 1 hectare e que queiramos atingir á densidade média de 120 tiros por hectare, vemos que tocará a cada peça de uma só bateria a execução de 30 disparos em 3 minutos ou 10 disparos num minuto.

E' muito!

Não devemos admittir que os tubos de 75 dêm mais de 8 tiros por minuto e mesmo este maximo só deverá ser consentido, no caso de um tiro de duração muito pequena.

Por consequencia, chegaremos á conclusão de que, neste caso, será preciso empregar mais de uma bateria, isto é, será preciso fazer *concentração*.

Este exemplo mostra claramente como deve ser commun, tratando-se de tiros sobre zona e contra o pessoal a descoberto, o emprego da concentração dos fogos de duas ou varias baterias, conforme a importancia da zona a bater.

Esta conclusão sóbe de valor, se considerarmos que, no exemplo figurado, a zona proposta representa apenas um quadrado de 100 ms. de lado. Ora, os objectivos deste gênero raramente apresentam dimensões tão reduzidas...

b) *Tiros de deter.*

Elles têm por fim crear, no momento do ataque inimigo, uma zona de fogos profundos; o mais perto possível da Infantaria amiga e na sua frente.

Isto se consegue por meio dum tiro denso, com alça unica, executado de

modo tal, que correspondam 2 tiros por minuto a cada porção de 15 ms. de frente.

Cabe habitualmente a cada bateria uma frente de 200 ms. a proteger.

Para o fazer com a densidade indicada será preciso que cada peça faça 8 disparos por minuto, o que restringe a duração dos tiros de deter a 5 minutos, no maximo.

No caso do tñema, dispomos de um Grupo para apoiar cada um dos Btls. de 1º escalão. A frente dos C. R. atinge até 3,5 kms. Entretanto, cada Grupo de apoio directo pôde apenas fazer uma barragem defensiva continua de 600 ms. de frente (ou 800 ms. para o G. de Mth.).

Em tal caso, é indiscutivel que a proporção de Artilharia se manifesta insuficiente.

Não obstante, precisamos arranjar uma solução para este caso, que poderá de resto ser frequente nas guerras sul-americanas.

Como resolver a questão?

Ora, tendo em conta que certas partes da frente são mal batidas, ou mesmo, não podem ser batidas pelos órgãos de fogo da Infantaria, será em primeiro logar indicado aplicar os fogos de Artilharia nestas porções da frente, visto como as trajectórias dos canhões são menos tensas, que as das armas automaticas.

Para determinar estas porções o verdadeiro caminho é o reconhecimento no terreno; mesmo as cartas muito precisas só as indicam de um modo approximado, por isso que intervêm sempre certas circunstâncias, que escapam ao exame das boas cartas.

Além destas partes da frente defensiva, mal batidas ou, mesmo, não batidas pelos fogos das armas automaticas, ha outras na frente das quais convém ser localizados os fogos de deter da Artilharia; são as frentes de provável esforço principal para o inimigo.

Podemos, portanto, concluir:

1º — Que os fogos de deter da Artilharia serão reservados em primeiro plano, para bater os pontos ou regiões da frente de defesa, que são mal batidos ou não são batidos pelos engenhos de fogo, nas mãos da Infantaria.

2º — Que, em segundo logar, elles serão destinados a reforçar as frentes,

sobre as quais recahem as maiores possibilidades e probabilidades de esforço principal do inimigo.

Para terminar o estudo dos fogos de deter, será bom alludir á flexibilidade de emprego, que estes fogos comportam. Queremos dizer, em summa, que, no caso do inimigo atacar apenas uma parte da frente, será possível aplicar meios mais importantes de fogos na frente restante; para isso actuarão, eventualmente, na frente de ataque do inimigo, certas Bias., que normalmente seriam reservadas para actuar em proveito de Btls. não atacados.

Assim, na hypothese do inimigo limitar o seu ataque ao C. R. 1, poderemos desencadear uma barragem defensiva de 1.400 ms. de frente, deante deste C. R., dos quais 800 ms. de barragem normal, a cargo do G. de Mth., e 600 ms. de barragem eventual, a cargo do G. A. M.

Os fogos de deter serão executados pelos Grupos de apoio directo e desencadeados pela Infantaria de 1º escalão, mediante um foguete convencionado.

Simultaneamente com os fogos de deter, o Agrupamento de conjunto fará tiros de varrer, nas vertentes e no valle do RIB. DO FERRAZ, nas zonas por onde o inimigo canalizar mais profundamente o seu ataque.

2º — *Tiros previstos* de acordo com a Cavallaria.

Os tiros de apoio á Bda. Cav. assumem um aspecto diferente, em relação aos que se destinam a apoiar a Infantaria.

Com efeito,

Deante do 1º escalão de Cavallaria, os fogos de Artilharia serão dirigidos contra os objectivos, que se revelarem a O. da grande crista, que acompanha pela margem direita o RIB. DAS PEDERNEIRAS. Elles serão accionadas pela observação terrestre e, eventualmente, pela observação aerea.

O fim, que temos em vista, consiste em atingir ao inimigo, desde o momento em que atingir a crista a O. do RIB. DAS PEDERNEIRAS, um conjucto de fogos de armas automaticas e de Artilharia, capaz de obrigar-o a se deter nesta crista, de onde, para prosseguir, terá de manter um ataque. Toda a Artilharia, á disposição da Bda. de Cav., deverá participar destes fogos.

Deante do 2º escalão a solução se apresenta differentemente. Aqui, se trata de defender as alturas immediatamente a O. do RIB. DE GUAIQUICA, pelo menos até o fim do dia 16.

Então, teremos de organizar uma linha continua de fogos de armas automaticas na crista militar destas alturas.

O emprego da Artilharia, neste caso, poderá ser resumido assim:

Primeiramente, ella actuará, por meio de concentrações, nas passagens e nos pontos de facil travessia do RIB. DE GUAIQUICA.

Depois, sob a forma de barragem defensiva, actuará deante da linha de resistencia, completando os fogos de Infantaria, e tambem nas regiões proximas ás estradas, que se dirigem para DELGADO e para GUAIQUICA.

Depois do que ficou dito, vemos como num mesmo thema varia o emprego tactico dos fogos de Artilharia. Isto vem reaffirmar que, neste domínio, nada pôde haver de rígido: o emprego da Artilharia varia em cada caso.

Em qualquer circunstancia, porém, o modo de actuar desta arma deve se harmonisar perfeitamente com a marcha das armas irmãs — a Infantaria ou a Cavallaria.

#### V. DECISÕES DO CMT. DA ARTILHARIA PARA O REMUNICIMENTO NOS DIAS 15 E 16

São muito simples estas decisões, como vamos ver:

1º — Na jornada de 15, as C. l. m. deverão se esvaijar junto ás posições e marchar em seguida para os locaes de estacionamento (por exemplo, no valle do CORR. DO XADREZ).

2º — Na jornada de 16, por volta de meio dia, tem-se a informação (contida no thema), de que os primeiros infantes inimigos aparecem ás 10 horas na crista a E. de FAZ. DO RETIRO, ao mesmo tempo que tiros de Artilharia cahem nas nossas posições. Às 12 horas, o consumo de munições se eleva a 80 tiros por peça.

O momento é opportuno, para que o Cmdo. decida que as C. l. m. marchem rumo de ARARAS, de modo a receberem as munições creditadas á Retaguarda da 2º D. I., desde as 18 horas do dia 15.

Depois, elles alcançarão a região de FAZ. S. ANTONIO, onde receberão novas ordens.

Esta solução se justifica pelas razões abaixo:

1º — Não podemos receiar que as munições de que dispõe a Retaguarda da 2º D. I. sejam insuficientes para o dia 16, por isso que se trata duma quantidade de munições bem importante ( $2/3$  de dia de fogo); por outro lado, o inimigo, no fim do dia 15,

ainda não tomou contacto com a posição defensiva.

2º — O que se tem a temer é que o gasto de munições na jornada de 16 seja pequeno e, por occasião do retrahimento da Retaguarda, não se disponha dos meios de transporte necessários, para evacuar as munições das baterias, o que importaria entregar uma parte delas ao inimigo ou então a proceder á sua destruição, soluções inadmissíveis no caso.

3º — Em vista disso, o Commando toma a decisão de fazer estacionar as C. l. m. (vasias) no valle do CORR. DO XADREZ, até que o gasto de munições na jornada de 16 afaste a possibilidade de falta de meios de transporte para evacuar as munições restantes, por occasiao do retrahimento da Retaguarda da 2º D. I.

Uma vez afastada esta hypothese, o Cmt. da Art. dá ordem de marcha ás C. l. m., afim de se remuniciarem em ARARAS, como foi dito acima.

**A NAÇÃO : E SUA : DEFESA** "No que diz respeito ás necessidades da guerra é evidente a nossa insuficiencia geral. Tudo nos falta. Mas, falta-nos sobre tudo o conhecimento das leis que regem o phenomeno da guerra em todos os seus aspectos, desde a preparação até a execução.

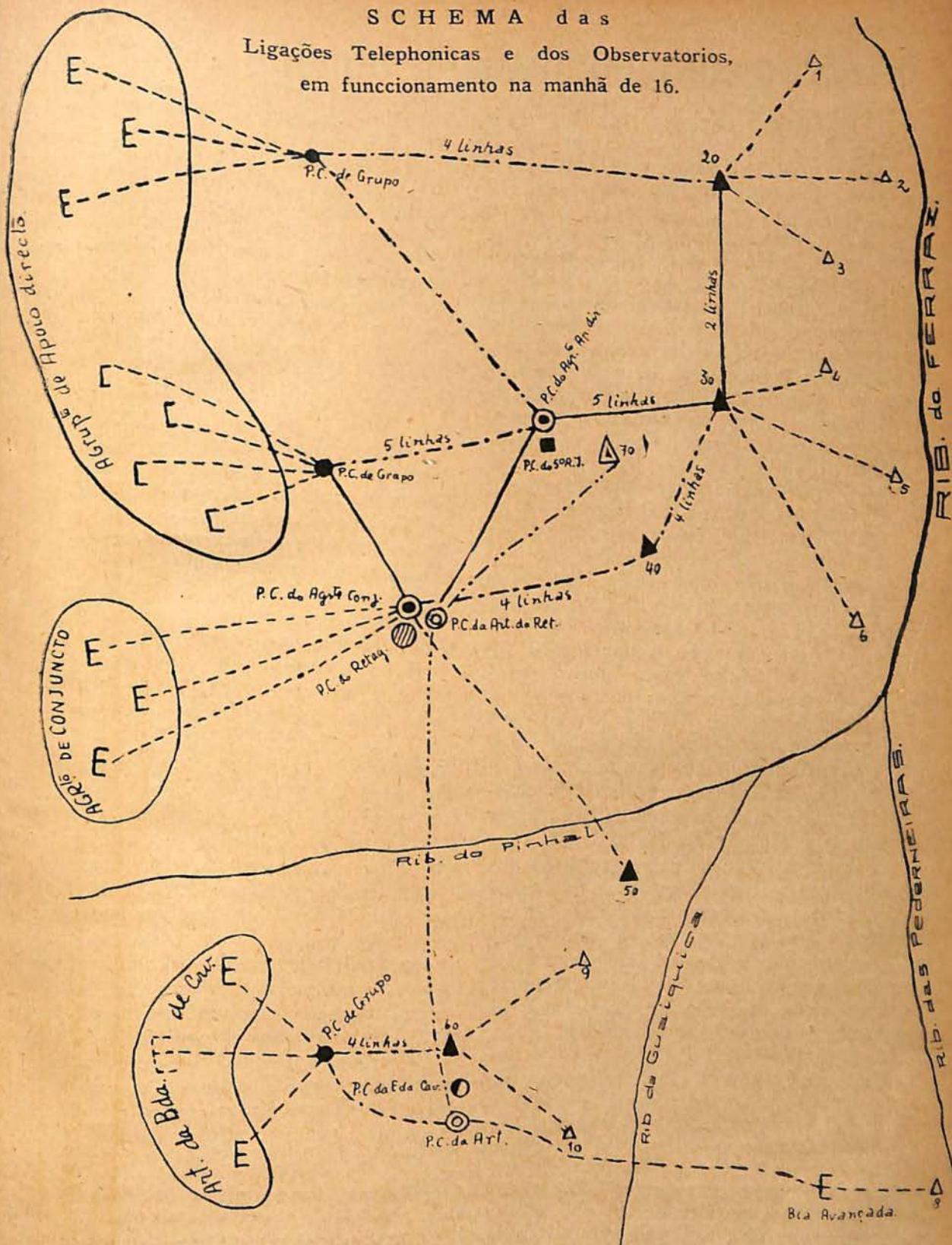
Assim, falta-nos a base principal sobre que assentar qualquer construcção: uma mentalidade apropriada.

Não se pode, portanto, estranhar a indifferença da nação pelas necessidades primaciaes de sua defesa.

A ausencia real da mentalidade própria a uma organisação efficiente da defesa nacional, revela-se, não nos nossos pensamentos e discursos, mas em nossos actos. E são os actos que definem a assimilação real de uma doutrina e a existencia de uma mentalidade. As palavras não têm valor pratico quando não as coadjuva a acção.

Falta-nos continuidade na acção, marchamos passo, retrocedemos e oscillamos constantemente em torno de questões eternamente debatidas. A preocupação dos detalhes que a realisação pratica das medidas julgadas necessarias impõe, faz-nos perder a concepção geral dominante e perturbar a ordem de urgencia que a execução deve prever."

**S C H E M A das**  
**Ligações Telephonicas e dos Observatorios,**  
**em funcionamento na manhã de 16.**

**LEGENDA:**

- Linhas teleph. a cargo das Bias.
- - - Linhas teleph. a cargo dos Grupos.
- Linhas teleph. a cargo dos Agruptos.
- Linhas teleph. a cargo do Destac. de

- 1, 2, 3, 4, 5, 6 — Observatórios das Bias. de apoio directo.
- 8, 9, 10 — Observatórios das Bias. da Art. da Bda. de Cav.
- 20 e 30 — Observatórios dos Grupos de ap. directo.
- 40 e 50 — Observatórios do Grupo de conjunto.
- 60 — Observatório do Grupo à disp. da Bda. de Cav.

# A proposito do nosso problema de aviação

Qualquer organização nacional é um complexo naturalmente constituído de partes intimamente ligadas e necessariamente solidárias, e que reagem umas sobre as outras.

Suas questões exigem que todos que as devem tratar tenham capacidade para formar apreciações de conjunto, mesmo que se encarreguem, na prática, apenas de aspectos particulares. Por tais razões os especialistas são raramente proprios a achar as soluções definitivas. Em regra, soffrem elles do grande mal de insuficiencia de cultura geral. Isso faz com que pretendam constantemente sobrepor aquillo de que se ocupam a tudo mais, despresando as ligações e dependencias fataes existentes com os outros phenomenos. Tal facto se observa muito bem com as cousas da guerra, onde a solidariedade e coordenação são necessidades capitales mas onde cada arma ou outro qualquer elemento de luta tende a predominar nas soluções. Felizmente suas acções não chegam a se tornar inuteis ou prejudiciaes, no minimo improductivas, graças aos E. M. conhecedores dos mecanismo e valores essenciaes de todos elementos e graças a grande cultura geral de que, em regra, os chefes são possuidores. Escudados nas realidades flagrantes do campo de batalha esses elementos directores conseguem sempre preponderar.

Na paz, tais factos, sem o controle natural da pura realidade, tendem a se desenvolver, cada qual querendo fazer predominar suas vistos particulares. E muitas vezes a argumentação de que lançam mão os especialistas vem revestida de apparencias sobre as quais faz-se mister meditar cuidadosamente para não ocorrer em falsas conclusões.

Um bom exemplo é o que se passa com o nosso problema da aviação. É claro que pelas nossas extensões territoriales e dificuldades de comunicações, a aviação pôde e deverá constituir optimo instrumento de civilisação e de progresso e tambem excelente meio de defesa. A esse respeito pôde dizer mesmo que o Brasil sem aviação proporcional á sua grandeza, é uma nação á mercé das outras.

Para chegar a esse resultado elle precisa ter uma solida organização da sua aviação militar e naval e uma bem desen-

volvida aviação civil que constitua reserva rica das primeiras.

Mas, para que não caiá o feitiço contra o feiticeiro, essa aviação civil deve ser eminentemente nacional: em seus capitales, em sua industria e notadamente em seu pessoal. Com as estradas de ferro e linhas de navegação por agua, pôdem-se ter algumas condescendencias. Tel-as com a aviação e pôr a patria em perigo, porque se as estradas de ferro e linhas de navegação poderão prejudicar o paiz, em caso de guerra, por uma acção negativa, passiva, negando-se por ex., a funcionar, a aviação poderá ir longe e qualquer piloto tornar-se um aggressor. Além disso ha o perigo das informações faceis.

Muitos pretendem que o governo brasileiro se deixe seduzir pelos reclames jornalisticos e emprehenda esforços em prol da aviação civil. Ora, seria um erro grave, porque creariamos reservas sem ter a quem servir e com o grande risco de lançar em mãos estrangeiras a aviação nacional, protegendo as empresas já organisadas com os recursos dos respectivos governos.

A aviação civil só pôde viver à custa do governo e seria um erro, uma perturbação mental, em face dos interesses da defesa nacional despender recursos com a reserva sem ter organizado o nucleo principal. Si nos paizes ricos e populosos, com aviação militar poderosa e bem organisada, isto é, ainda um facto, que aconteceria num paiz como o nosso, sem industria propria e sem facilidades para organizar e manter linhas aereas, porque faltam meios de toda ordem, desde o pessoal nacional, até as cartas proprias para a navegação?

Procede, portanto, logica e patrioticamente o governo resistindo ás más tendências e não distrahindo recursos quaesquer enquanto a aviação militar e naval não estiverem organisadas e em pleno funcionamento.

**"A primeira mobilização de um paiz é a mobilização espiritual. O seu mais poderoso armamento está nas almas."**

(Bap. Pereira — "O Brasil e a raça")

# Subsídios para os quadros de reserva

## CAVALLARIA (\*)

### Ordem dispersa

#### IMPORTANCIA PARTICULAR DA ORDEM DISPERSA

As formações densas, compactas, em virtude da sua extrema vulnerabilidade, devem ser sistematicamente banidas do campo de batalha.

E' a consequencia inevitável da potencia do fogo actual.

As armas modernas — particularmente os canhões e as armas automaticas — tornam extraordinariamente difícil, ás vezes impossível — a progressão das tropas em formações cerradas.

Dest'arte, as formações abertas — diluidas — assumem, presentemente, particular importancia.

A Cavallaria deve, pois, habituar-se em marchar em *ordem dispersa*, devendo a sua instrucção, sob esse aspecto, merecer um cuidado todo especial.

#### PRINCIPIOS QUE DEVEM SERVIR DE BASE PARA A MARCHA, EM ORDEM DISPERSA DUM PEL. DE CAVALLARIA

Para que uma tropa de Cavallaria possa marchar methodicamente — conservando-se sempre na mão do chefe — é indispensável que se estabeleça uma *unidade de dispersão*.

Essa unidade é:

- no Pel. — a esquadra;
- no Esq. — o pelotão;
- no R. — o esquadrão.

Isto posto, vejamos como se deve efectuar a progressão de um pel. em ordem aberta.

Os principios que regem a marcha do pel. se applicam tambem ás demais unidades, na marcha compativel com os seus effectivos. Elles se podem reunir da forma que segue:

1º — Não existe, em ordem dispersa, uma formação typica de marcha. Conforme as circumstanças (terreno, inimigo), o pel. dispersar-se-á:

a) em forrageadores;  
b) por esquadras: seja em linha de esquadras, seja por esquadras successivas (dispersão em iarda ou em profundidade).

2º — A direcção geral e a vulnerabilidade de marcha são asseguradas pela *esquadra de direcção* — collocada á retaguarda do chefe do pel. e recebendo directamente as suas ordens. Essa esquadra rompe uns vinte metros para a frente e indica ás outras, por seu exemplo, a formação, a direcção e a andadura que devem tomar (R. E. C. C. — 3ª parte — 77).

3º — O chefe da esquadra é o *guiia* da sua pequena unidade. Como tal, elle marcha na sua frente, qualquer que seja a formação, tendo sempre os olhos fixos na esquadra de direcção (vêr o paragrapho precedente).

4º — Não se pôde impôr ás esquadras uma formação schematica: elles marcharão em forrageadores, em columna por um, conforme as condições impostas pelo terreno e pelas reacções do inimigo.

5º — Se bem que a formação da esquadra seja indicada pela esquadra de direcção, um chefe de esquadra qualquer tem a liberdade, se as circumstan-

cias o exigirem, de abandonar momentaneamente a formação prescripta e adoptar a aconselhada pelas condições especiais do momento.

E é, justamente, essa facilidade em adaptar rapidamente as formações ao terreno — essa *flexibilidade* — que constitue uma das características essenciais da Cavallaria.

Todas as formações rígidas são incompatíveis com o espírito da nossa arma!...

6º — O pel. progride por lanços, marcados pelas transversaes, pelos cortes do terreno.

7º — Attingida uma dessas transversaes, enquanto o pel. ainda se conserva na mesma formação, os cabos vão ao encontro do seu chefe, que, á vista do terreno, prepara o seu novo lance, indicando aos chefes de esquadra:

- a) a direcção geral do movimento (materializada por pontos do terreno bem visíveis);
- b) a nova linha a atingir;
- c) a formação do pel.

Dá, ainda, se fôr o caso, ordens relativas ao reconhecimento de tal ou qual ponto interessante do terreno que se apresenta na zona em que o pel. deve atravessar.

A parada é tambem aproveitada para o restabelecimento da ordem.

Vê-se, assim, que cada lance representa uma pequena operação particular que deve ser cuidadosamente preparada pelo cmt. do pel.

8º — Os intervallos entre os cavalleiros (forrageadores) ou entre as esquadras (dispersão por esquadras) são eminentemente variaveis.

Dependem:

- a) do terreno e do inimigo;
- b) do grão de instrução dos cavalleiros, notadamente dos cabos, que, se estiverem bem adextrados, sabendo habilmente utilizar o terreno, poderão marchar com grandes intervallos, sem se exporem ao risco de se espalharem, de se disseminarem completamente, perdendo a "*cohesão elástica*", que, mesmo na ordem dispersa, deve ser mantida.

Comtudo, existe um limite, imposto pelas necessidades duma *perfeita ligação pela vista* entre os chefes de esquadra e a esquadra de direcção.

Essa condição é imprescindivel para que o cmt. do pel. possa realmente commandal-o.

9º — Na dispersão por esquadras em profundidade, é conveniente que as esquadras, ao irromperem de uma coberta, por exemplo, não o façam todas de um mesmo ponto, salvo se condições particulares de terreno não permittirem que procedam de outra forma.

Na mesma ordem de idéas, as formações devem ser tomadas ao abrigo da coberta (o desembocar deve realizar-se, sempre que possível, já em ordem dispersa).

10º — A marcha deve ser feita sem preocupação de *alinhamento* ou de *distancia fixa*; a idéa de alinhamento — absolutamente nefasta — deve ser

(\*) *Fontes de consulta* — R. E. C. C. (3ª parte). Lnt. Cel. Carrère. — Cavalerie. Faits vécus. Enseignements à en tirer.

substituida pela noção muito mais fecunda de *direcção*.

11º — Para que a progressão se possa efectuar em boas condições, é indispensável que o pel. seja precedido de "exploradores do terreno", que lhe assinalem, mediante signaes convencionados, os obstáculos encontrados, evitando-se, assim, que os cavaleiros fiquem immobilizados, diante de qualquer dificuldade do terreno, sob as vistas e os fogos inimigos.

\* \* \*

Verifica-se, assim, que todas as formações schematicas, rígidas, geometricas devem ser absolutamente proscriptas do domínio da "ordem dispersa".

E' indispensável que estudemos sempre o "caso particular" em questão e que lhe adaptemos a formação mais conveniente, em função das circunstâncias varias que envolvem o problema (missão, inimigo, terreno...).

## SOBRE ORGANIZAÇÃO DO TERRENO

### IX — ARTILHARIA

Vimos em nossos artigos anteriores que "O plano de defesa é o documento de que se serve o chefe para fazer conhecer o modo por que entende conduzir a batalha defensiva e os meios que conta empregar para tal fim". (R. O. T. — Cap. I — 1.<sup>a</sup> parte).

O plano de defesa traduz portanto a maneira como o chefe vai empregar os seus recursos em tropa e material, casando-os com o terreno, arma poderosa posta em mãos, com o fim de aniquilar o inimigo.

O plano de defesa exige assim um — Plano de organização defensiva — em o qual se estabelece minuciosamente as varias obras e compartimentações a executar no terreno, bem, como o emprego da tropa. Tudo isto visa — aproveitar o terreno para criar toda a sorte de dificuldades possíveis ao acesso do inimigo, ás posições e á sua progressão ulterior em seu interior, enquanto que, abrigando o defensor, lhe permitte um optimo emprego de suas armas de fogo.

Criar á frente da posição uma barreira de fogo intransponivel ao inimigo — eis um dos objectivos, sinão o principal, a attingir.

Tal se consegue com a organização minuciosa dos:

- Plano de fogo da infantaria.
- Plano de emprego da artilharia.

Já sabemos em que consiste o primeiro, falta-nos algo dizer sobre o segundo. Não vamos aliás dizer aqui como se organiza um plano de emprego de Artilharia; tal assumpto foge aos limites naturaes desta secção. Temos em vista apenas dar uma idéa de como age a Artilharia, com seus fogos,

de forma a quebrar o dispositivo do inimigo, quer no momento em que elle se desencadeia, quer depois.

No que vai seguir adoptamos a orientação do Coronel Tréguier, um dos mestres no assumpto, autor do bem reputado livro "O que deve a Infantaria conhecer da Artilharia". De um modo geral, compete á Artilharia na defensiva:

1º. Impedir a preparação e o desencaudeamento do ataque:

2º Desencadeado um ataque, impedir o seu proseguimento.

A execução do primeiro desideratum importa no estabelecimento das seguintes missões:

1º. Distribuição e contrabateria.

2º. Interdição.

3º. Contra-preparação propriamente dita.

As duas primeiras missões são desempenhadas no geral dias antes do ataque. Pela primeira a artilharia bate os locaes onde a observação revelar a presença de baterias inimigas, depositos de munições, etc. E' bem provavel que, em se tratando, de um ataque de grande envergadura, o inimigo dias antes de desencadeá-lo procure, sinão ocupar as posições das baterias, pelos menos aproximar-se delas e bem assim em taes pontos organizar os seus depositos de munições. E' no intuito de impedir tal acção que a artilharia de defesa fará os seus fogos de contra-bateria e destruições de depositos de munições.

Por outro lado a execução de um ataque exige para o defensor a aproximação de tropas e recursos de toda a ordem (munições, viveres, ambulancia, etc.), muito antes do dia aprazado. Tal aproximação se fará fatalmente por certos e determinados caminhos. Taes caminhos apresentarão pontos particularmente notaveis por serem pontos de passagem obrigada, como — pontes, encruzilhadas, desfiladeiros, etc.

Compete então á Artilharia da defesa impedir ou pelo menos difficultar a passagem nestes pontos das tropas e comboios inimigos. Tal a missão de interdição — que lhe é imposta.

Bem se pode comprehender entretanto que estas acções longinquas poderão quando muito retardar, mas nunca impedir a preparação de um ataque inimigo e chega finalmente o dia do seu desencadeamento.

Nossos agentes e órgãos de observação denunciam ao Commando a imminencia do ataque, revelado por um movimento mais intenso de tropas, tomada de posição por bate-

rias, etc. Urge então uma attenção toda particular para desencadear por toda a Artilharia um fogo violento, que, no momento em que as primeiras tropas inimigas saiam de sua base de partida, envolva em uma chuva de aço, não só as tropas de assalto, como os observatorios, P. C., locaes de reuniões de tropas de reforço, etc. Isto é — a contra-preparação — visa fazer abortar o ataque inimigo. E', cousa notavel, muito embora o inimigo faça preceder algumas vezes a hora H de uma violenta preparação, cumpre a artilharia da defesa não contrabater a artilharia do ataque, mas sim concentrar todos os seus fogos sobre a infantaria inimiga, órgãos de commando e observatorios, visando impedir-lhe o surto do ataque.

Se tal não consegue entra então a artilharia da defesa na execução da segunda missão geral — FOGOS DE DETER.

Estes fogos, como aliás os primeiros, são preparados cuidadosamente, quando se organiza o plano de defesa.

Para sua execução efficiente exige-se um perfeito consorcio entre elles e os da Infantaria.

Neste particular a artilharia vem com seus fogos bater aquellas zonas obrigatorias de progressão do inimigo que o não podem ser ou o são incompletamente batidas pelas armas automaticas da Infantaria.

Isto é a artilharia vem completar e reforçar a barreira de fogo que a Infantaria offere á frente de suas posições impedir visando o proseguimento do ataque, que a contra-preparação não conseguiu fazer abortar.

Esse fogos de deter se apresentam sob a forma de barragens ou concentrações de fogos em pontos particularmente notaveis da frente a defender.

Para a sua execução é necessario uma intima ligação entre a Infantaria e a Artilharia; por isto fracções desta (grupamento de apoio directo) são destacadas para operar em ligação com fracções daquella.

Entretanto ao par da missão de deter, desempenhada por grupamento especialmente a ella destinada, outras missões ha, chamadas — missões de conjunto —, desempenhadas por outro grupamento:

contra-bateria interdicções, enjaulamento, etc.

Em resumo compete á Artilharia:

1º. — Impedir o desencadear de um ataque (contra-preparação).

2º. — Impedir o proseguimento do ataque (missão de deter).

3º. — Auxiliar a execução dos contra-ataques.

Neste ultimo caso como o faz na offensiva:

#### X — TRINCHEIRA E SAPA. COMMUNICAÇÕES ENTERRADAS.

Ao iniciar esta secção um unico desejo nos animava: fornecer aos quadros da reserva noções succintas de organizações do terreno, isto é dar-lhes uma idéa do que vem a ser um ataque organizado defensivamente e como se procede para tal conseguir.

Tendo em mira tal objectivo não organizamos préviamente um programma, antes resolvemos adoptar um já organizado e officializado, procurando apenas desenvolvê-lo e adoptal-o melhor ao caso dos quadros da reserva. Foi assim pensando que tomamos por programma a seriação contida no nosso R. O. T. e temos vindo explanando os seus assumptos. Ha nisto grande vantagem: divulgamos os conhecimentos essenciaes da organisação do terreno sem nos afastarmos da doutrina adoptada.

Assim é que continuando a respigar Capítulo III — Definição — do Titulo II R. O. T. 1ª. Parte, cabe-nos hoje tratar assumptos cujos nomes servem de titulo nosso artigo X.

Diz o R. O. T. — "Denomina-se trincheira um fosso organizado para o tiro; sapa, um fosso escavado para permitir a circulação ao abrigo das vistas e, tanto quanto possível dos tiros do inimigo.

A organisação de um grupo de combate reclama, pois, uma parte de trincheiras e outra de sapas; é desnecessario crear trincheiras fóra dos locaes de tiro dos grupos de combate e das metralhadoras".

De modo geral — trincheira é o lugar onde se combate; sapa um lugar por onde se caminha abrigado.

A installação de um G. C. exige — trincheira para F. M. e seus muniçadores; trincheiras para os volteadores, situadas de tal forma que flanqueiem e protejam o F. M.; sapas para ligar entre si as trincheiras anteriores.

Com relação as communicações enterradas diz o R. O. T. "As communicações enterradas têm por fim permitir a circulação, convenientemente abrigada, dos diversos elementos da defesa; em principio, são feitas em sapa, e denominam-se:

PARALLELAS, quando asseguram as communicações paralelas á frente;

Normaes, quando protegem as commu-

# EXPEDIENTE

*"A' Direcção de A DEFESA NACIONAL cabe a responsabilidade da edição, aos colaboradores e das opiniões que emittirem em seus artigos" (art.º 5.º § 2.º dos Estatutos.)*

## REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa direcção prescrevemos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á colaboração, sugestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importâncias deve tratar-se com o *Gerente*;
- 3) Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazel-o ao *Director*.
- 4) Toda a correspondencia para a Caixa Postal 1602 ou na rua do Ouvidor 164, 2º andar.

## AOS NOSSOS REPRESENTANTES

1) As guias de remessa da revista devem ser devolvidas como signal de que foi recebida a expedição. N'ellas deverão vir anotadas as alterações sobre os assignantes.

2) Pede-se aos Srs. representantes que todas as vezes que se ausentarem da séde da guarnição queiram deixar um substituto interino. Em caso de transferência devem propôr um oficial, para substitui-lo definitivamente na representação.

## AOS NOSSOS COLLABORADORES

Pedimos encarecidamente aos nossos pre-zados collaboradores o seguinte:

- apresentar os originaes sempre legíveis e se possível dactylographados;
- só escrever em uma das paginas das folhas do papel que utilizem;

nicações perpendiculares á frente; E' normal, para facilitar as ordens e informações, dar ás parallelas as denominações seguintes:

“Parallelas de vigilancia” — A que liga os orgãos de vigilancia;

“Parallelas principal” — A que liga os orgãos de fogo da linha exterior da posição;

“Parallelas de apoio” — As parallelas successivas que ligam, no interior da posição, os diversos orgãos de fogo. A ultima

— se se tratar de assumpto technico usar somente as abreviaturas regulamentares e não esquecer as demais *regras prescriptas pelo R. S. C.* (qualquer edição) a respeito da graphia dos nomes de localidades e estradas, orientação etc.

Fazemos tal solicitação com o duplo fim de facilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das vezes teem que soffrer completa remodelação, e para evitar a sobrecarga que nos tóca se os seus autores não tomam a si, como de direito, a tarefa de apresental-os em condições.

## ASSIGNATURAS

Semestre .....	9\$000
Anno .....	18\$000
Avulso .....	2\$000

Permanecem em vigor as reducções para alumnos da E. M. e Sargentos. (5\$000 por semestre).

As assignaturas terminam nos meses de Junho e Dezembro, podendo ser iniciadas em qualquer época; neste caso o assignante pagará os meses restantes do semestre a razão de 1\$500 por mez.

## TABELLA DE PREÇOS DOS ANNUNCIOS

### CAPA EXTERNA

1 Pagina.....	300\$000
½ Pagina.....	180\$000

### FOLHAS INTERNAS

1 Pagina.....	150\$000
½ Pagina.....	90\$000
¼ Pagina.....	50\$000

### CAPA POSTERIOR

1 Pagina.....	200\$000
½ Pagina.....	180\$000
¼ Pagina.....	80\$000

### FOLHAS COLORIDAS DENTRO DO TEXTO

Impressão de um só lado.....	250\$000
Impressão dos dois lados.....	400\$000

dellas (algumas vezes chamadas parallelas dos reductos) apresenta importância particular, porque constitue a ultima organisação que permite a defesa manter-se na posição e conservar a possibilidade de desencadear um contra ataque de conjunto.

Convene lembrar que o tratado das parallelas, simples orgãos de comunicação, é independente do traçado dos obstaculos, e que o que principalmente tem importância é a collocação dos orgãos de fogo.”